



Universidade de Évora - Escola de Artes

Mestrado Integrado em Arquitetura

Dissertação

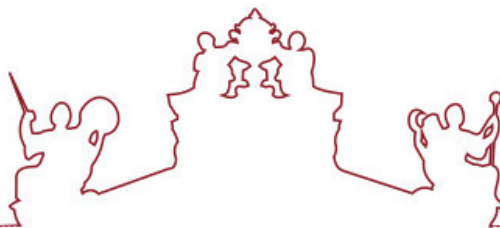
**Atalhias Monsaraz: Pontos Singulares. Uma proposta de
arquitetura para experiências de solitude**

Fábio Emanuel Lopes da Silva

Orientador(es) | Pedro Lagrifa Oliveira
Jorge Croce Rivera

Évora 2024





Universidade de Évora - Escola de Artes

Mestrado Integrado em Arquitetura

Dissertação

**Atalhias Monsaraz: Pontos Singulares. Uma proposta de
arquitetura para experiências de solitude**

Fábio Emanuel Lopes da Silva

Orientador(es) | Pedro Lagrifa Oliveira

Jorge Croce Rivera

Évora 2024



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Artes:

Presidente | Maria Teresa Alves (Universidade de Évora)

Vogais | Jorge Croce Rivera (Universidade de Évora) (Orientador)
Pedro Maurício de Loureiro Costa Borges (Universidade de Coimbra - Faculdade de Ciência e Tecnologia) (Arguente)

ATALAIAS DE MONSARAZ: PONTOS SINGULARES

Uma proposta de arquitetura para experiências de solitude

MONSARAZ ATALAIAS: SINGULAR POINTS
An architectural proposal for experiences of solitude

Fábio Silva

Orientadores: Arq. Pedro Oliveira e Prof. Jorge Croce Rivera



ilustração do autor

Agradecimentos

Aos meus pais, por tudo, sobretudo pelos silêncios sábios e confortantes.

Aos meus gatos, seres profundamente inspiradores.

Aos meus amigos, todos, pelas palavras e conselhos esperançosos,

Ao Gabriel e ao Fábio, que se juntaram às longas caminhadas pelo território, e se arriscaram a (quase) perder os drones.

À Catarina pela revisão dos textos, pelas palavras encorajadoras, e por limar ternamente a minha teimosia.

Ao arquiteto Pedro Oliveira, professor no meu 4º ano, com quem trabalho há longos anos, e que com quem aprendi que a arquitetura é um exercício apaixonante, com um propósito existencial, e pelo o qual, mesmo perante a adversidade da prática, vale a pena ser otimista.

E ao professor Jorge Croce Rivera pelo sábio acompanhamento, incentivo, pela disponibilidade e partilha de conhecimento, por ajudar-me a pensar e a clarificar, e por fazer recordar-me, muitas vezes, da importância em concluir este trabalho.

MONSARAZ ATALAIAS: SINGULAR POINTS
An architectural proposal for experiences of solitude

Abstract

Key-words . territory . surveillance . atalaia . architecture . solitude.

This dissertation outlines an architectural proposal for solitude experiences, from a set of singular points in the landscape, surrounding Monsaraz - The "Atalaias" of Monsaraz. These small structures, perched on hilltops and watchful slopes, marked the first line of a defensive system that observed the imaginary boundaries of a border territory. To intervene in these places involves understanding their systemic nature, their vocation, and reflecting on their importance in the face of the challenges presented by the new landscape of the Alqueva Lake. This work explores project practice as research and proposes finding an architectural expression for the individual's encounter with the elementary feelings provided by architecture - through silence, light and solitude - from a contemplative space, a "cloister" as a spatial and formal reference, which organizes a simple program for living and thinking: a shelter for the imagination.

Resumo

Palavras-chave . território . vigilância . atalaia . arquitectura . solitude.

Esta dissertação ensaia uma proposta de arquitetura para experiências de solitude, a partir de um conjunto de pontos singulares na paisagem, em torno de Monsaraz — As Atalaias do Termo de Monsaraz. Estas pequenas construções, pousadas em cumes, festos, e encostas vigilantes, desenharam a primeira linha de um sistema defensivo que observava os limites imaginários de um território fronteira. Intervir nestes lugares, passa por compreender a sua natureza sistémica, a sua vocação, e refletir sobre a sua importância perante os desafios veiculados pela nova paisagem do lago de Alqueva.

Este trabalho explora a prática de projeto, enquanto investigação, e propõe encontrar uma expressão arquitetónica, para o encontro do indivíduo com os sentimentos elementares proporcionados pela arquitetura — através do silêncio, da luz e da solitude — a partir de um espaço contemplativo, um “claustro” como referência espacial e formal, que organiza um programa simples para viver e pensar: um abrigo para imaginação.

Esta dissertação está redigida segundo o Novo Acordo Ortográfico.

Em todas as citações foi respeitada a grafia original.

Todos os elementos gráficos não numerados neste trabalho foram elaborados pelo o Autor.

Índice

Introdução

Objectivos, metodologia e estrutura

I. A Paisagem do Rio: a planície e o vale *págs. 03-72*

- O espaço da paisagem, *05*
- Uma paisagem entre paisagens, *07*
- O relevo: os festos e os vales numa planície, *11*
- A estrutura geológica, *13*
- Os rios e os afluentes, *15*
- A organização do espaço: das primeiras ocupações à definição de um território, *17*
- O Termo: um território para habitar, *19*
- A fronteira: a condição de um limite imaginado, *21*
- Monsaraz: uma fortaleza vigilante, *25*
- A fortaleza Medieval, *27*
- A fortaleza Seiscentista, *33*
- Defesa e vigilância: atalaias em pontos singulares no território, *37*
- A configuração de um sistema vigilante, *43*
- As Atalaias do Termo de Monsaraz: objectos e lugares, *47*

II. A Paisagem do Lago: a planície inundada *págs 73-90*

- A transformação: o lago como metáfora de encontro, *83*
- As atalaias: uma nova condição contemplativa, *85*
- Pontos Singulares: os lugares e as atmosferas, *86*

III. Imaginar um novo programa: uma proposta de arquitectura para experiências de solitude *págs 91-144*

- Lugares para pensar: um abrigo para imaginação, *93*
- A proposta: Um "claustro" desenhado a partir de uma matriz clássica regular, *95*

Cinco Atalaias, cinco casas, págs 97-144

- Casa da Atalaia das Canas, *99*
- Casa da Atalaia da Serra da Barrada, *107*
- Casa da Atalaia de Cabeços da Rainha, *115*
- Casa da Atalaia de S. Gens, *123*
- Casa da Atalaia do Trafal, *131*

Variações sobre o mesmo tema, *141*

Sistema construtivo, *143*

Considerações Finais, 147

Referências Bibliográficas, 149

Índice de Figuras, 153

Introdução

Tema, metodologia, estrutura e objectivos

Este trabalho surge no âmbito da investigação realizada nas cadeiras de projeto avançado do Mestrado Integrado em Arquitetura da Universidade de Évora em 2012 — “A Paisagem como tema: registos no território, unidades produtivas e observatórios do céu” — sobre a paisagem do Vale Guadiana, no Alentejo Central, uma década após a construção da barragem do Alqueva. A investigação reuniu alunos e professores para estudar e debater, do ponto de vista da disciplina, um território marcado por uma transformação profunda em que as memórias físicas e palpáveis de uma ocupação milenar se desintegraram perante os novos limites do Guadiana - o grande lago. Quando se olha para a sua vastidão, ainda se sente e ouve a sonoridade do movimento do Rio. Nele guardam-se as memórias de uma geografia que atraiu a ocupação humana para este território e que, há 2000 anos, despertou um longo processo de sedentarização. Hoje, o lago apresenta-nos uma nova forma de olhar e de habitar este lugar. Que reflexão podemos acrescentar a esta nova paisagem através do processo analítico e criativo da arquitetura? Compreender o território pressupõe disponibilidade para percorrê-lo e reconhecer na sua estrutura um denso património cultural. Embora a investigação se tenha centrado, sobretudo, na prospeção de estruturas, ou construções consolidadas — grandes herdades e unidades produtivas, montes ou monumentos megalíticos que convocavam a observação do Céu — outras estruturas emergiram durante o ato de caminhar pelo território: as Atalaias, pequenas torres maciças implantadas em pontos singulares — cumes, linhas de fecho e lugares estratégicos de atravessamento do rio — que organizaram a primeira linha de um sistema defensivo, de vigilância, observação e comunicação. As atalaias, enquanto elemento arquitetónico, abstrato e sensorial, convocam a possibilidade de trabalhar com o conceito de Tempo, como elemento representativo da identidade desses lugares e potenciar, no imaginário, novos programas de arquitetura.

Neste trabalho propomos:

1. A reconstrução das ruínas das atalaias e a construção de um novo espaço, desenhado a partir das características particulares de cada lugar que, apesar de distantes e diferentes entre si, constituem uma única intervenção e constroem um conjunto arquitetónico uno.
2. Reinventar um novo programa e um novo sentido de lugar: uma proposta para experiências de solitude.

Este desígnio transporta-nos para o imaginário de habitar lugares na sua forma mais primitiva, numa profunda e estreita relação com a natureza, na procura do ser existencial, que observamos nas experiências de solitude de personalidades marcantes do início do séc. XX como Virginia Wolf, Gustav Mahler ou Martin Heidegger, que encontraram, em pequenas construções, “cabanas” em lugares ermos, o distanciamento do mundo necessário para o seu processo de auto-conhecimento, clareza de pensamento e/ou devaneios criativos.

Nas atalaias emerge um sentido novo de lugar. São discretos lugares da experiência solitária: abrem-se vigilantes, mas resguardam-se do olhar alheio.

Nas atalaias, algo da cabana, do retiro e da torre converge num lugar destacado, concentrado em si, sólido, limítrofe do céu e da terra.

São as marcas deixadas pelas ocupações anteriores do território que determinam as arquiteturas ao longo dos tempos e nos dão hoje instrumentos para compreender as formas de habitar, os seus significados, a sua organização, e abrem caminhos para a possibilidade de reinventar novos programas arquitetónicos.

O tema "Atalaias de Monsaraz: pontos singulares: uma proposta de arquitetura para experiências de solitude" compreende 3 objetivos:

1. Recuar no tempo, compreender a paisagem, e estudar as formas como o Homem se estabelecia e organizava no território.

As atalaias representam a memória de um sistema defensivo, vigilante de um vasto território. O que significavam? Como se tomaram num "tipo" arquitetónico? Quais os processos construtivos? Que relações estabeleceram entre si e as fortificações? Que caminhos desenharam e o que hoje representam? Como podemos dar um novo sentido a estas construções, de natureza tão clara e pragmática, determinantes na construção da paisagem?

2. Reinventar um novo programa: a experiência da solitude.

A intensidade da vida urbana leva-nos a valorizar, em lugares ermos, características particulares para o distanciamento do mundo, da modernidade, e experimentar o silêncio e a contemplação. Neles experimentamos o tempo e o espaço na sua essência, como uma extensão do próprio corpo: uma forma de habitar primitiva que encontra no processo de separação do "mundo" e na estreita relação com a natureza, o caminho para um pensamento crítico que se expressa nas mais diferentes linguagens e experimentações criativas.

Que características particulares têm esses espaços e/ou lugares?

O que leva um indivíduo a este processo de afastamento e separação do mundo, de despojamento do que é supérfluo, como um ato voluntário e positivo, e encontra, na forma mais primitiva de habitar, a sua essência?

3. Desenhar um projeto de arquitetura e construir um novo sentido de lugar

Nas características endémicas das atalaias encontramos os fundamentos e a tensão, necessária, para a experiência estética e sensorial de viver em solitude. É a partir desta tensão que a dissertação explora a prática de projeto em arquitetura e propõe dar um novo sentido a esses lugares com a construção de um espaço para viver e pensar: um abrigo para a imaginação, que se materializa através de um "claustro" enterrado — referência espacial e formal — que revisita um tema central na arquitectura e recentra a experiência do habitar através da dicotomia interior e exterior, luz e sombra, matéria e vazio, e na relação cuidada que estabelece com a paisagem e com o tempo, a partir de dentro e para dentro. É um espaço desenhado a partir da topografia e das características de cada atalaia que, adormecidas nos seus lugares, continuam a preservar a memória e a matriz de um conjunto arquitetónico único e vigilante da paisagem.

fig. 01 Rio Guadiana

Local de implantação da Barragem do Alqueva, na Páscoa de 1975,
visto da margem esquerda do Guadiana

fonte: Silva, António Carlos, *Salvamento Arqueológico no Guadiana*, 1999, p. 31

imagem formatada pelo autor



01

I. A Paisagem do Rio
a planície e o vale



"(...) porque o espaço é contínuo e porque o tempo é uma das suas dimensões (...) um espaço organizado nunca pode vir a ser o que já foi (...) destas duas características do espaço - continuidade e irreversibilidade - uma consequência da outra, na medida em que ao falar de continuidade física pressupomos dimensões, e entre estas pressupomos o tempo, (...) a organização do espaço, como actividade, pertence a todos os homens, (...) em graus diferentes de intensidade e até de responsabilidade, mas, de qualquer modo, obra que nenhum homem pode eximir-se."

(TÁVORA, 2007, pág.19)

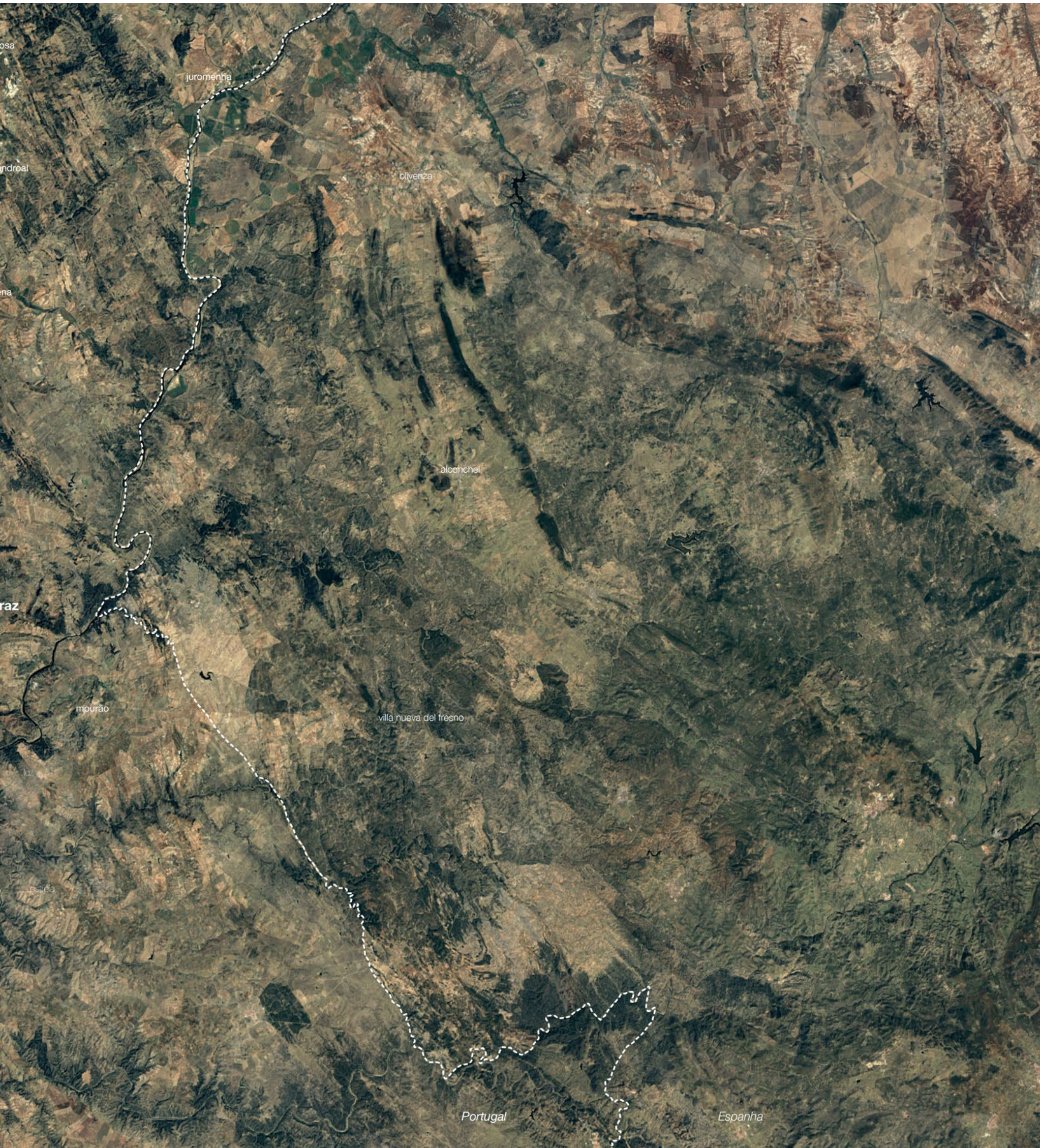


fig. 02 o espaço da paisagem
ilustração do autor
a partir de ortofotomapa de 1997, google earth

o espaço da paisagem

O Rio, no seu movimento e equilíbrio natural, marcava o ritmo e a estrutura de um vasto território. Da interação desse movimento com os vários processos biológicos resultou a variedade de formas que moldaram este lugar geográfico e que, com o Homem, construíram uma paisagem: o Alentejo. Para olharmos para esta paisagem enquanto matéria palpável, a partir da qual podemos operar, socorremo-nos de uma clarificação de Rosario Assunto sobre os termos paisagem, ambiente e território, definições distintas, embora interdependentes e indissociáveis. Essa clarificação, para este trabalho, serve, não como uma aceção absoluta, ou definitiva desses termos, mas como um exercício de abstração a que podemos aceder – formas ou perspectivas de compreender a paisagem ou este lugar – para estruturar o pensamento perante aquilo que propomos dizer ou alcançar.

O autor define o conceito de paisagem como “forma” que o ambiente confere ao território.

Ao território atribui um significado quase exclusivamente espacial: “(...) por território entende-se uma extensão mais ou menos vasta da superfície terrestre, que pode ser delimitada segundo divisões geofísicas, segundo diferenças linguísticas, segundo delimitações político-administrativas que podem coincidir com os limites geofísicos ou ignorá-los (...)”.

Ao conceito de ambiente atribui dois significados: um biológico que entende como “(...) condições de vida física favorecidas ou contrariadas pelas configurações de certas localidades (longitude, latitude, altitude, exposição solar, precipitações, temperaturas sazonais, conformação geológica do solo e do subsolo, hidrografia (...)); e um segundo, histórico-cultural, “(...) consoante em certas localidades predomine a cidade ou o campo, a agricultura ou a indústria, o comércio ou a pastorícia, (...) consoante os costumes, as tradições, a moral corrente e a unidade ou multiplicidade das confissões e dos cultos (...) e os testemunhos artísticos locais, influenciando de modo diferente o ambiente conforme os períodos históricos nos quais tiveram maior ou menor prosperidade (...)”.

O conceito de paisagem chega depois de território e ambiente como “(...) ‘forma’ que o ambiente (‘função’ ou ‘conteúdo’, podemos chamá-lo assim, empregando os termos da crítica literária e artística) confere ao território como ‘matéria’ de que ele se serve. Ou melhor, se quisermos ser mais precisos, ‘paisagem’ é a ‘forma’ na qual se exprime a unidade sintética à priori (no sentido Kantiano: não a ‘unificação’ de dados recebidos separadamente, mas a unidade necessária que condiciona o seu apresentar-se na consciência) da ‘matéria’ (território) e do ‘conteúdo-ou-função’ (ambiente)”. (ASSUNTO, citado por SERRÃO, 2011, págs.126-129).

O autor não propõe uma definição em abstrato ou artificial do conceito de paisagem. Afirma que qualquer pessoa pode verificar o carácter concreto dessa definição, desde que procure refletir sobre como nenhum território ou ambiente se dão a conhecer como tal, uma vez que, estes são condições que podemos aceder apenas com um esforço de abstração do carácter concreto da paisagem. Paisagem que vivemos e experienciamos como “território” e “ambiente” na sua unidade indissolúvel. Essa unidade que se apresenta na nossa consciência é, no final, uma forma cultural de olhar uma circunstância concreta de tempo.

Este ensaio, para o exercício e os desafios da disciplina de arquitetura, torna-se determinante para o processo de pensar e intervir na paisagem. Em primeira instância, para o seu entendimento e “construção”, ao qual conseguimos aceder como “camadas” que, em abstrato, se ligam e desligam, sobrepostas ou isoladas entre si, perante algo que queremos compreender ou uma narrativa que propomos considerar. Em segunda instância, para a sua aplicabilidade e/ou finalidade prática, em como um pensamento se torna matéria e espaço e modifica (reescreve) a paisagem.

Esta clarificação de conceitos é uma “lente”, da qual partimos, para compreender a paisagem do Vale do Guadiana, no entorno de Monsaraz, não de uma forma inteira, mas, de uma perspectiva particular, a de um território que existe encostado a uma linha (limite) geopolítica e cultural – a fronteira, no qual as características físicas matriciais do ambiente biológico – os vales, as serras e o rio – foram elementos naturais preponderantes que marcaram os assentos e determinaram as formas de o habitar, vigiar e defender.



uma paisagem entre paisagens

os montados, os campos abertos e as serras.

Monsaraz desenvolve-se sobre o festo de um monte que se destaca das terras planas atravessadas pelo Rio Guadiana. A poente, estende-se uma planície suave desenhada de mosaicos agrícolas com uma malha larga associada a usos extensivos e à prevalência da grande propriedade. (Ainda encontramos alguns minifúndios que remontam à primeira reforma agrária de D. Manuel, no séc. XVI, que resistiram no tempo). A nascente, a raia de Espanha e o curso do Rio que rompe pelo mato mediterrânico. Alcançam-se paisagens de campos abertos, vastos, sem serem monótonos, com enormes variações cromáticas ao longo do ano, sobre os quais incide uma forte luminosidade e se manifesta uma graciosa quietude. Os horizontes são linhas longínquas, pouco recortadas, onde pousa um céu imenso. Dessa suave ondulação sobressaem pequenas serras: para norte e mais próxima, a da Barrada, depois a Serra d'Ossa, mais distante, e para sul, avista-se a Serra de Portel. Os vales, que se encaixam entre festos, fazem notar-se pela vegetação ripícola que acompanha as linhas de água menos expressivas, e pelas encostas, ora aplanadas, ora acidentadas, do curso do Guadiana e principais afluentes. É uma paisagem entre paisagens que pertence ao Alentejo Central. Neste lugar geográfico, as temperaturas e precipitações correspondem a um clima com características mediterrâneas e continentais, com uma prolongada estação seca, invernos moderados a frescos e verões quentes a muito quentes, assim como grandes amplitudes diárias de temperatura. (D' ABREU, Volume V, 2004, pág. 11)

As características desta unidade de paisagem estendem-se, ao longo de um vasto território, sobre as formas (morfologia) que correspondem à peneplanície de Alto Alentejo. Destacam-se as Serras de Ossa, Monfurado e de Portel, o maciço calcário de Estremoz-Borba-Vila Viçosa, os terraços fluviais do curso do Guadiana e a peneplanície degradada da zona de Montemor-o-Novo e Arraiolos. Estas combinam-se com as características das paisagens do Alentejo litoral e do Baixo Alentejo. Nos solos, afloram os granitos e os xistos que marcam e dão expressão à planície, por longos festos de caminhos de trânsito fácil, onde, pontualmente, se fazem sentir os calcários. Sobre estas formações geológicas desenvolvem-se os montados, vibram as cores e as texturas das terras que variam com a sazonalidade das culturas agrícolas aí praticadas, ou com a diversidade das espécies autóctones que persistem ou resistem à intervenção do Homem, e aí renascem. Falamos do carrasco, do medronheiro, do alecrim, do rosmaninho da urze ou da esteva. Na proximidade de Évora, tocam-se as três bacias hidrográficas que organizam e drenam este vasto território: o Tejo, o Guadiana e o Sado. No encontro com o Sado, a bacia baixa do Guadiana altera o seu caminho e estrutura-se numa direção descendente, paralela à faixa costeira atlântica, até ao Oceano no sul. O território do Alentejo oriental é marcado pelo Vale do Rio Guadiana. É o elemento visceral e aglutinador numa paisagem com características predominante secas, na qual, entre caprichos e caudais irregulares, persistiu sempre em fazer o seu caminho, tornando-se no bem mais precioso e indispensável para o longo processo de ocupação e sedentarização que o Homem iniciou, há milhares de anos, neste lugar geográfico.

fig. 03 Grupo de Unidades de paisagem - Alentejo Central
desenho do autor
a partir de cartografia em
"Contributos para a Identificação e
Caracterização da Paisagem em Portugal Continental",
Volume 5

fig. 04 Paisagem de Monsaraz
Autor: Artur Pastor
Monsaraz, panorâmica
Arquivo Municipal de Lisboa
Código de Referência: PT/AMLSB/ART/009/003624



05

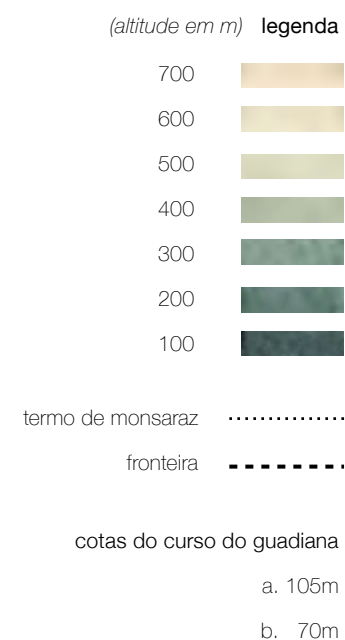
fig. 05 Guadiana (1997-1998) [linha 19_#281]
Rio Guadiana por Duarte Belo
fonte: <https://www.duartebelo.com/15-exposicao/151-paginas/330-foto281.html>



06

fig. 06 Guadiana (1997-1998) [linha 19_#287]
Rio Guadiana por Duarte Belo
(fonte: <https://www.duartebelo.com/15-exposicao/151-paginas/336-foto287.html>)

cartografia do relevo do vale do guadiana



07



O relevo da planície

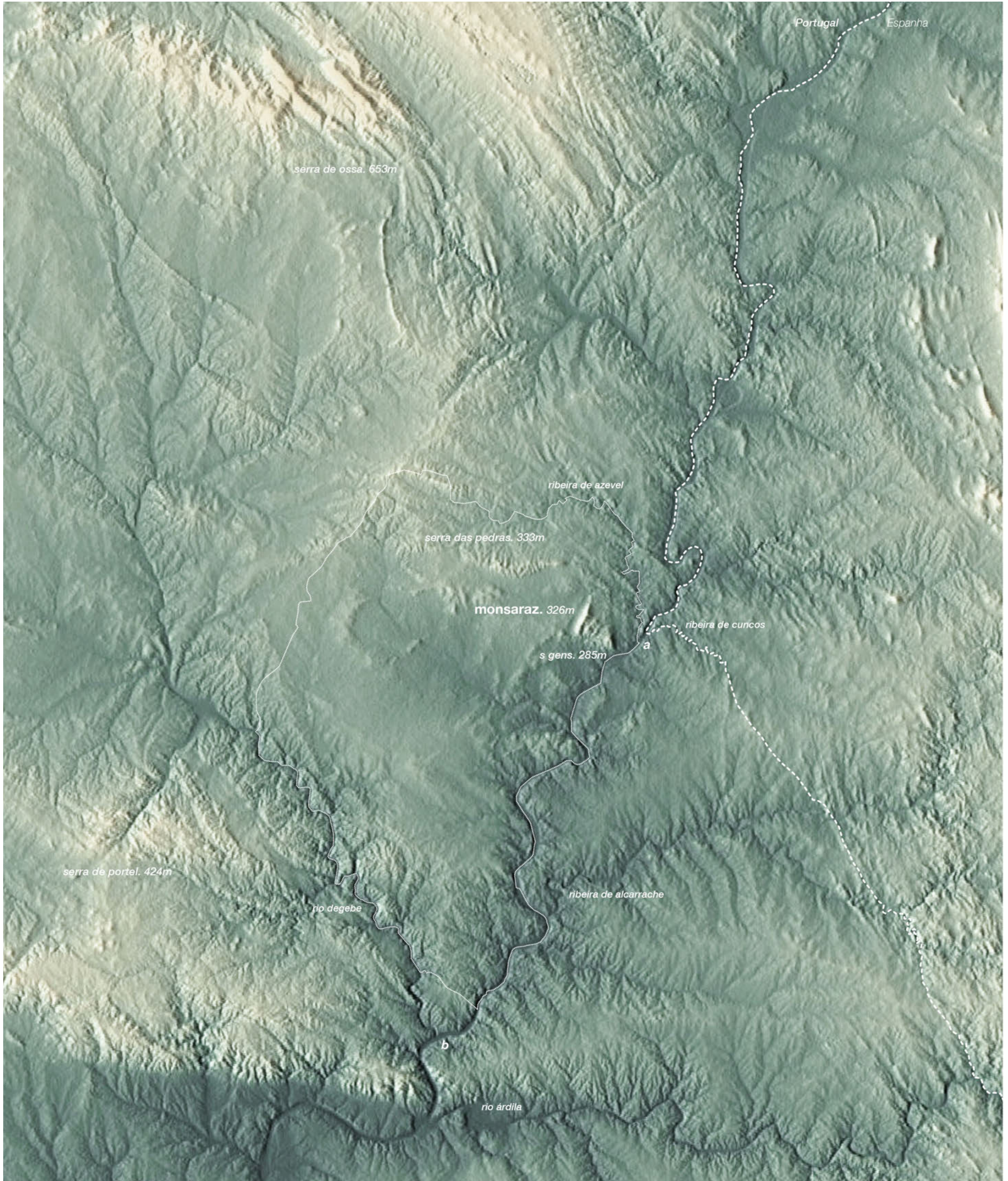
os festos, os vales, o rio e as serras

A cartografia propõe, em abstrato, descobrir o “corpo” da paisagem – os relevos que moldam e caracterizam este território. O vale sulcado pelo Rio Guadiana é o elemento geomorfológico com maior expressividade. As movimentações tectónicas, os climas e a vida à superfície, desenharam o seu percurso, sinuoso, de declive pouco acentuado. Perde cerca de 35 metros, na passagem por Monsaraz, entre a Ribeira de Azevel **(a)** e o Rio Degebe **(b)**. Corre, em direção ao sul, para encontrar o Atlântico. Atravessa a planície do Alentejo (oriental) alimentado pelas nascentes e chuvas que caem da atmosfera e drenam pelos vales, a diferentes velocidades, ao seu encontro. Destacam-se os vales dos Rios Degebe e Ardila como principais afluentes e os cursos das Ribeiras de Azevel, Álamo, Alcarrache e Lucefécit, caminhos secundários menos expressivos. Conseguimos ler duas falhas estruturais, discretas, como duas cicatrizes absorvidas pelo tempo. Movem-se pelo interior da Terra, à margem da nossa perceção e numa outra escala de tempo; a falha de Messejana que se cruza com o curso do Degebe e a de Vidigueira-Moura que se evidencia pela da Serra de Portel, (ver fig.⁰⁹).

Os vales apertados com encostas acentuadas contrastam com longos festos que se suavizam pelos campos, à medida que se afastam do curso principal do Rio e principais afluentes. Na cartografia, vemos uma estrutura orgânica, um elemento vivo que se redesenha numa mutação lenta e sem pressa, num tempo que não é nem individual nem coletivo, mas da paisagem. Monsaraz surge sobre um monte, a elevação mais significativa e dominante do seu entorno, próxima do Rio. Olha para este de cima, entende o seu movimento. Foi, a partir dele, que se demarcou um território: o Termo (nota) - um limite imaginado, desenhado sobre o curso do Guadiana, do Degebe e da Ribeira de Azevel no séc. XIII. Mantém-se até hoje. Este território divide-se em duas zonas topograficamente distintas — uma, plana e suave, de terras de granitos, que se estende a poente, com uma altitude que varia entre 150 e os 200 metros; e uma outra, acidentada de xistos — no qual se destacam a Serra das Pedras (333 m), o monte alongado de Monsaraz (325 m), onde foi edificada a Vila, e o cume de São Gens (285 m). Adoça-se a um outro limite imaginado – a fronteira. Uma separação política e cultural entre dois povos, desenhada sobre o curso do Guadiana, a norte, a partir do Rio Caia, e do qual se separa ao encontrar a Ribeira de Cuncos, seguindo para leste. Volta ao Guadiana quando este recebe o Rio Chança, a sul, junto ao Pomarão, e segue até ao Oceano. Estes limites são os territórios inventados pelo Homem para o habitar, não existem além da consciência, não existem no ambiente biológico matricial, que é contínuo e irreversível, mas no ambiente cultural que imaginámos e construímos, a partir de uma circunstância histórico-cultural, sobre o corpo da paisagem.

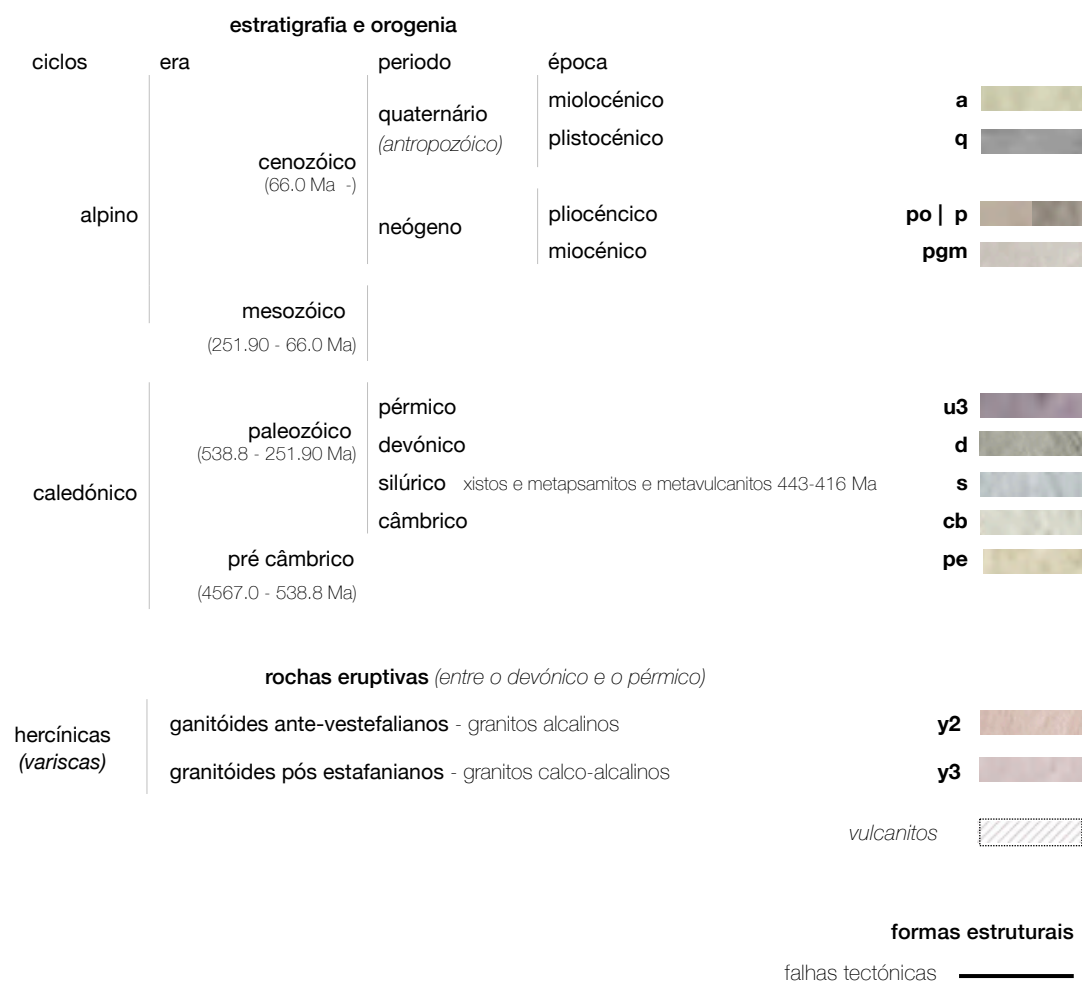
“A paisagem é o lugar onde a terra e o céu se tocam.”
(CORAJOURD, citado por SERRÃO, 2011, pág.215)
Como um pano que, pousado sobre o corpo, revela as suas formas, se molda e adapta no tempo.

fig. 07 Cristo Velato
Giuseppe Sanmartino,
Capela de Sansevero, 1753, Nápoles
imagem disponível em <https://artsupp.com/en/artists/giuseppe-sanmartino/cristo-velato>



08

fig. 08 Cartografia do relevo do Vale do Guadiana
Desenho e adaptação do autor a partir de cartografia
disponível em <https://maps-for-free.com/#close>



As formações geológicas

a estrutura matricial do ambiente biológico

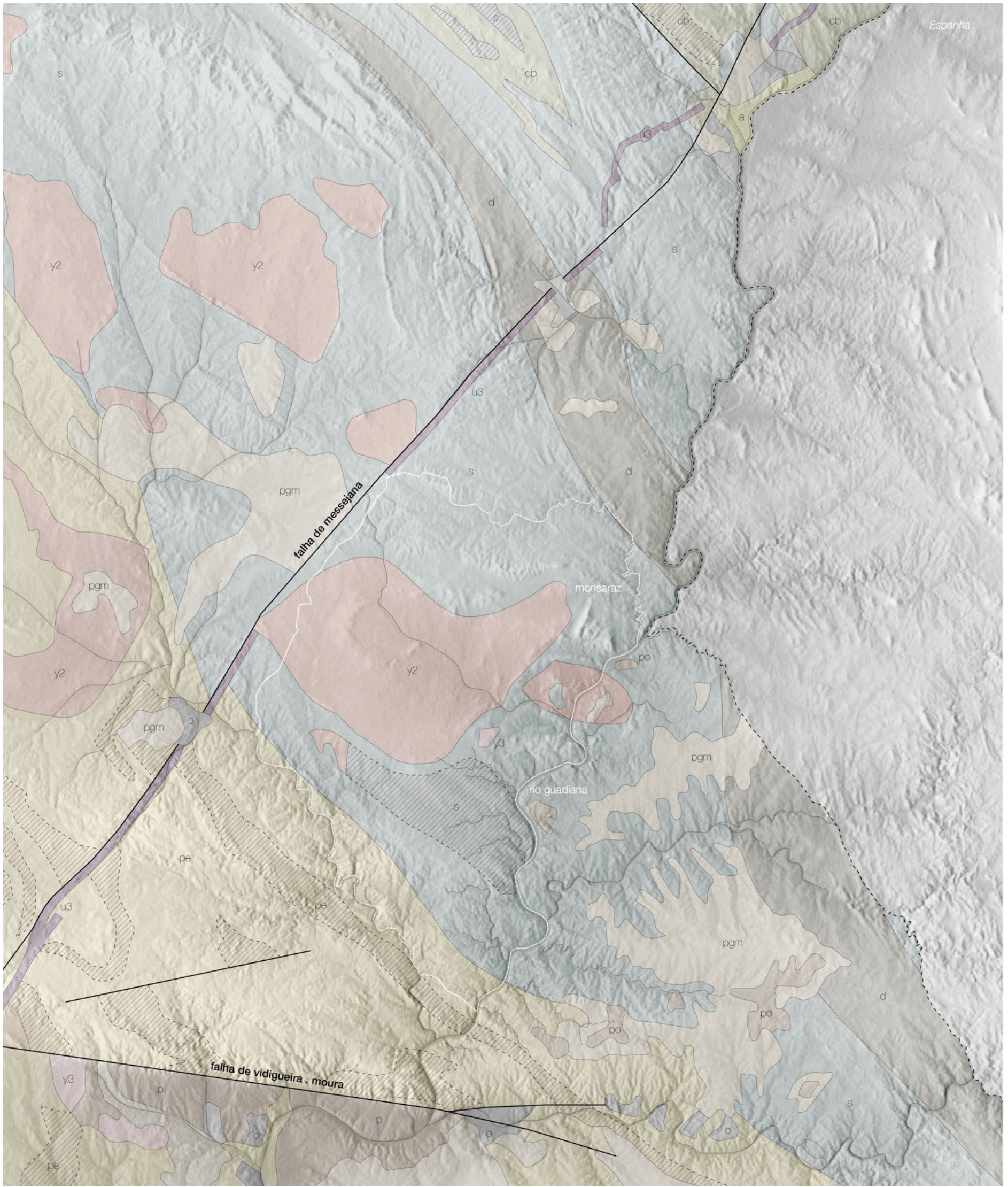
A estrutura geológica é a matéria matricial da paisagem. Movimenta-se alheia à nossa percepção e constrói as formas, as texturas, as cores e as características dos solos que tocamos. Esta paisagem encontra-se no Maciço Hespérico (designado também por Antigo ou Ibérico) – Zona de Ossa Morena – o setor mais ocidental do soco Hercínico (ou Varisco)* Europeu, delimitado, a norte, pela cordilheira Cantábrica, a sul, pela Serra Morena e, a este, pela Cordilheira Ibérica. É formado, essencialmente, por rochas com idades entre as Eras do Pré-câmbrico e Paleozóico Superior (4567,0 - 251,90 Ma). A diversidade e complexidade geológica verificadas, nesta grande unidade, levaram o geólogo Franz Lotze a proceder, em 1945, à sua subdivisão em seis zonas principais: Zona Cantábrica, Zona Oeste-Astúrica-Leonesa, Zona Galaico-Castelhana, Zona Lusitana-Alcudiana, Zona de Ossa Morena e Zona Sul Portuguesa.

A Zona de Ossa Morena desenvolve-se, a sul da Zona Centro-Ibérica e a norte da Zona Sul Portuguesa. Com uma topografia relativamente moderada, caracteriza-se pela predominância de rochas metamórficas, principalmente os xistos de cores escuras – formados pelo metamorfismo de argilas e lodos – e grauvaques, resultantes de lavas e cinzas vulcânicas. Além das rochas metamórficas, esta zona é também marcada pela intrusão de rochas magmáticas, processo a partir do qual se formaram corpos intrusivos como os granitos e os gabros.

O território de Monsaraz encontra-se sobre o setor Estremoz-Barrancos. Aqui, afloram rochas com idades compreendidas entre o Câmbrico e o Devónico (Carta Geológica de Portugal, folha 6, LNEG, 2021).

Desenvolvem-se duas formações geológicas principais: rochas do período Silúrico – xistos, metapsamitos e metavulcanitos básicos, (443 - 416 Ma) **(s)**, e as rochas eruptivas, entre o Devónico e o Pérmico, granodioritos e tonalitos, (338-337 Ma) **(y2)**. A sul do território, ao logo do Rio Degebe, identificam-se ainda rochas da Era do Pré-Câmbrico - metapsamitos, metagrauvaques e xistos (4567 - 538 Ma) **(pe)**. Quando cruzamos as duas cartografias – a dos relevos e a da estrutura geológica – compreendemos como as formações rochosas dão forma e expressão ao território. Os xistos definem os vales encaixados do Rio, dos seus afluentes e dão forma às serras que se elevam sobre a planície. Os granitos, estendidos a poente, e numa pequena bolsa que atravessa o Rio, a sul de Monsaraz, aplanam as formas e dão lugar a uma topografia suave e ondulante que contrasta com o vigor acidentado dos xistos. Na expressividade das formas, facilmente, descobrimos duas falhas estruturais significativas (com evidências de atividade nos últimos 3,5 Ma): a falha de Messejana, que passa a nascente do Termo de Monsaraz com orientação nordeste-sudoeste; e a de Vidigueira-Moura, que percorre a Serra de Portel numa orientação este-oeste. Sobre os granitos e granitoides, em locais mais acidentados, encontram-se, particularmente, os solos litólicos não húmicos e manchas de litossolos. Nos relevos mais suaves, predominam os solos mediterrâneos normais e os barros. Nos xistos, nas situações em que o relevo é muito acentuado, predominam os litossolos e os solos mediterrâneos normais e, naquelas em que as formas se aplanam, prevalecem os solos mediterrânicos normais. Quando olhamos para a paisagem de Monsaraz, observamos os vermelhos e castanhos-escuros dos xistos, por onde medram os matos mediterrânicos e os montados, e os cinzas dos granitos e granodioritos que afloram à superfície e pontuam os seus vazios.

* Os termos Hercínico ou Varisco foram estabelecidos para descrever os processos orogénicos que tiveram lugar entre os períodos Devónico e o Carbónico superior (antes do pérmico), e que conduziram à formação do supercontinente Pangea, consequência da colisão da Laurasia e Gondwana

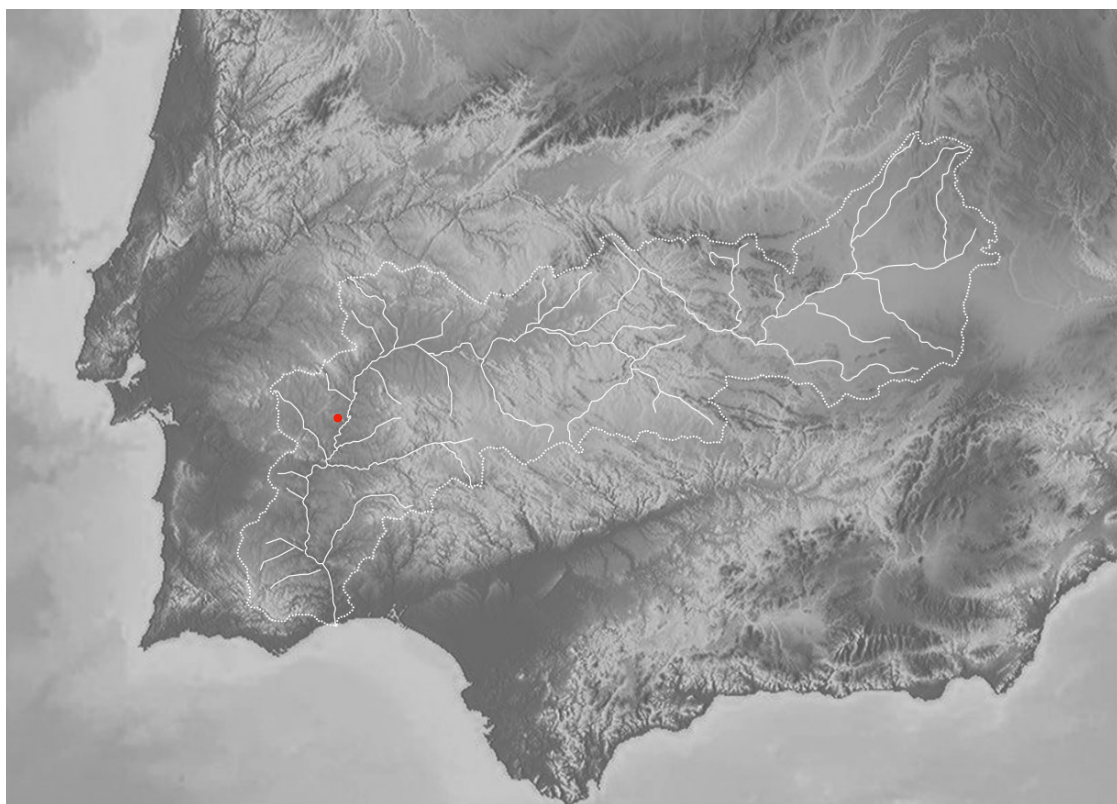


09

fig. 09 Cartografia geológica do Vale do Guadiana
 Desenho e adaptação do autor a partir de cartografia disponível em <https://maps-for-free.com/#close> e na cartografia geológica Real, F. C. de Sousa (cartógrafo), Comissão Nacional do Ambiente, 1982 disponível em <https://almamater.uc.pt/item/44897>

legendas

- rio guadiana —————
- afuentes —————
- termo de monsaraz ·········
- fronteira - - - - -



Como em qualquer bacia hidrográfica, todas as cabeceiras de todos os vales correm os seus subafluentes, e afluentes não são mais do que rasgos na superfície do relevo, produzidos pela erosão das águas pluviais e de escorrência, escavando e fazendo recuar barrancos e torrentes que depois convergem em vales cada vez mais importantes que canalizam até ao rio principal as águas de toda a bacia e montante, quer as que escorrem em superfície, quer as que se infiltram no solo, para reaparecerem e aí, sim, em múltiplas nascentes ao longo desses vales. E é assim que o Guadiana alimenta e engrossa o caudal à custa de toda a pluviosidade que cai na sua enorme bacia.

(CARVALHO, 2000, pág.2)

O rio e os afluentes

o elemento vital deste território

O Guadiana nasce, em Espanha, na submeseta Sul da Meseta Ibérica (Mancha), a partir de rios, ribeiras e aquíferos que encontram o seu caminho nas formações montanhosas dos Montes de Toledo (1400 m), na Serra Morena (1000m) e nas serras do sistema Ibérico (1000m). Percorre mais de 800 km pelo soco do Maciço Antigo, até desaguar no Oceano Atlântico. O curso alto e médio movimenta-se em território espanhol, numa direção leste-oeste e, quando entra em Portugal, o curso baixo, adota um traçado quase norte-sul, paralelo à fachada atlântica pronunciada pelas bacias do Tejo e do Sado. Percorre cerca de 260 km, dos quais 110 km são fronteira, sobre a peneplanície aplanada do Alentejo Oriental, da qual reúne grande parte das suas águas. As formas geológicas estruturais modelaram o percurso e estabeleceram a rede hidrográfica que o alimenta. "Apresenta diversos acidentes locais, (...). Os mais notáveis são a larga planície aluvial onde o Rio se espraia entre Mérida e Badajoz e o vale encaixado que lhe sucede, desde a fronteira onde corre a 158 m, até ao Pulo do Lobo a 26 metros de altitude. O vale aperta-se em garganta ao atravessar o bloco levantado da Serra de Portel (...) e alarga-se um pouco a seguir, entre os terraços escalonados da bacia tectónica da Vidigueira, para se apertar outra vez a jusante, num vale estreito e de traçado anguloso que continua até perto do mar." (DAVEAU, citada por SILVA, 1999, pág 13). É navegável nos últimos 48 km entre o Pomarão e a Foz. Neste troço, que observamos na cartografia, entre Juromenha, a norte, e Moura, a sul, o curso movimenta-se por terrenos quase sempre dominados por xistos e pelo mato mediterrânico. Ladeado de terraços aluviais que se alargam nas retortas, onde as mudanças de direção se fazem mais acentuadas e, pelas encostas aplanadas, cobertas por calhaus rolados, que se encontram com os longos areões nas margens tocadas pela água. Passa por Monsaraz, a uma cota de 105 metros. Na proximidade da Ribeira de Cuncos, recebe o Rio Degebe, à cota 70 metros, e atravessa a falha de Vidigueira-Moura, pelo vale apertado da Serra de Portel, encontrando o Rio Árdila à cota de 60 metros. A planície dá lugar a um relevo fortemente ondulado, quando se aproxima dos vales e dos seus principais afluentes, com encostas vigorosas e declives bastante acentuados. Na margem direita, encontram-se as Ribeiras de Lucefécit, Azevel, do Álamo e o Rio Degebe e, na esquerda, as Ribeiras de Cuncos, Alcarrache, Zebro e o Rio Árdila. É um Rio de caprichos, muitas vezes, traiçoeiros e desconcertantes, refletidos na diversidade de paisagens que o acompanham ao longo do seu percurso até ao Oceano. Raramente representa um obstáculo ao seu atravessamento, sobretudo, nos vaus ou "portos" que pontuam o seu caminho. Esta conexão transversal e a permeabilidade com o território atraíram, para as suas margens, um conjunto de atividades essenciais à subsistência das comunidades, que nos deixaram um vasto património cultural. O leito e as formações rochosas orientaram as escolhas e facilitaram a construção de açudes e levadas. Ao longo do curso, as estruturas moageiras complementaram-se com sistemas fixos de pesca ou com pequenas barcas rudimentares. Desenvolveram-se técnicas hidráulicas de transporte, recolha e reserva de água que nutriram as gentes e as culturas agrícolas. O Guadiana, enquanto grande rio do sudoeste ibérico, representou, perante o contexto de um clima austero, uma fonte importante para o assentamento dos povos e a constituição de territórios. É um dos principais protagonistas na construção desta paisagem.



fig. 10 Bacia Hidrográfica do Rio Guadiana

Desenho e adaptação do autor a partir de cartografia disponível em <https://maps-for-free.com/#close>

fig. 11 O curso baixo do Rio

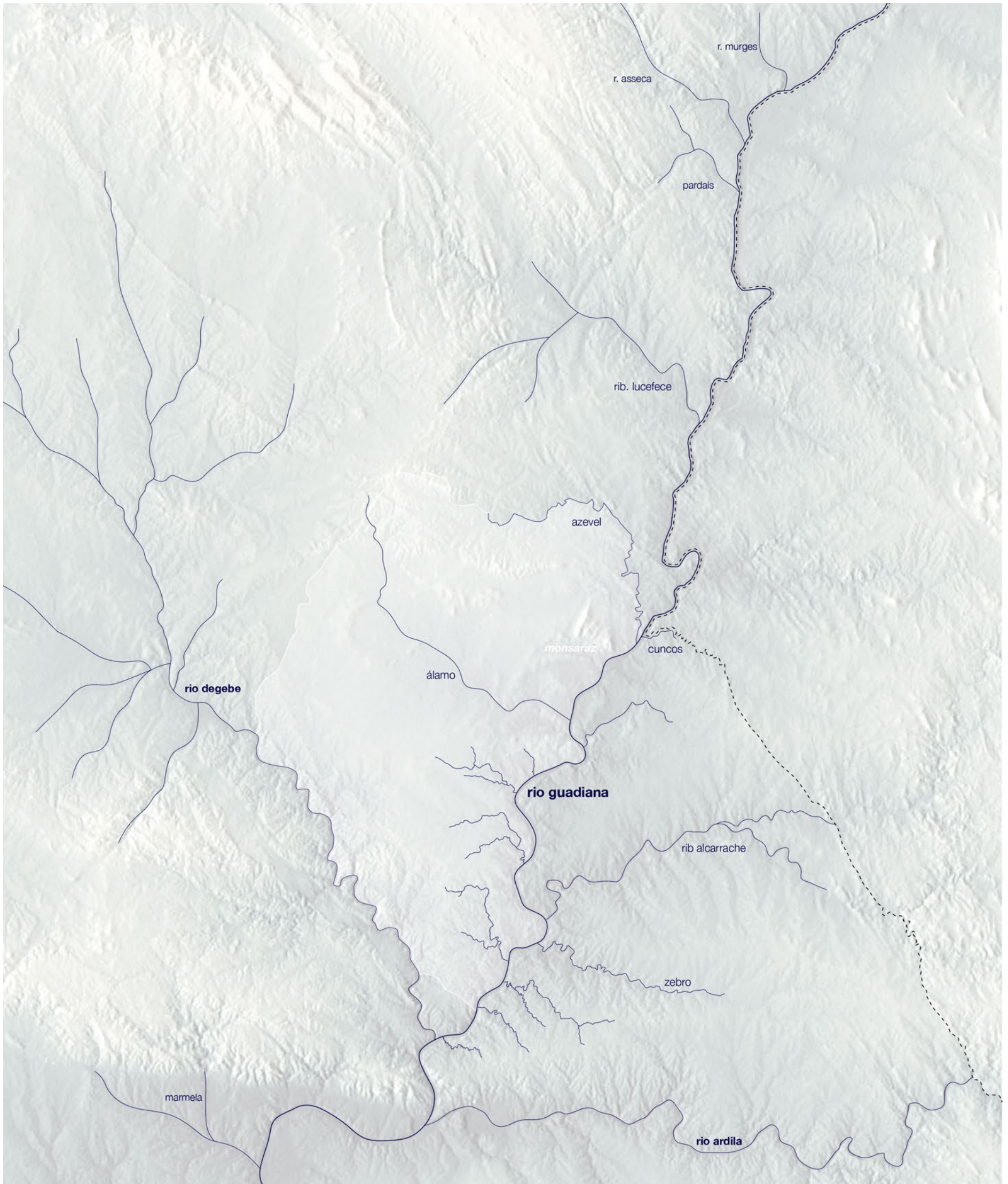
O Guadiana, Monsaraz e a Fronteira

Desenho e adaptação do autor a partir de cartografia

fig. 12 Guadiana (1997-1998) [linha 19_#291]

Rio Guadiana.

(fonte: <https://www.duarteabelo.com/15-exposicao/151-paginas/340-foto291.html>)



13

fig. 13 Cartografia Hidrográfica do Vale do Guadiana
 Desenho e adaptação do autor a partir de cartografia
 disponível em <https://maps-for-free.com/#close>

legendas

rio guadiana —————
afluentes —————
termo de monsaraz ·········
fronteira - - - - -

paleolítico ▲
neolítico / calcólítico ●
ferro ◆
bronze ◆
romano ■

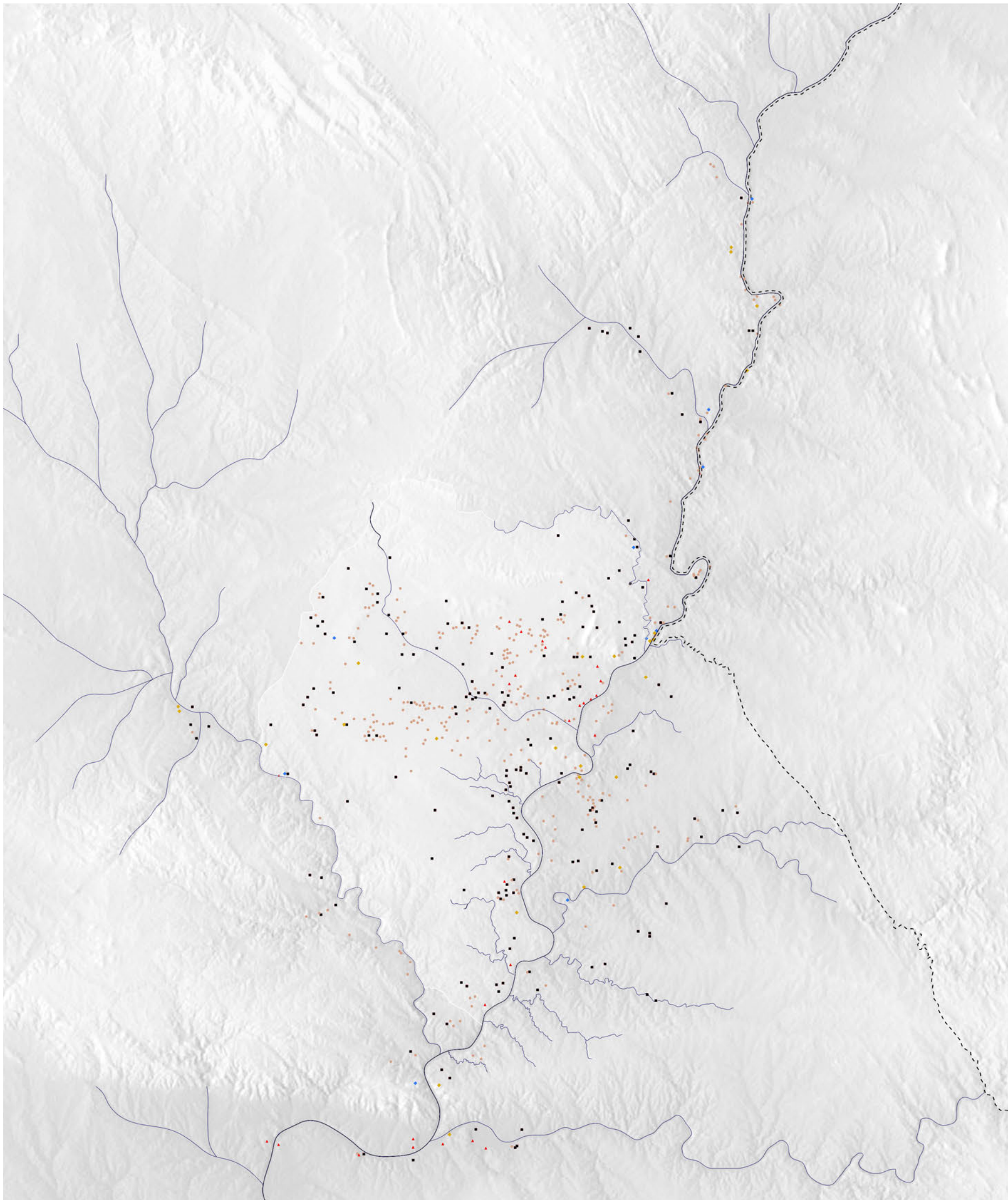
A organização do espaço

Das primeiras ocupações à definição de um território: Monsaraz e o seu Termo

Podemos imaginar que as características biológicas matriciais da paisagem, que tentamos identificar e aceder nas cartografias anteriores, estarão muito próximas daquelas que os humanos terão encontrado quando, há cerca de 5000 anos, descobriram este território pela primeira vez. Quando olhamos e pensamos sobre este lugar, não a partir de um momento concreto na História, mas numa escala de tempo lata, percebemos que, a paisagem não se fragmenta a um tempo e a uma circunstância, como não é exclusivamente humana, mas um processo dinâmico em construção entre o Homem e o ambiente biológico, contínua e irreversível, que tende, por razões que a ciência nos conta, a equilibrar-se. É um produto do tempo e, por isso, indissociável da sua unidade.

Esta cartografia faz coexistir, no mesmo espaço, momentos da história distintos. O Rio é o elemento vital e preponderante que fez permanecer o Homem neste lugar: desde as pequenas populações da pré-história até à demarcação geopolítica de um território e uma identidade cultural. As mutações da paisagem construíram-se, alicerçadas a narrativas individuais, coletivas e espirituais, que se alteravam por si, com o ambiente, ou a partir duma determinada circunstância ou contexto. As referências às primeiras ocupações no Alentejo aconteceram, na transição do séc. XIX para o séc. XX, com o reconhecimento e a identificação de monumentos megalíticos pelo investigador francês Emil Cartailac. No entanto, foi com os estudos de Georg e Vera Leisner, entre 1943 e 1951, que se fizeram os primeiros levantamentos, ensaios científicos e a sua contextualização histórica, sobretudo, na margem direita do Rio, no território de Monsaraz, entre a Ribeira de Azevel e o Rio Degebe. Nessa fase do séc. XX, e atendendo às características da paisagem de clima severo, predominante quente e seco, que dificultavam a agricultura e a sobrevivência de uma região, levaram o Homem a idealizar uma transformação profunda da paisagem: alterar o movimento natural do Rio e transformá-lo num enorme lago, que, por consequência, esconderia, para sempre, um imenso território. Perante este desígnio, a Arqueologia tomou-se preponderante para o conhecimento histórico deste território e para a minimização do impacto que essa intervenção carregava. A investigação intensificou-se nos últimos 50 anos, entre vários estudos e prospeções, que resultaram, no início dos anos 2000, num enorme inventário arqueológico documentado no livro "Salvamento Arqueológico no Guadiana". Esta obra reúne as investigações desenvolvidas ao longo das margens do Rio e que se estenderam aos seus afluentes. Foi, a partir desse extenso inventário, que se desenhou esta cartografia e se compreendeu um enorme e denso património cultural. Neste longo intervalo histórico, destacam-se dois momentos significativos: as primeiras ocupações do final da pré-história e as estruturas sociais mais organizadas do Império Romano. Contam-nos formas distintas de ocupação e organização no espaço da paisagem. Assim, da ocupação do Neolítico e Calcólítico (Idade do Cobre), encontram-se ruínas ou indícios de pequenos habitats ou povoados, monumentos para os cultos funerários (dólmen), ou para ritos, que orientavam e davam sentido à vida, ou explicavam os fenómenos naturais (menires do Barrocal, Belhoa, Monte da Ribeira). Correspondem a pequenas sociedades agropastoris primitivas que se desenvolveram durante o 4.º e 3.º milénios e habitaram, principalmente, as terras de granitos com melhores aptidões agrícolas, de trânsito fácil, a ponte de Monsaraz, entre o rio Degebe e o Guadiana. Depois da Idade dos Metais, com a Romanização, verificamos uma ocupação em lugares estratégicos de relação com o Rio e na proximidade às grandes vias de comunicação políticas e comerciais das províncias imperiais (Lusitânia e da Bética), estas, separadas pelo Rio, o Anas, como era chamado pelos romanos. Este período marca avanços significativos nas práticas agrícolas, na exploração de minérios e no acesso à água, que chegava, agora, a pequenas vilas, através de canais e aquedutos bem concebidos. De entre os sítios de maior significado, destaca-se o Castelo da Lousa, uma *villa* fortificada, implantada na margem esquerda do Rio, sobranceira à paisagem.

" Há cerca de 14 mil milhões de anos, a matéria, a energia, o tempo e o espaço surgiram no que ficou conhecido como Big Bang. À história destes aspectos fundamentais do Universo, chamamos física. Cerca de 300 000 anos depois do seu aparecimento, a matéria e a energia começaram a fundir-se em estruturas complexas, chamados átomos, que posteriormente, se combinaram com moléculas. À história dos átomos, das moléculas e das suas interações, chamamos química. Há cerca de 4mil milhões de anos, numa planeta chamado Terra, certas moléculas combinaram-se para formar estruturas particularmente grandes e intrincadas, chamadas organismos. À história dos organismos chamamos biologia. Há cerca de 70 000 anos, organismos pertencentes à espécie Homo Sapiens começaram a formar estruturas ainda mais elaboradas, chamadas culturas. Ao subsequente desenvolvimento destas culturas chamamos história. Três importantes revoluções moldaram o curso da história: a Revolução Cognitiva deu-lhe início há cerca de 70 000 anos. A Revolução Agrícola acelerou-a há cerca de 12 000 anos. E a Revolução Científica, iniciada há 500 anos, pode muito bem pôr um fim à história e dar início a algo diferente."



14

fig. 14 Cartografia das Primeiras Ocupações do Vale do Guadiana
Desenho e adaptação do autor a partir de cartografia disponível
em <https://maps-for-free.com/#close>
e dos dados inventariados e georeferenciados em:
Silva, António Carlos, Salvação Arqueológica no Guadiana, 1999

* O Foral de 1276 . Primeira Dinastia - Afonsina . D. Afonso III

"(...)a 18 de Janeiro de 1265; nesse dia, Vicente Fernandes, tabelião público de Monsaraz, lavrava na presença das autoridades administrativas da vila, a carta de demarcação do termo montesarense e da herdade de Portel, de D. João Peres de Aboim, mordomo-mor do rei. Estabelecidas e demarcadas as fronteiras do seu concelho, Monsaraz organiza então o seu quadro institucional e jurídico que passa pela figura do alcaide, do alvazil, do tabelião e do procurador (...)."

(REGUENGOS, 2023)

O Foral de 1512 . Segunda Dinastia - Aviz . D. Manuel I

O rei D. Manuel I outorgou, em Lisboa em 1 de junho de 1512, um novo foral à vila de Monsaraz, para substituir o antigo foral Afonsino e que manteve os limites geográficos do termo Afonsino



o termo: um território para habitar*

a demarcação de um limite sobre a geografia no séc. XII

"Em nome do Pai e do Filho e o Espírito Santo, Ámen.

Eu, Afonso, por graça de Deus, Rei de Portugal e do Algarve, movido por inspiração divina, juntamente com a minha mulher, a Rainha D. Beatriz, filha do ilustre Rei de Castela e de Leão, e com os nossos filhos e filhas, os infantes Dinis e, Afonso, Branca e Sancha, povoei e restitui ao culto cristão a vila de Monsaraz; pelo que, retidos para mim os meus reguengos, a vos, meus homens vassallos e criados, a dei para sempre, para habitar, com todos os seus termos e pertenças, assim como **parte com Portel, pela rocha que é chamada do Auanco, que fica junto do Guadiana (a)**, e a mesma rocha serve de marco; e deste marco indo pelo cume, a direito, à estrada que vai das Cabanas para Moura, junto dos Musgos, a um marco que está junto dessa estrada; e do mesmo marco, atravessando a dita estrada e indo ao ribeiro que se chama Zambujal; e deste ribeiro até **onde ele vai entrar no Degebe (b)**, e a própria foz serve-lhe de marco, e deste marco **indo pelo Degebe acima direito á foz** (no registo autentico, por lapso do escriba, esta fonte) **do ribeiro chamado do Seixo, servindo esta foz de marco (c)**. E deste sítio, onde começa a dividir com Évora, vai a direito, pelas fragas o mesmo ribeiro, a um vale à mão direita, e ai esta outro marco; e deste marco, direito á estrada que vem de Évora e passa perto da moita de Pero Oliva, e junto desta estrada está um marco feito de esteio de pedra líós; e deste marco, atravessando a dita estrada e a sobredita moita, vai-se a umas antas de uma arca do tempo antigo e a referida arca serve de marco; e do dito marco vai-se direito a outro marco que está junto das ferrarias velhas e estas ferrarias ficam á esquerda, no termo de Évora; e do referido marco vai-se direito a outro marco que esta numa planície, junto da ribeira chamada de Pero oliva e a dita ribeira fica á direita, no termo de Monsaraz; e deste marco vai-se direito á ponta do cabeço matagoso que fica mais perto e está junto do Outeiro chamado do Almagre, e ai está um marco; e este Outeiro do Almagre fica á esquerda, no termo de Évora; e do referido marco, descendo pela encosta de um cume para a estrada que vai de Évora para Monsaraz, e ai, junto dessa estrada, esta um marco; e do mesmo marco, atravessando a dita estrada, vai ao cabeço mais próximo desta estrada, e ai está um marco; e do dito marco vai-se ao Outeiro das Cimalhas da Moita Longa, e ai esta outro marco; e deste marco vai-se a outro Outeiro que fica á estrada do chão de Vale de Figueira e ai, nesse Outeiro, esta um marco; e do referido marco, atravessando este Vale de Figueira, vai á porta do cabeço que se chama Cabeço da Travessa; e esta ponte serve de marco, ficando o dito cabeço á direita, no termo de Monsaraz; e deste marco vai-se diretamente á Rocha da Gaivota e esta rocha serve de marco; e deste marco vai-se ao cabeço que se chama de Ciadas e ai esta um marco; e do dito marco vai-se direito ao outeiro chamado de Redondo, e no referido marco confronta com Évora monte, **e dai confronta com Terena (d)** pelos marcos que constam do privilégio de doação que disso fizeram os juízes e o concelho de Évora a D. Gil Martins, começando no primeiro marco; e depois, vai-se pelos marcos que ai estão **até a foz do Azevel, onde entra no Guadiana (e)**, e desta foz vai-se pelo curso do Guadiana ate a rocha do Auanco onde, no princípio, começaram a ser divididos aos termos de Portel. (E subentende-se, de Monsaraz) (...)"

(REGUENGOS, 2023)

fig. 15 Folha 1 do Foral Manuelino (1512).

fonte: Arquivo On-line Município de Reguengos de Monsaraz disponível em <https://arquivocmm.cm-reguengos-monsaraz.pt/index.php/camara-municipal-de-reguengos-de-monsaraz-2>



16

fig. 16 Cartografia com a Delimitação do Termo de Monsaraz
Desenho do autor a partir de cartografia disponível
em <https://maps-for-free.com/#close>
e de ortofotomapa de 1997, google earth



A Ulterior divide-se longitudinalmente em duas províncias, pois do lado setentrional da Bética estende-se a Lusitânia, separada dela pelo rio Anas. Este nasce no termo de Lamínio, na hispânica Citerior, e ora espraiando-se em lagoas, ora apertando-se em desfiladeiros ou escondendo-se completamente em canais subterrâneos, contente por nascer muitas vezes, lança-se no oceano Atlântico.

(Plínio-o-Velho, citado por SILVA, 1999, pág.13)



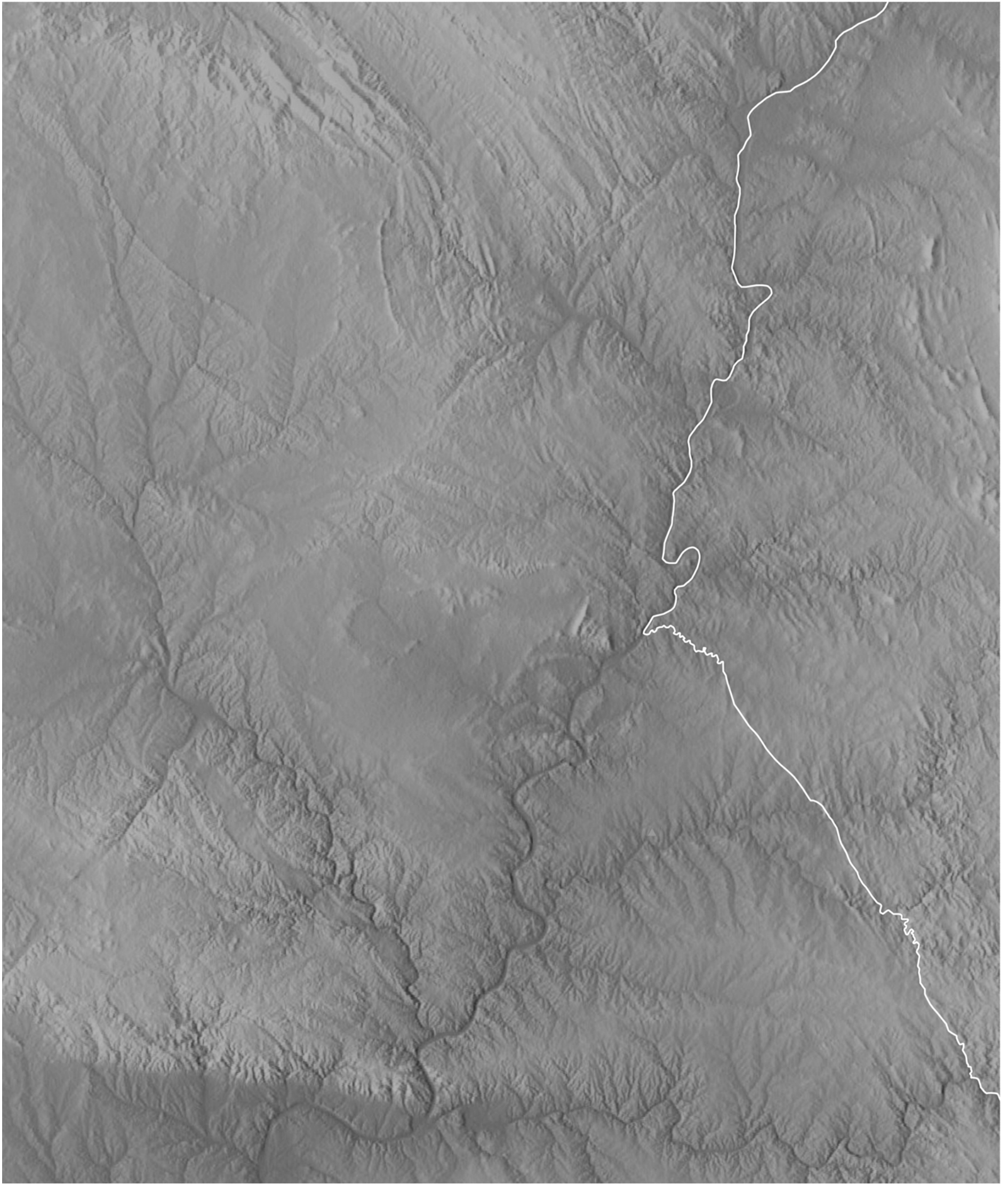
a fronteira: a condição de um limite imaginado
um equilíbrio de forças desenhado sobre uma geografia



fig. 17 Espagne Ancienne. No. 15. Grave para Thierry Malte-Brun, Conrad, 1837
David Ramsey Historical Map Collection
<https://www.davidrumsey.com>,
imagem NO:0458015

fig. 18 Parte meridional do Reyno de Portugal
N. Sanson d'Abbeville Geographo Ordinario del Rey Christianissimo
Publicação: Paris : em casa del autor, 1654
Registo SIB/UC em <https://webopac.sib.uc.pt/record=b2708836~S74*por>

fig. 19 Ramón Masats, Tomelloso, 1960.
AIPAC coord., Fronteiras e Projetos de Arquitectura, Paisagem e Território
2018, p. 47



20

fig. 20 Delimitação da Fronteira entre Portugal e Espanha
Desenho do autor a partir de cartografia disponível
em <https://maps-for-free.com/#close>





21

fig. 21 Albernaz, João Teixeira, I, fl. 1602-1649, produção: [Ca 1640], escala: [Ca 1:291000]

Atribuição de autor e datas com base em Armando Cortesão.

O mapa está orientado a leste, inclui a representação de cidades e outras povoações, bem como um pormenorizado sistema hidrográfico.

A representação estende-se a algumas regiões contíguas de Espanha, designadamente, a norte até Vigo e a sudoeste até Cádiz.

BNP - <https://purl.pt/23505>

representação do limite de Fronteira actual sobre a cartografia.

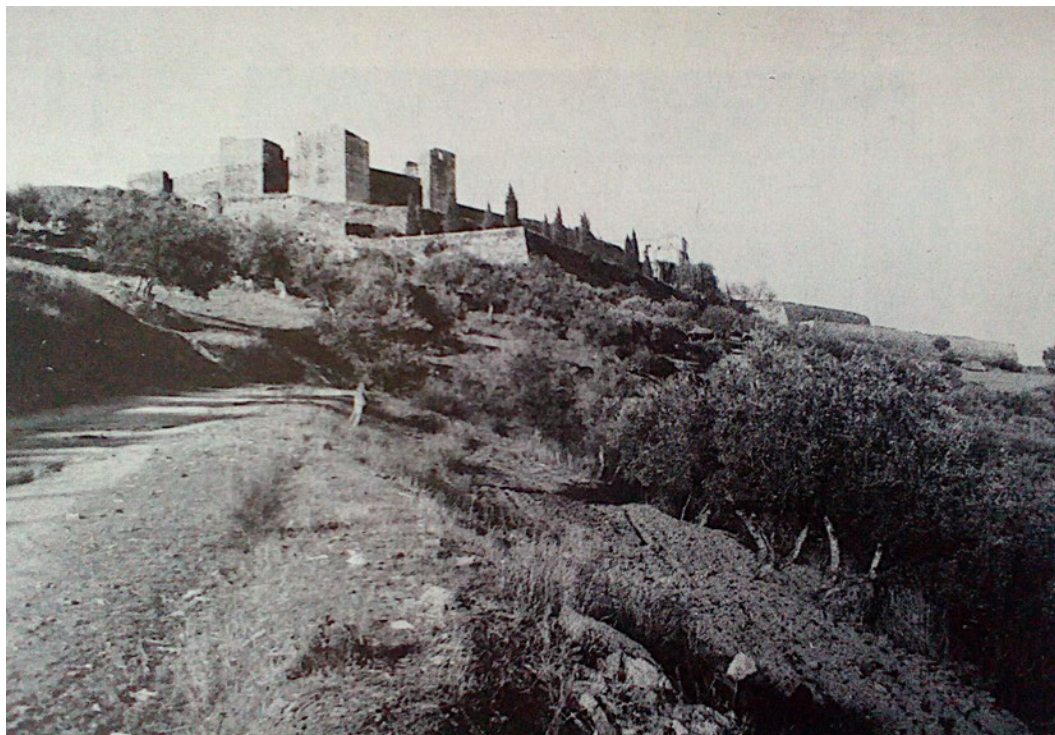


Monsaraz: uma fortaleza vigilante

a cumplicidade entre a história e uma geografia

Monsaraz desenvolveu-se sobre o festo de uma pequena elevação (325 m), numa orientação, sensivelmente, nordeste-sudoeste, com um domínio visual absoluto sobre o rio Guadiana e um vasto território. O topónimo Monsaraz, de origem árabe, dá o nome a um monte que se ergue num território tomado por estevas ou xaras. A vila fortificada, que permanece hoje sobre o monte, preserva a matriz da sua fundação, moldada à sua fisiografia, distante de uma circunstância de guerras e desacatos. Vive na quietude do seu território como um gato que descansa serenamente ao sol. A sua silhueta avista-se, à distância, na paisagem. É uma referência geográfica e magnética ao olhar. Conseguimos imaginar que esse monte elevado, mesmo antes de ter sido habitado, comportava as características singulares que desenhavam, nas narrativas humanas, possibilidades de assentamento perante os desafios e disputas territoriais; ou, pela sua aproximação ao céu, um lugar singular para a prática de crenças e ritos que devolvia a clarividência espiritual e orientações para a vida. Foi um lugar conquistado à paisagem para sempre. A História e a Arqueologia propõem a hipótese de um castro fortificado da pré-história (bronze final), com algum destaque também na 1.ª Idade do Ferro, depois romanizado e, com a queda do império, ocupado sucessivamente por Visigodos, Árabes, Moçárabes e Judeus. Foi tomado pelos muçulmanos quando estes ocuparam grande parte da Península Ibérica no séc. VII, ao qual chamaram Sarish. Estes tempos instáveis de reivindicações territoriais entre povos deixaram um enorme e denso património cultural que marca a identidade desta paisagem. O processo de reconquista cristã acontece, em 1167, numa expedição que parte de Évora, liderada por Geraldo Sem Pavor, mas que, passado poucos anos, em 1173, volta a cair sob o domínio do califado de Almóada, na sequência da derrota de D. Afonso Henriques em Badajoz. Foi conquistado, definitivamente, aos mouros, por D. Sancho II, auxiliado pelos cavaleiros templários, em 1232, que ficaram responsáveis pela sua defesa e repovoamento. Repovoamento que acontece, no reinado de D. Afonso III, pela mão do cavaleiro Martim Anes, homem de confiança do Rei, a quem competia o combate aos pequenos núcleos de resistência árabe e o empreendimento das instituições administrativas, judiciais e militares, redigidas pelo Foral Afonsino de 1276.

23



D. Afonso III oferece, para sempre, um território aos seus vassallos e criados (REGUENGOS, 2023) - o Termo, encostado à fronteira entre o Reino de Portugal e Castela — um limite desenhado num equilíbrio de forças entre os dois povos ibéricos a partir do séc. XII. Dá-se início ao período cristão. Os Templários e o clero secular (ou diocesano) promovem a edificação dos templos religiosos para o culto e atração de novas populações, importantes para o controlo do território. Monsaraz, de cima do monte, é a fortaleza vigilante desse limite-fronteira. As características da paisagem — os relevos que configuram a planície e o vale do Rio — são os primeiros elementos naturais defensivos. Durante os séculos XIII e XIV, foram reforçadas e construídas novas estruturas defensivas e dissuasoras. Numa primeira fase, a alcáçova e, mais tarde, em 1310, já no reinado de D. Dinis, a Torre de Menagem. Foi, neste período, que a formação do núcleo urbano se consolidou.

A condição de uma fortaleza de fronteira contém, na sua génese, questões particulares sobre o habitar coletivo: por um lado, a sua natureza sistémica de defesa, controlo e vigilância que, numa localização singular de domínio, guarda o seu território e protege o povo das ameaças inimigas; por outro, o seu papel na vida quotidiana, que acomoda os espaços de encontro, mercantis e de culto. A sua importância estratégica manteve-se durante muitos anos. Teve o seu último grande momento com as Guerras da Restauração e Sucessão de Espanha. Em meados do séc. XVII, foi desenhada uma segunda linha de fortificação, abaluartada, adequada às novas tecnologias militares e reforçada com uma rede de atalaias posicionadas em pontos estratégicos do Termo. A Fortaleza e a linha de atalaias assumiam, deste modo, o símbolo do poder coletivo e a afirmação de uma ordem política. Foram construídas numa cumplicidade entre o ambiente geográfico e a cultura: contam-nos a história de uma circunstância e de um modo de habitar. A sua distribuição no espaço traduziu um pensamento estratégico e intencional, articulado numa rede de linhas de defesa local, regional e, até, nacional, destinado a salvaguardar a integridade do Reino. Quer a fortaleza medieval, quer as transformações introduzidas pela fortificação seiscentista, marcaram dois momentos importantes na história e na paisagem deste território.

O que podemos compreender sobre o ambiente biológico e cultural a partir destas construções defensivas? Como se configuraram? De que forma é que as características e o espaço da paisagem foram determinantes na sua organização?



fig. 23 Fotografia de José Pires Gonçalves
Fonte: Gonçalves, José Pires. Monsaraz e seu termo: Ensaio Monográfico. Évora, Gráfica Eborense, 1962.

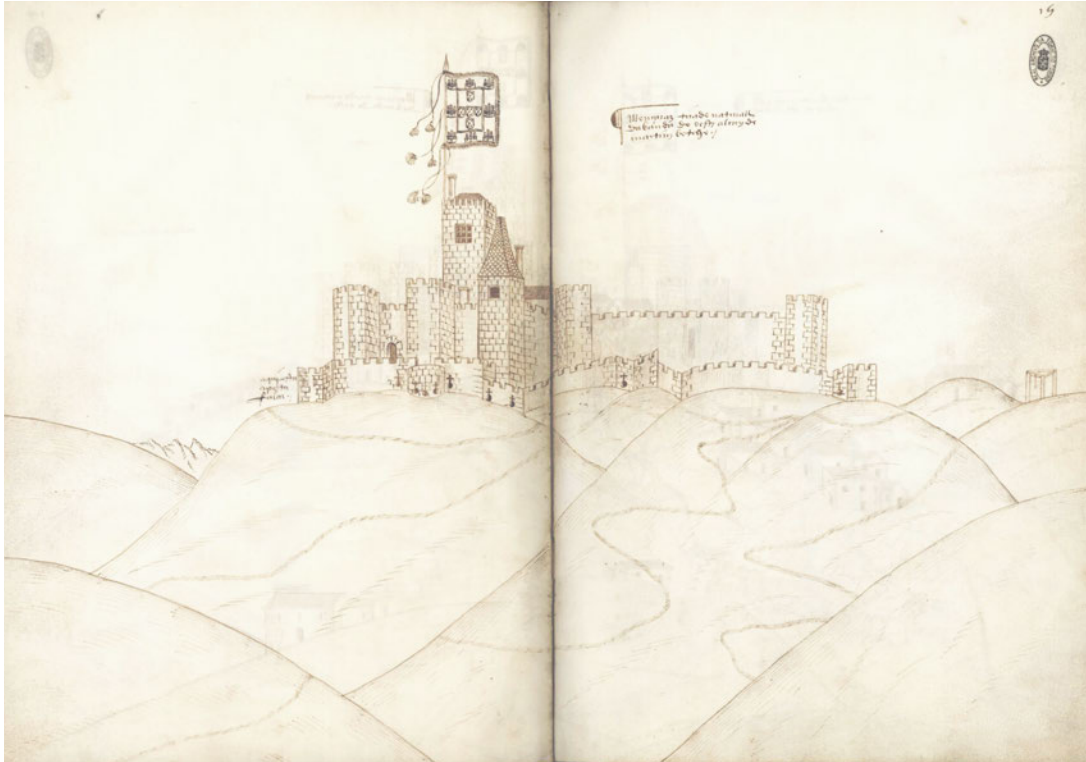


a fortaleza medieval

séc. XIII - XVI . a consolidação de um território e uma nova paisagem.

As fortalezas, constituídas pelos castelos e recintos amuralhados, foram uma das inovações mais significativas que a Idade Média introduziu na paisagem cuja análise permite-nos compreender a ocupação e a organização do território ao longo do tempo. Durante o séc. XII, o seu desenvolvimento protagonizou a transição dos conjuntos defensivos do tipo povoados fortificados para estruturas arquitetónicas com desígnios fundamentalmente militares com capacidade para albergar guarnições de soldados que garantiam a vigilância do território e a defesa das populações. Este sistema físico de proteção militar alcançou um nível de coerência e intencionalidade em meados do séc. XIV. Com as intervenções de D. Fernando I e D. João I, na transição do século, as estratégias militares ganharam ainda maior visibilidade e a rede de castelos, distribuídos pelo Reino, assumiu uma geometria precisa no espaço. As linhas defensivas, junto à fronteira, reforçaram-se com mais uma, ou duas faixas interiores, às quais se acrescentaram outros pontos, em profundidade, que foram, estrategicamente, decisivos para a proteção do interior do território. As fortalezas pontuavam, assim, as principais linhas de comunicação, estradas e rios tendo como principal função, a interdição e controlo desses itinerários. (MONTEIRO, 1999)

Monsaraz, juntamente com Mourão, Juromenha, Terena, Portel, Moura e Noudar, controlavam o território e as investidas, no troço fronteiro, encostadas a esse limite. Tinham, como principal aliado, o Rio Guadiana, com o qual estabeleceram importantes estratégias defensivas. Monsaraz manteve a sua matriz de fortaleza medieval até à atualidade. O Castelo e a cerca amuralhada contiveram a evolução da Vila, sem alterações significativas, quer morfológica, quer construtivamente. A arquitetura que hoje conhecemos começou a ser implementada, no final do séc. XIII, quando D. Afonso III concedeu o Foral e estabeleceu os limites do Termo, mas, foi com D. Dinis, anos mais tarde, que o núcleo urbano se consolidou. Nessa fase, ergueram-se a nova Alcáçova, a Igreja de Santa Maria – a última, com uma escala diferente da que encontramos atualmente – e desenvolveu-se o alargamento e reforço da cerca amuralhada. O Castelo foi implantado, a sul, sobre a cota 325 m. O conjunto arquitetónico desenvolveu-se, como um todo, em forma oval irregular, moldado à fisionomia do lugar, ao longo do festo, numa cota estável. Os arruamentos, contidos pelas muralhas circundantes, estruturaram-se segundo eixos ortogonais, pouco rígidos, adaptados às formas do lugar, mas que ainda assim estabeleceram uma quadrícula rara no urbanismo medieval.



as fortalezas do reino
distribuição no espaço das fortalezas medievais nos séc XIV e XV.

Estas intervenções produziram as primeiras invocações protagonizadas pela arquitetura do castelo gótico. Conseguimos identificá-las no levantamento das fortalezas de Duarte de Armas, realizado no início do séc. XVI (1509-1510), dois séculos depois da fundação do Termo. Um dos aspetos que devemos ter em conta, neste período, foi o lento desenvolvimento e divulgação da pirobalística que assumia uma importância determinante na morfologia e funcionalidade das estruturas arquitetónicas. Encontramos na tipologia do castelo gótico, um conjunto de transformações que tomaram a estratégia de defesa bastante mais ativa relativamente ao anterior sistema passivo dos castelos românicos. Essas inovações traduziram-se em seis transformações importantes: 1. O reposicionamento das torres de menagem; 2. A multiplicação das torres; 3. A introdução generalizada de sistemas de tiro vertical garantida pela instalação de balcões munidos de matoações; 4. O aparecimento dos barbacãs; 5. Um melhor enquadramento das portas que, desde então, aparecem ladeadas por torreões; e 6. O alargamento dos adarves.

Com base nos desenhos de Duarte de Armas, conseguimos descortinar uma série de elementos que caracterizam a génese da fortaleza medieval de Monsaraz (na sua matriz gótica): o castelo e o circuito das muralhas que cercam o aglomerado urbano.

fig. 25 Vista Sudoeste da fortaleza de Monsaraz.

Autor: Duarte de Armas
Livro das Fortalezas situadas no extremo de Portugal e Castela por
Duarte de Armas, escudeiro da casa do rei D.Manuel I
Arquivo Nacional Torre do Tombo
<<https://digitalq.arquivos.pt/viewer?id=3909707>>
Digitalização editada pelo autor.

fig. 26 desenho do autor
a partir do Mapa I
Rede dos castelos portugueses, 1350.1450
MONTEIRO, 1999

"(...) Vemos, além da cisterna, um quintal com árvores, uma capela, casas "sobradadas" precisamente atrás da torre de menagem e de uma outra torre adoçada e em canto - e ainda, atrás do muro que liga duas outras torres e em canto, um "alpendre" coberto com telhado, no qual se encontra o "almaze" desta fortaleza."

(MONTEIRO, 1999)

Do conjunto fortificado, destaca-se a Torre de Menagem, o principal elemento defensivo, vertical e vigilante. Foi implantada ao centro, encostada à muralha interior da alcáçova, e construída em planta pentagonal, característica que favorecia a operacionalidade e a capacidade de tiro. Anos mais tarde, no reinado de D. Fernando, foi acrescentada uma nova muralha avançada relativamente à Torre, que conteve o núcleo urbano encostado ao Castelo. As torres, adossadas às muralhas periféricas, de forma quadrangular, ligeiramente mais baixas do que a Torre de Menagem, foram distribuídas pelos pontos onde a defesa se verificava mais delicada (no alçado sul). Garantiam, deste modo, um flanqueamento mais completo e um melhor controlo das investidas, em particular, nas escaladas, cooperando, ainda, no reforço e na estabilização dos muros do conjunto. Implantadas, relativamente próximas, permitiam defender-se mutuamente. Alguns destes torreões construíram-se de forma circular, designados na arquitetura militar de cubelos, e que podemos identificar no desenho da vista noroeste, ao longo das muralhas da Vila. É possível que tenham sido implementados, a partir de algumas referências muçulmanas. Garantiam, por um lado, uma melhor observância e possibilidades de disparo, por outro, reforçavam os longos planos amuralhados nas mudanças de direção, ou onde estes se verificavam mais frágeis. Existem, no entanto, alguns elementos característicos nas fortalezas desta circunstância histórica que não conseguimos identificar, nem interpretar nestes desenhos do séc. XVI. Destacamos os balcões armados de matacões, que complementavam os sistemas de tiro horizontais tradicionais, ou o alargamento dos adarves e das ameias, que garantiam a mobilidade e a melhoria na proteção das guarnições nos trajetos de ronda e nas posições de tiro. Um elemento arquitetónico bem representado, e a destacar, é a barbacã em toda a extensão amuralhada. Esta cintura de muros, mais baixos, oferecia, ao inimigo, um primeiro obstáculo difícil de ultrapassar. Foi uma estratégia importante no desenvolvimento da fortaleza medieval, pois estabeleceu um reforço na estabilidade das fundações dos planos amuralhados recuados (e bastante mais altos) e constituiu uma primeira barreira às investidas rasantes do inimigo. Se, por um lado, podemos considerar que as fortalezas foram planeadas de forma que resistissem às armas e à tecnologia militar da época – a neurobalística – por outro, tinham, elas próprias, de evoluir e adaptar-se ao progresso tecnológico resultante da introdução da pólvora. Um dos elementos mais representativos dessa evolução são as troneiras - pequenos buracos redondos destinados à adaptação de bocas-de-fogo. Duarte de Armas faz essa representação, no desenho da vista sudeste, no alçado principal, (ver fig.²⁵) que assumia a frente de defesa perante o inimigo, nos torreões das barbacãs.

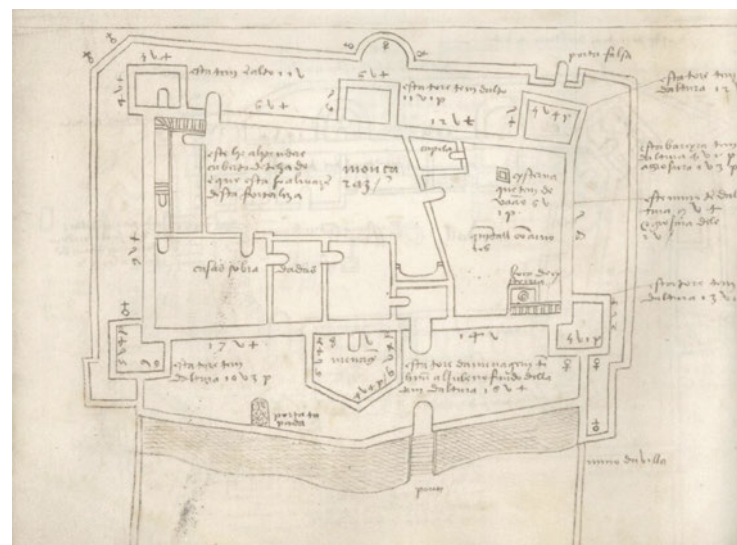


fig. 27 Planta da Praça de Armas de Monsaraz.

Autor: Duarte de Armas
Livro das Fortalezas situadas no extremo de Portugal e Castela por
Duarte de Armas, escudeiro da casa do rei D.Manuel I
Arquivo Nacional Torre do Tombo
<<https://digitalr.arquivos.pt/viewer?id=3909707>>

Digitalização editada pelo autor.



No que diz respeito à proporção do conjunto fortificado, os desenhos exaltam a verticalidade das torres e muralhas, como símbolo de poder e afirmação. Note-se que, a fortificação é muito mais alongada e reduzida em altura. No entanto, do ponto de vista construtivo, a representação da materialidade é bastante próxima do que encontramos presentemente. Imaginamos que, os longos planos amuralhados, sem apontamentos de estereotomia, poderão corresponder aos xistos irregulares (e granitos) ligados por argamassa de barro (vermelho) e cal, que contrastam com as torres cantonadas com pedras de granito, dispostas regularmente, que comunicam a solidez estrutural desses elementos. Verificamos essa intenção, no reforço dos cunhais das torres e torreões (cuja construção não é integral), nos embasamentos, nas aberturas de vãos e principais portas da fortaleza, construídos com blocos de granito, cuidadosamente, aparelhados.

A comunicação da fortaleza com o território envolvente estabeleceu-se através de quatro portas: (que identificamos, de uma forma clara, nos desenhos setecentistas que veremos mais à frente): a Porta da Vila; a Porta de Évora; a Porta da Alcova; e a Porta da Cisterna (ou do Buraco). Existe, ainda, uma última porta, a Porta Sul do Castelo que comunicava com a barbacã e que Duarte de Armas representa no desenho do alçado principal. Contudo, na planta da alcáçova, esta Porta está no mesmo alinhamento, mas em posição distinta, localização que hoje verificamos ter prevalecido. Destacam-se duas portas: a Porta da Vila, que aparece com alguma proeminência entre dois cubelos, significativamente elevados acima das muralhas, coroados com ameias. Marca, sobretudo, a relação com o arrabalde que se desenvolve, ao longo do festo, em direção à Ermida de São Bento; e a Porta de Évora, localizada a meio da cerca amuralhada, orientada a noroeste, próximo de outro torreão que, tal como o nome indica, liga a Vila à capital do Alentejo. Tinha na sua proximidade a Igreja de Santiago. Em cartografias posteriores, compreendemos que, nas imediações dessa Porta, existia também uma espécie de pequeno largo ou rossio, o que pode indiciar algum protagonismo no acesso ao núcleo urbano. Ao longo do tempo, foi perdendo essa função, uma vez que, passou a privilegiar-se o acesso pela Porta da Vila, que estabeleceu uma relação mais direta com o arrabalde. Esta é, hoje, a Porta principal de acesso à Vila.

No decorrer da História, a fortaleza medieval emerge como testemunho de marcante uma arquitetura, que não era apenas um espaço de proteção, mas que também abrigava uma complexa teia de atividades humanas e culturais, revelando, por um lado, a resiliência, por outro, a vulnerabilidade da vida quotidiana perante a condição de existir na fronteira.

fig. 28 Vista Noroeste da fortaleza de Monsaraz.

Autor: Duarte de Armas
Livro das Fortalezas situadas no extremo de Portugal e Castela por
Duarte de Armas, escudeiro da casa do rei D.Manuel I
Arquivo Nacional Torre do Tombo
<<https://digitalq.arquivos.pt/viewer?id=3909707>>
Digitalização editada pelo autor.



29



30



O imaginário da Paisagem no séc XVII

um palco de guerras e descatos entre os dois povos ibéricos, Portugal e Castela

fig.29 Albernaz, João Teixeira, I, fl. 1602-1649; Vorsterman, Lucas, fl. 1624-1667, grav. met. Escala [ca 1:370000], 7 léguas espanholas [17,50 ao grau] = [11,90 cm]. Obra atribuída a João Teixeira Albernaz I e datada de cerca de 1646, cf. Armando Cortesão e Avelino Teixeira da Mota.

Villas quemadas em Castella e para as Villas tomadas em Castella, no contexto da Guerra da Restauração da independência de Portugal. BNP - <https://purl.pt/918>

fig.30 Quadro do Marquês de Leganés sobre o combate de Alcaraviça (2 de Novembro de 1645). Imagem disponível em Guerra da Restauração - Blog de História Militar dedicado à Guerra da Restauração ou da Aclamação, 1641-1668.



a fortaleza seiscentista

séc. XVII . os designios defensivos na guerra da restauração

Passado mais de um século do levantamento das fortalezas do Reino de Duarte de Armas, a Guerra da Restauração (1640-1668) assinalou, significativamente, a importância do conhecimento científico para a defesa e identidade dos territórios. Foi um período de mudança e inovação nas técnicas e estratégias militares que transformou as fortalezas medievais em estruturas modernas, mais complexas e eficientes, perante os desafios defensivos de uma nova circunstância. O Alentejo, com uma geografia pouco acidentada, constituía um território permeável às investidas castelhanas e, por isso, fundamental para a manutenção da integridade e consolidação do Reino. A reafirmação da fronteira dominou a política definida por D. João IV a partir de 1640. Nessa fase, estiveram envolvidos engenheiros estrangeiros, que dominavam a arte e a técnica militar desenvolvida na escola italiana (do Renascimento), por figuras como os irmãos Antonio e Giuliano Sangallo e Francesco di Giorgio Martini, e amplamente experimentada durante as denominadas Guerra dos 80 anos (1569-1648) e Guerra dos 30 anos (1618-1648), no centro da Europa. Período em que também se desenvolveram as escolas francesa, holandesa e flamenga. Na paisagem militar do Alentejo, destacaram-se João Cosmader, Nicolau de Langres, Charles Lassart, Pierre de Saint-Colombe e Jean Gillot, que implementaram metodologias de projeto alicerçadas na ciência e na matemática, em paralelo, com a prática construtiva no terreno.

Nicolau de Langres assume a responsabilidade das obras, nesta região, em 1647. Nessa altura, concretizam-se, essencialmente, reforços nas fortalezas medievais, através de perímetros abaluartados – estruturas baixas, avançadas, que criavam terraplenos exteriores às muralhas, e aumentavam os flancos defensivos para proteção dos planos altos das muralhas existentes, que se tomaram vulneráveis ao avanço tecnológico das armas de fogo. Langres foi autor de projetos para Campo Maior, Évora, Beja e de inúmeras propostas de melhoramentos para Elvas e Juromenha. Deixou-nos um extenso catálogo de projetos para as várias fortalezas: “Desenhos e plantas de todas as praças do Reino de Portugal Pello Tenente General Nicolao de Langres (Ca 1661)”, porém, grande parte não chegou a ser edificada. Embora encontremos, em vários documentos, referência a Nicolau de Langres e Jean Gillot como engenheiros responsáveis pela fortificação moderna de Monsaraz, quando analisamos a proposta para a fortificação de Monsaraz, apresentada no livro do Autor, e a comparamos com os desenhos de levantamento de Miguel Luiz Jacob, na visita geral de 1755 (na sequência do terramoto) (ver fig.³²), ou no desenho de 1758 de João António (ver fig.³³), Infante praticante da Academia Militar, apesar de se terem passado cem anos, conseguimos identificar alguns princípios estruturantes de Langres, que, não obstante, seguiram contornos distintos no terreno. Encontramos outra referência importante na arquitetura e metodologia militar dessa época: Luís Serrão Pimentel, engenheiro mor do Reino. Esteve envolvido no cerco de Badajoz, em 1658, na Batalha das Linhas de Elvas, em 1659, e, ainda, na Batalha do Ameixial em 1663. Desenvolveu e planeou, durante esse período, a edificação da Praça de Évora e acompanhou as obras das fortificações da fronteira, entre elas, a de Monsaraz. É possível que tenha introduzido novas orientações, ou estratégias que resultaram na Fortaleza que chegou até aos nossos dias.

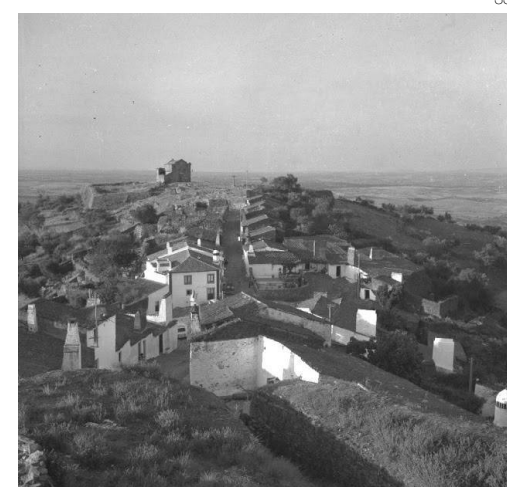
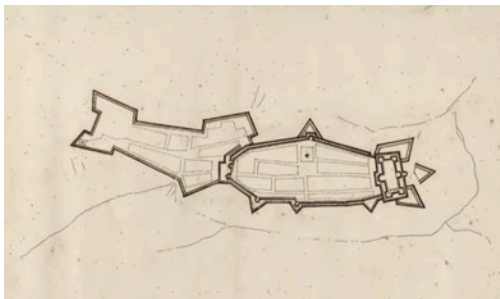


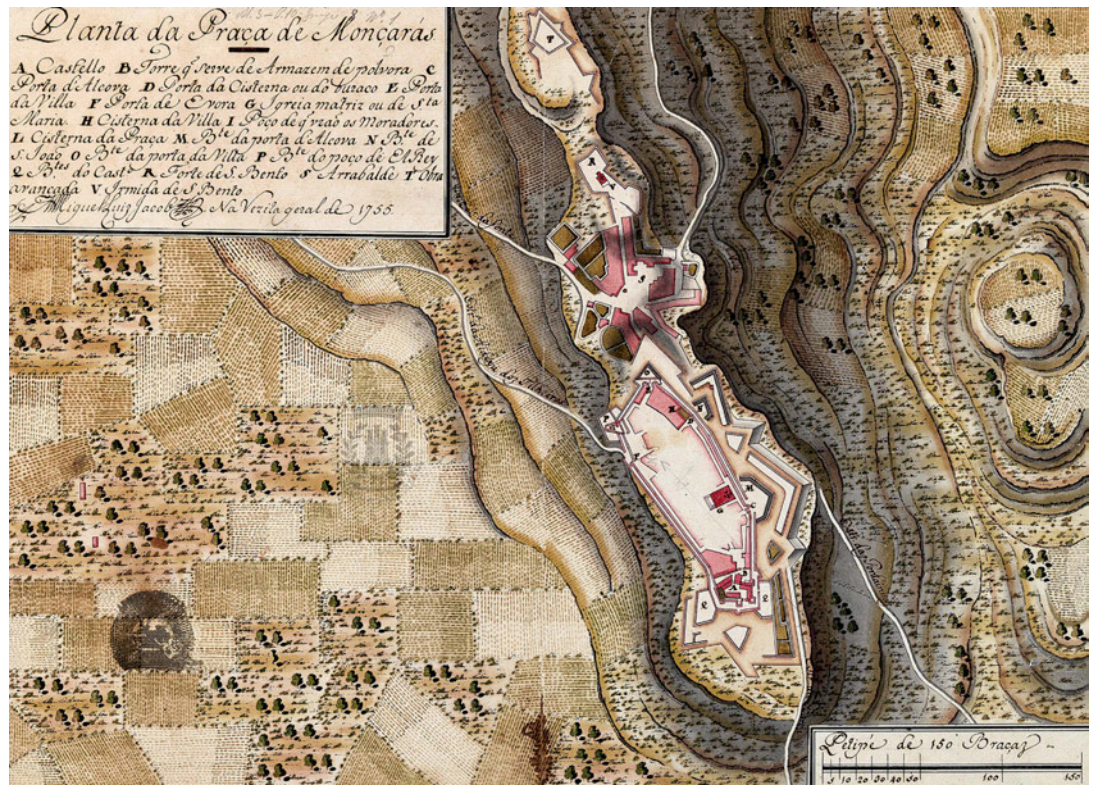
fig. 31 Núcleo urbano da vila de Monsaraz / Núcleo intramuros de Monsaraz . Vista aérea
Fonte: SIPA . FOTO.0053493 . Disponível em http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00006512

fig. 32 Núcleo urbano da vila de Monsaraz / Núcleo intramuros de Monsaraz . Vista aérea
Fonte: SIPA . FOTO.00006512 . Disponível em http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00006512

fig. 33 Monsaraz, o arrabalde
Autor: Artur Pastor
Arquivo Artur Pastor (2014–2024) – Arquivo #alentejo.
Disponível em https://arturpastor.tumblr.com/archive/tagged/alentejo?source=blog_view_login_wall.
Direitos de Autor do Arquivo Municipal de Lisboa/
Fotográfico



34



Quando analisamos a planta de João António – um levantamento rigoroso das estruturas construídas – desenhado com base no desenho de Miguel Luiz Jacob, compreendemos que a fortificação seiscentista é constituída por um extenso perímetro abaluartado, que envolve a fortaleza medieval, a sul e a nascente, as orientações mais importantes para a defesa. Premeia os princípios que encontramos no desenvolvimento do conjunto medieval, entre os séculos XII e XV, no reforço do lado exposto ao inimigo. Foi implementado um plano abaluartado que estabiliza e confere unidade ao conjunto, vence as diferenças de topografia, a uma cota baixa, criando como que um platô e uma primeira barreira avançada. Recuados, e sobre uma linha de alcance superior, implantaram-se os seis baluartes, adossados à barbaca que envolvem o Castelo e o longo plano amuralhado medieval. Estas estruturas reforçam as torres periféricas e as principais portas, os elementos mais vulneráveis do conjunto da construção medieval. (ver fig. 33): Q - baluartes do Castelo; C - baluarte da Porta da Alcova; N - baluarte de São João; O - baluarte da Porta da Vila; E - baluarte do Poço de El Rey.) Entre os baluartes, surgem os revelins que asseguravam a defesa avançada dos longos amuralhados. Diferentes do proposto no plano de Langres, os arrabaldes foram secundarizados sem nenhum perímetro abaluartado. Desenvolveram-se, antes, duas novas estruturas autónomas de geometria irregulares, a norte, que estabilizaram o terreno para receber a artilharia: o Forte de São Bento e uma nova obra fortificada, avançada, no cume último da elevação, e que garantiam, dessa forma, a proteção do arrabalde. Se, do ponto de vista material não foram introduzidas alterações significativas, uma vez que continuaram a ser usadas as alvenarias de pedra de xisto, granitos, as argamassas de barro e a cal tradicional; do ponto de vista construtivo, destacam-se movimentações e terraplanagens realizadas nos terrenos existentes, que obrigaram a alterações topográficas marcantes na paisagem.

A arquitetura militar, como disciplina, introduz o desenho de projeto como ideia mental e instrumento de experimentação e/ou antecipação das soluções defensivas, através dos conhecimentos desenvolvidos nos séculos antecedentes. Quando olhamos para o conjunto abaluartado, perceberemos a sua correspondência a um sistema geométrico proporcional que funciona como um todo. Desenha-se, a partir de uma matriz modular recíproca, com uma geometria irregular - o baluarte -, que pressupõe a definição de um perímetro (um circuito) e concretiza o princípio do flanqueamento, uma vez que, permite ações cruzadas entre cada flanco em que são colocadas as peças de artilharia. Concebe-se, deste modo, um sistema unitário, no qual a organização e respetiva dimensão dos seus elementos se fazem numa relação geométrica precisa, sob pena de tornar-se vulnerável. A fortificação abaluartada constituiu uma resposta arquitetónica importante à evolução das táticas de cerco e às novas tecnologias de guerra. Tornou-se, assim, o último empreendimento militar marcante da arquitetura da Vila.

fig. 34 Projeto de fortificação para a praça de Monsaraz

Fonte:
LANGRES, Nicolau de, ? - 1665
Desenhos e plantas de todas as praças do Reyno de Portugal Pello Tenente General Nicolao de Langres
BN - <https://purl.pt/15387/5/P35.html>
imagem formatada pelo autor

fig. 35 Planta da Praça de Monsaraz

Autor: Miguel Luiz Jacob, 1755.
Fonte: Direcção de Infraestruturas do Exército



A. Castello B. Tore que serve de armazen de polvora C. Porta da Alcova D. Porta da Sistema ou do buraco E. Porta da Villa F. Porta e Evora G. Igreja Matris ou de Santa Maria H. Cisterna da Praça
I. Poso de usão os moradores L. Cisterna da Praça M. Balluarte da Porta d' ALcova N. Balluarte de São João O. Balluarte da Porta da Villa P. Balluarte do poso de ElRey Q. Balluartes do Castello
R. Forte de São Bento S. Arrabalde T. Obra avançada V. Ermida de São Bento

fig. 36 Planta da Praça de Monsaraz

autor: João António, Infante praticante da Academia Militar da Província do Alentejo e Praça de Estremoz, 1758

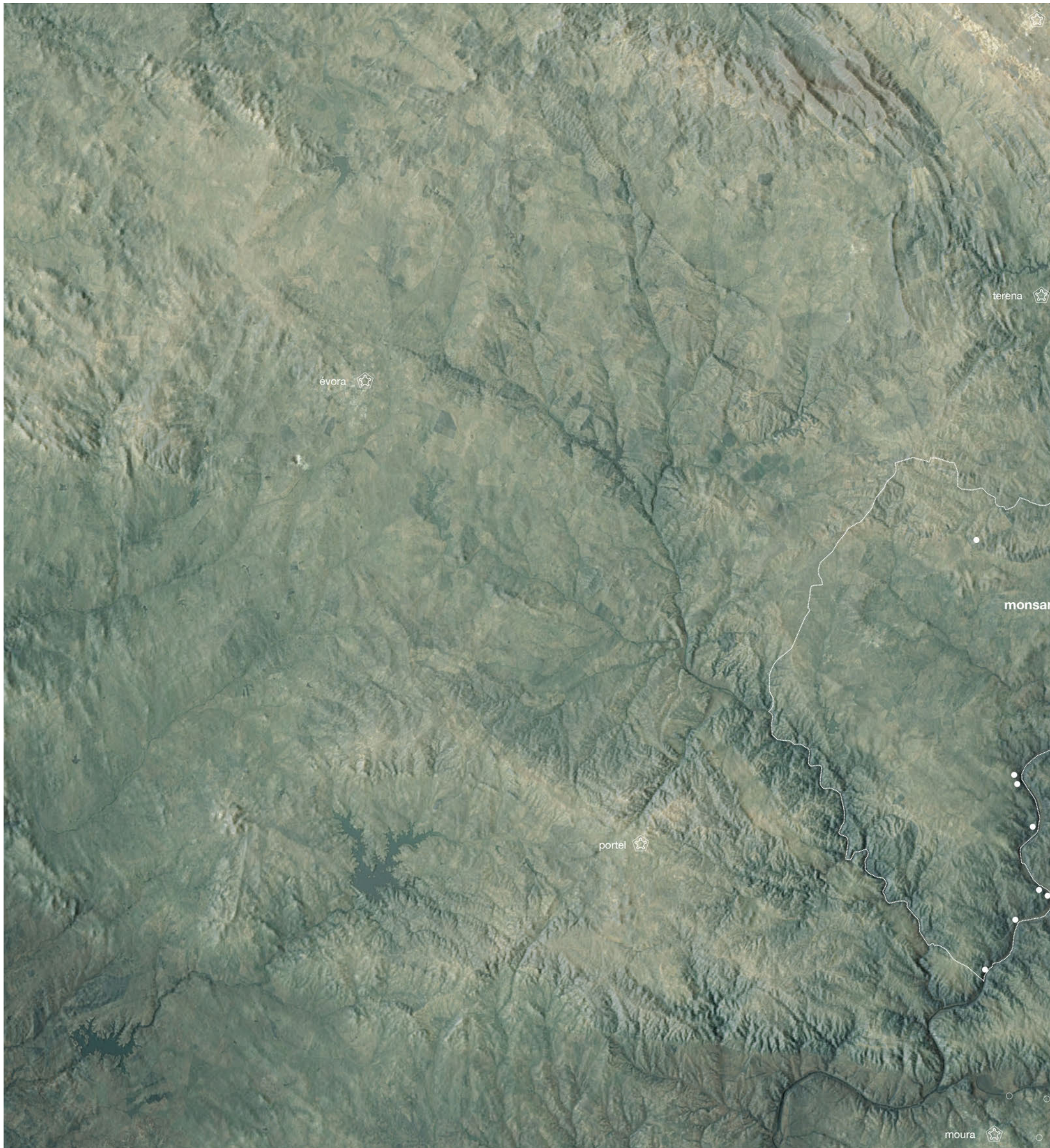
fonte: direcção de infraestruturas do exército

imagem formatada pelo autor

37

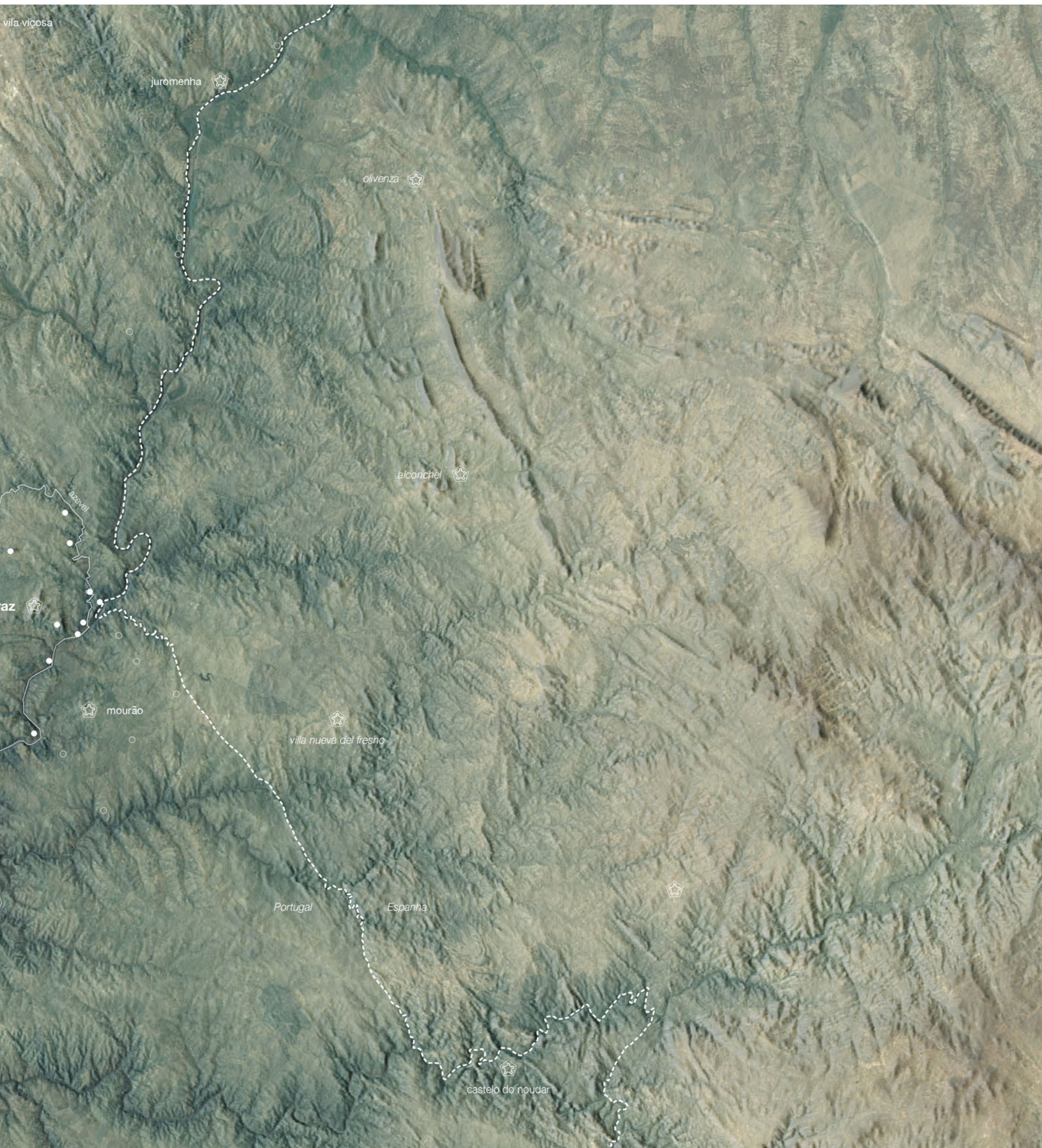


fig. 37 Vista aérea de Monsaraz
Fonte: Imagem captada e editada a partir do Programa
"Visita Guiada"
Monsaraz, Alentejo | Ep. 5 | 10 de Out 2022 | temporada 12



A distribuição das fortalezas, no espaço, compreendia um pensamento estratégico e intencional que garantia a defesa e integridade do território: articulavam-se criteriosamente entre si, como peças de um xadrez. Este desígnio defensivo não era exclusivo das fortalezas. Desde cedo, as populações habituaram-se a defender, à distância, os seus castelos e, de forma geral, os lugares que habitavam. Neste território, encostadas à fronteira, encontramos as fortalezas de Juromenha, Monsaraz, Mourão e Noudar. Entre estas e na sua retaguarda, surgem Vila Viçosa, Terena, Portel e Moura. Nos entre espaços, existia uma vasta densidade de pontos singulares que completavam o sistema vigilante dos campos. A esses pontos chamamos Atalaias.

O limite da fronteira desenha-se, a nascente de Monsaraz, afasta-se para oriente, quando encontra a Ribeira de Cuncos, contorna (e define) o território de Mourão e segue para sul. Monsaraz, no contexto da cartografia, surge como uma centralidade. O curso do Guadiana e a Ribeira de Azevel desenharam a primeira linha (natural) defensiva do seu Termo. Ao longo desse limite, em posicionamentos cirúrgicos, que a paisagem evocou, foram implementadas estas pequenas torres de vigilância. As atalaias olhavam e escutavam a paisagem, atentas a movimentações inimigas. Constituíam uma extensão da fortaleza na proteção do seu território.



38

fig. 38 Cartografia com a distribuição das fortalezas e atalaias no espaço
Desenho do autor a partir de cartografia disponível
em <https://maps-for-free.com/#close>
e de ortofotomapa de 1997, google earth

defesa e vigilância
as atalaias em pontos singulares do território . uma extensão das fortalezas



atalaias

objeto e significados

Quando pensamos as atalaias como elementos complementares das fortalezas, que se estendem ao longo do território, somos convidados a mergulhar numa complexa interação entre a Arquitetura, a História e a Paisagem. As atalaias não são apenas uma materialidade ou simples lugares de observação; elas carregam as narrativas humanas entrelaçadas por necessidades defensivas, de observação e comunicação, concretizadas numa profunda relação com o entorno. Construídas em lugares ermos, transcenderam a sua função prática para se tomarem marcos culturais que ecoam os desafios e as aspirações da sua circunstância. Revelam-se como testemunhas silenciosas da relação entre o Homem e o território. São elementos que expandem a presença defensiva e as estratégias que moldaram a paisagem medieval. A escolha desses lugares comporta mais do que um pensamento, puramente estratégico e racional, tomando-se uma expressão intrínseca da interação entre o construído e o natural.

Além do seu caráter militar, as atalaias carregam um papel simbólico, que se conecta à identidade cultural e religiosa da comunidade. Nesses lugares, o indivíduo encontra mais do que uma observação exclusivamente defensiva. Encontra a contemplação e a espiritualidade. A importância das atalaias, enquanto elementos estrategicamente perdidos no território, reside na sua propensão de albergar uma complexa rede de significados. São testemunhos eloquentes da relação entre o espaço construído e o espaço experienciado, que envolve e é envolto, que esconde ou alcança, perante as necessidades de protecção ou pela procura da sacralidade. Quando olhamos para as atalaias, contemplamos, simultaneamente, os desafios e as aspirações das sociedades do passado, enquanto refletimos, também, sobre o nosso próprio papel na construção e preservação da paisagem cultural.

fig. 39 Atalaia em cena de guerra.

Fonte: "Pillage of a village", pintura de Sebastian Vrancx, do período da Guerra dos 30 Anos (1618-1648). Museu do Louvre, Paris.

Adaptada a partir da imagem disponível em <https://guerradarestauracao.wordpress.com/tag/monsaraz/>

Atalaia, (al-talai'á), é um termo que tem origem árabe e significa torre de observação. Designa também um lugar elevado ou ponto alto de onde se vigia, ou ainda, a pessoa que está encarregada de vigiar e, nesse caso, sinónimo de sentinela ou vigia. Encontramos também na língua a expressão "estar de atalaia" que indica o ato de estar de guarda, à espreita, vigilante, no sentido de estar atento a algo que possa estar para acontecer, ou a alguém que possa estar a aproximar-se. Atalaia ou atalaiair (estar de atalaia). É substantivo e verbo. É um termo que funde o lugar, o indivíduo (sujeito) e a ação.



Durante o período de ocupação muçulmana, na Península Ibérica, que se estendeu ao longo de vários séculos, houve uma profunda interação cultural e entrosamentos linguísticos entre os povos. Dessa interação resultou a assimilação de muitos termos do árabe no vocabulário das línguas românicas locais, especialmente, em domínios relacionados com a arquitetura, a agricultura e intentos militares, o que contribuiu, previsivelmente, para a formação do termo "atalaia" que encontramos, hoje, nas línguas portuguesa e castelhana.

Assim, a palavra "atalaia", derivada do árabe **برج المراقبة** *aṭṭaláya*, acaba por refletir – não apenas a importância do lugar, ou da ação de vigiar e da sua causa e efeito – mas, também, a influência e as dinâmicas culturais que se congregaram no território. Enquanto objetos concretos com um propósito militar vigilante e dissuasor, as atalaias foram estruturas determinantes no apoio à proteção e segurança das populações. Permitiram, por um lado, a antecipação de ameaças inimigas, por outro, estabeleceram pontes de comunicação e coordenação para as respostas defensivas num palco real, o território.

Embora tenham sido construídas ou imaginadas para servir um propósito específico, e uma determinada conjuntura histórica, estas ocuparam (e ocupam) um espaço complexo de significados. Representam, por um lado, as crenças espirituais e a aproximação ao divino e, por outro, os aspetos práticos da vida (alheios à religião) das sociedades em que foram construídas. Esta dualidade, entre o transcendental e o terreno, adiciona-lhes camadas e evidencia a reciprocidade entre as diferentes dimensões da vida humana. Encontramos o termo "atalaia" na Bíblia, em alguns versículos do Antigo Testamento, especificamente, no livro de Ezequiel, capítulo 33 (o Vigia), nos versículos de 1 a 9. Nesse texto, deparamo-nos com testemunhos relevantes sobre a dimensão simbólica de atalaia e sobre a mensagem que podemos retirar sobre a mesma, que ficou enraizada nas culturas.

O livro de Ezequiel (parte integrante do cânone profético das Escrituras Hebraicas) emprega a metáfora "atalaia" como símbolo de vigilância, advertência e responsabilidade. "Atalaia", nesse contexto, é um sentinela ou vigia, que permanece numa posição sobranceira, numa torre, ou lugar elevado, num ato de vulnerabilidade, para observar o redor, identificando, especialmente, as ameaças iminentes, como a aproximação do inimigo.

A passagem em Ezequiel 33:1-9, apresenta a imagem da atalaia como parábola espiritual. O Profeta Ezequiel é instado por Deus para ser atalaia do povo de Israel e informá-lo sobre os perigos espirituais vindouros. Como atalaia, na fragilidade da vigília, deve dar o alarme para despertar a comunidade, sempre e quando o perigo se aproxima. Por fim, deverá o Profeta transmitir a mensagem divina de advertência e apelar ao arrependimento, perante os caminhos errantes ou ímpios.

Esta alegoria não se limita a Ezequiel. É possível encontrá-la em diversos contextos bíblicos*.

A mensagem é centrada na importância da vigilância espiritual e da responsabilidade de advertir e orientar a comunidade. A atalaia representa aqueles que estão atentos às questões espirituais e éticas, prontos para agir e se sacrificarem, em prol do bem comum, para, assim, evitar as consequências das ações humanas imprudentes.

Em suma, o significado de Atalaia, nos textos bíblicos, serve como uma lição atemporal para relembra a importância e a responsabilidade da vigilância, da orientação e do cuidado mútuo coletivo perante o caminho moral e espiritual.

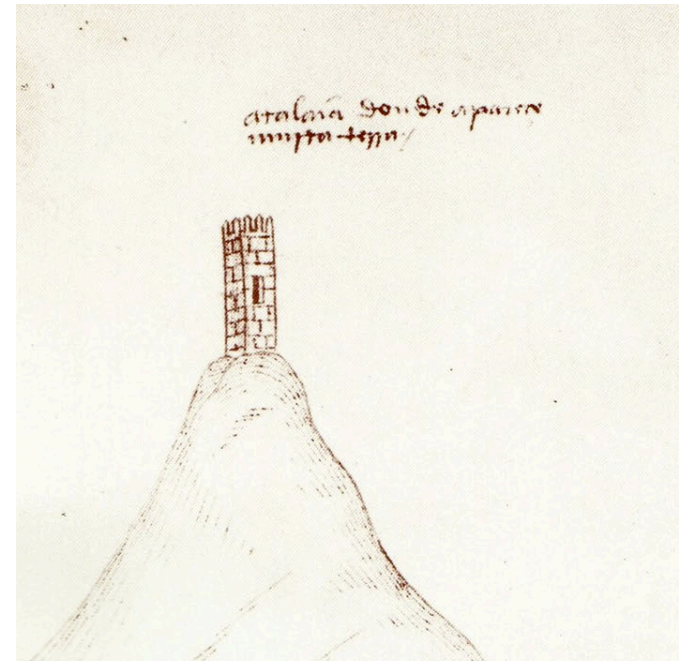
41



fig. 41 * Psalm 130 (129)

De profundis clamavi ad te Domine:
Domine exaudi vocem meam: Fiant aures tuae
intendentes, in vocem deprecationis meae.
Si iniquitates observaveris Domine: Domine quis
sustinebit?
Quia apud te propitiatio est: et propter legem tuam
sustinui te Domine. Sustinuit anima mea in verbo
eius:
speravit anima mea in Domino.
A custodia matutina usque ad noctem: speret
Israel in Domino.
Quia apud Dominum misericordia: et copiosa apud
eum redemptio.
Et ipse redimet Israel, ex omnibus iniquitatibus
eius.

Arvo Pärt, 1980



No âmbito da história medieval, perante os desafios da proteção da vida e dos seus lugares, podemos imaginar uma trama intrincada onde a vigilância (terrena e espiritual), o espaço e o tempo configuravam o que seria a substância das estratégias defensivas do território. Nesse cenário, as atalaias e as fortificações desempenharam um papel essencial, que conectava esses conceitos numa espécie de coreografia desenhada na paisagem através de um sistema em rede.

A experiência humana representava a ação nesse enredo, perante as dinâmicas culturais e políticas desses contextos. Aos sentinelas, cabia a responsabilidade de manter uma vigilância constante: a observação atenta, durante o dia, dava lugar à escuta, no silêncio da noite. "(...) Durante o dia, sentinelas ou guardas (que as cartas municipais peninsulares daquela época referem como 'velas', 'vigias' ou 'talaeros') ocupavam essas posições; após o pôr-do-sol, eram substituídos por sentinelas nocturnas, por vezes, designadas por 'ascuchas', devido ao uso que tinham de fazer dos ouvidos, em suplemento dos olhos". (MONTEIRO, 1999 pág.216). A coordenação estratégica e os métodos de comunicação tornavam-se vitais para a defesa dos lugares que habitavam. O espaço e o tempo eram os "instrumentos" que permitiam às fortalezas preparar respostas apropriadas. Dessa interação dinâmica resultava um ambiente em que a defesa transcendia a simples reação, transformando-se numa narrativa bem orquestrada de preparação e ação. Não se reduzia a episódios pontuais, ou a respostas instantâneas, era, antes, um processo ou atividade enraizada nas populações, fundamental para manter o território organizado e protegido. Ensinaamentos e práticas que a especialização militar das fortalezas não descurou: a experiência da vigilância dos territórios foi um saber acumulado ao longo de muitas gerações. O sistema de Atalaias foi bastante utilizado entre os muçulmanos. Difundiu-se, no território, muito antes da afirmação do castelo gótico, e tornou-se, especialmente importante para a segurança das fortalezas junto à fronteira com Castela ou, mesmo, junto à costa. Muitas atalaias, dadas as suas localizações singulares, deram origem a alguns dos castelos que encontramos no território: é o caso do castelo de Porto de Mós e de Ourém. Nos desenhos de levantamento de fortalezas de Duarte de Armas, conseguimos observar diversas atalaias a ladear os castelos: é o caso de Olivença, Serpa, Campo Maior e Castelo de Vide. Foram representadas, maioritariamente, como torres esguias, altas, de plantas quadradas, ou retangular, ameadas e com uma, ou duas janelas.

Enquanto construções arquitetónicas apresentam características distintas e diversas tipologias, que foram empregadas em diferentes contextos no território. Não pretendemos fazer uma análise tipológica, ou um estudo histórico aprofundado destas estruturas, mas enunciar algumas características formais e enquadrar os fundamentos da sua implementação que variaram, de acordo com as necessidades funcionais defensivas, o ambiente cultural e os recursos disponíveis nos períodos temporais correspondentes. Neste trabalho, em particular, quer salientar-se o caso de Monsaraz, cuja densidade e coerência sistémica da paisagem alude à configuração de uma rede de comunicação, a partir de pontos particulares do território.

fig. 42 Atalaia.

Autor: Duarte d'Armas
LIVRO DAS FORTALEZAS

imagem de representação do Castelo de Olivença.

Arquivo Nacional Torre do Tombo

<<https://digitalq.arquivos.pt/viewer?id=3909707>>

formatada pelo autor

a configuração de um sistema vigilante

a “vela” e a “rolda”, os guarda portas, as atalaias e as escutas, o *modus operandi*

Mais do que uma estratégia defensiva, a vigilância era uma condição necessária para a sobrevivência num contexto onde as incertezas e os conflitos eram constantes. E, se, por um lado, está, visceralmente, entranhada nos instintos da natureza humana, por outro, acabou por tornar-se uma arte, uma ciência coletiva e um compromisso inabalável para com a segurança e a proteção dos lugares e daqueles que os habitavam. A paisagem medieval era, meticulosamente, vigiada e protegida por um sistema astuto de observação que compreendia desde fortalezas, atalaias (torres), até casas-forte, ou templos religiosos, que pontuavam lugares de domínio visual sobre o território. As fortalezas, como núcleos principais e últimos redutos defensivos, desempenhavam um papel vital nas comunidades locais. Ao comando desse sistema estava o alcaide-mor, uma figura importante nas estratégias militares de defesa. Numa fase inicial, bastante alargada, da Idade Média, o alcaide era mais do que uma referência militar. As suas responsabilidades ultrapassavam as muralhas, e estendiam-se ao território, sobre o qual cumpria também tarefas de natureza administrativa e judicial. Era ele quem garantia que os caminhos e as passagens sob a sua jurisdição permaneciam seguros, por um lado, atento a qualquer ameaça iminente externa, por outro, mantendo a ordem social do seu território. Segundo Gastão de Melo de Matos, entre os muçulmanos que habitaram a Península Ibérica, o termo “alcaide” designava o governador de uma praça, ou de uma província. Ao longo dos anos, a sua função tornou-se estritamente militar: defender o castelo e a povoação tornavam-se, assim, as atividades que moldavam a sua soberania.

Os alcaides tinham uma influência considerável sobre a vida e a guarda das terras circundantes. Para isso, apoiavam-se noutras figuras, não menos relevantes, como os “alcaides pequenos” e os “homens de alcaidaria”. O sistema de vigilância dependia, ainda, de guarnições de homens treinados para desempenhar esse papel fundamental na proteção do território, motivo pelo qual, eram extremamente valorizados. Como a sua função era crucial, desfrutavam, frequentemente, de privilégios especiais nas suas comunidades.

Dentro das fortalezas, desenvolvia-se o sistema de “vela” e “rolda” constituía uma estratégia de vigilância determinante, e ocorria, essencialmente, durante a noite, com exceção, dos períodos de maior instabilidade ou de guerra declarada. Emergiu como resposta engenhosa, alicerçada na observação e comunicação, que se estendeu pelos territórios.

Além da deteção precoce, permitia uma coordenação eficiente da defesa. Numa região extensa, muitas vezes, pouco povoada, a comunicação precisa e organizada era primordial. O sistema de sinais visuais e sonoros emitidos, codificados, possibilitavam que as mensagens fossem rapidamente difundidas, garantindo uma resposta coordenada no tempo e no espaço. Essa comunicação pressupunha informações sobre a natureza da ameaça, a sua localização e a sua magnitude. Isto permitia que as guarnições dos castelos tomassem decisões informadas sobre como enfrentar o perigo. Além disso, esta coordenação poderia estender-se à mobilização de reforços dos castelos vizinhos, criando uma resposta coletiva e ordenada.

(MONTEIRO, 1999, págs. 195-216)

A “vela” e a “rolda”, embora apareçam como termos associados, configuravam modalidades distintas de execução e observação. O serviço de vela centrava-se na vigilância e proteção das torres, nas mais importantes, principalmente, naquelas que comandavam o acesso às portas da fortificação. Era um serviço estático, silencioso, de observação e escuta. De olhos e ouvidos atentos, os sentinelas mantinham a atenção no horizonte, a comunicação com as atalaias, e controlavam eventuais investidas dos inimigos em proximidade, quaisquer manobras de escadas, ou outros engenhos sobre os muros, e orientavam o sistema de guarda das portas que ficavam por baixo. Por sua vez, o serviço de “rolda” tinha um caráter diferente e de maior mobilidade. Consistia na vigilância dos panos amuralhados, tanto, pelo lado de dentro, – pelos adarves – como, pelo exterior das muralhas, em rondas organizadas num vai-e-vem bem orquestrado. O renascer do dia representava o grande alívio da tensão, que se entranhava no corpo, perante a escuridão da noite. Durante as primeiras horas, havia, ainda, um último esforço, no sentido de garantir que a fortaleza não seria apanhada de surpresa por uma guarnição semi-adormecida e, perigosamente, desatenta ou mal preparada. Outra estratégia importante era a guarda das portas: estas eram encerradas, durante a noite e, durante o dia, apenas as indispensáveis eram abertas ao trânsito de homens e animais. Tão importante quanto um vigia na torre era o guardião das chaves. Este garantia as portas fechadas, ao mesmo tempo que cuidava, de forma atenta, das que haviam de se manter abertas durante todo o dia. Como apoio, eram destacados pequenos grupos de homens armados, que controlavam as entradas e saídas da fortaleza, supervisionados pelos vigias das torres sobranceiras e guardiões das portas.

O desígnio da vigilância, em grande parte desenvolvido em cenário noturno, era complementado com pontos singulares à distância, assegurado por atalaias e escutas (designação para os indivíduos, sinónimo de sentinela ou vigias), que encontravam apoio suplementar nas pequenas torres, casas-fortes, edifícios religiosos e outros lugares sobranceiros.

Esta prática defensiva estava enraizada no território, não só pelos objetivos militares, mas, também, para garantir os recursos do Termo – a proteção da população que habitava os campos, o gado e as colheitas. Aos atalaias, vigias ou sentinelas diurnos, ou escutas, vigias ou sentinelas da noite, cabia a observação das estradas, dos caminhos, das passagens e acessos pelo rio e montes (ver fig⁴²). Caminhavam pelo território e subiam às torres e a pontos altos estratégicos, individualmente, ou organizados em grupos. Como a história nos conta, atalaias não eram somente pontos de observação, designavam, também, sentinelas ou patrulhas de reconhecimento, das quais, muitas vezes, faziam parte homens do campo. A eficácia da observação e da comunicação levou a que estas estruturas se dispersassem pelo Reino. Desenvolveram um papel importante, especialmente nas fronteiras, integradas nos sistemas e configurações militares mais evoluídas das Guerras da Restauração e da Sucessão de Espanha nos séculos XVII e XVIII. Estas torres rudimentares, dada a sua importância na coordenação eficaz das estratégias de defesa, não foram subestimadas, e a sua manutenção no território contribuiu, significativamente, para a segurança das comunidades e das terras ao longo do tempo. A “paisagem militar” recorda-nos que, a arquitetura não é apenas sobre construir, ou edificar estruturas precisas e imponentes, mas sobre criar dialéticas com o território e com nossa própria história, um exercício constante e atemporal entre o Homem e o ambiente que o rodeia.

(MONTEIRO, 1999, págs. 195-216)

Ge C. 5320

Joanne M^o de Vascoallos Tenente g^o de sua Mag^o de
Nicolas de Langres

Partie du Portugal
et du Espagne, vers
le Guadiana



anc. K. 1187

fig43 Langres, Nicolau de Langres, 1656
Este Mappa setirou por orden das Noi Jonne M.es de Vascoallos Tenente g.le de sua Mag. de anno de 1656 pello Tenenta g.^o Nicolas de Langres
Partie du cours du Guadiana

O mapa está orientado a leste, com a representação do troço do rio Guadiana e principais afluentes, entre Juromenha e Mourão. Estão representadas as vilas e aldeias e a configuração do dispositivo militar de defesa desta parte do Rio.

Bibliothèque nationale de France, département Cartes et plans, GE C-5329
BNF (Biblioteca Nacional de França - <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb435947538>)

excerto do mapa fig. 43



atalaias de monsaraz

legenda

termo de monsaraz
fronteira	-----
atalaias	●
(A) canas	1
serra da barrada	2
cabeços da rainha	3
choupana*	4
cocos*	5
calvinos	6
(B) monte do gato	7
(D) são gens	8
(C) porto das carretas	9
(E) xerez de baixo	10
porto de portel	11
moinho novo*	12
cismeira	13
trafal	14
cú de pato	15
meirinho	16
porto de espada	17
rocha da garnacha	18

* tendo em conta o estado de ruína, à data do levantamento arqueológico, persistiram dúvidas que se tratasse de uma atalaia

as atalaias do termo de monsaraz

os objectos e os lugares

“Seria de muita utilidade mandar-nos Vossa majestade fazer três atalaias ao redor de Mourão para estes pouco moradores semiar alguma couza que sem ellas o não podem fazer, porque os cativam e matam os mais dos dias; também fora de muito proveito mandar Vossa Majestade fazer atalaias nos portos de guadiana para o enemigo não passar com tanta facilidade como tem feito muitas vezes a roubar o termo de Monsaraz e Roncam de Vossa Magestade, o que se pode fazer com pouco custo.”

As Atalaias de Monsaraz representam um exemplo notável de como da cumplicidade, entre o Homem e a paisagem, se construiu um sistema defensivo, que desempenhou um papel crucial na proteção e vigilância deste território. É difícil afirmarmos que estamos perante um conjunto coerente, desenhado, a partir de uma circunstância particular de espaço e tempo, no entanto, quando olhamos para as cartografias (ver figs. 39 e 41) e reparamos na forma como este se distribui pela geografia, compreendemos uma soma de intenções e preocupações defensivas que se complementaram ao longo da história. Este conjunto surge de uma necessidade primitiva e elementar e desenvolve-se até uma racionalização militar especializada e coletiva, que assume uma clarividência sistémica, em meados do séc. XVII, aquando da Guerra da Restauração. Estamos perante um conjunto de dezoito torres – existem outras duas, não inventariadas, mas referenciadas por um pastor, durante as intervenções arqueológicas na década de 90 (CORREIA, 1998-2000) –, duas pontuam o cume da Serra da Barrada, observam os movimentos, a norte; as restantes desenham a margem direita do Rio Guadiana e da Ribeira do Azevel, atentas ao horizonte leste, e à permeabilidade dos caudais (os vaus, os portos e os açudes). Do ponto de vista construtivo e arquitetónico apresentam a mesma matriz: são pequenas torres maciças, de formas regulares, cúbicas, cilíndricas, ou tronco de pirâmide com base quadrangular, constituídas por muros de alvenaria seca, em pedras xistos, pontualmente granitos, não aparelhadas, construídos de uma forma rudimentar com cerca de 0,90 cm de espessura. O interior é totalmente entulhado com terra e pedra miúda. Não apresentam acessos ao topo, nem nichos nas paredes. São corpos abstratos, esculturas funcionais. As alturas crescem ligeiramente aos diâmetros das circunferências, mas são equivalentes aos lados do quadrado. Mesmo as que têm uma implantação retangular são, tendencialmente, quadradas, deixando antever uma construção rudimentar, sem grande preocupação pelo rigor da geometria. Fundem-se com a paisagem, são discretas e da ordem da topografia. Não tinham o propósito de uma defesa ativa, apenas permitiam a observação e a comunicação. Fazem-nos imaginar um enredo de ações, de percursos, de memórias e significados. Contudo, do ponto de vista funcional, deixam-nos com imensas questões em aberto que, talvez, somente em fontes primárias e escrituras de época consigamos saber: Como se chegava ao topo para observar? Utilizavam escadas de madeira, seriam escaladas com apoio de cordas? Ou ajudavam-se entre sentinelas? Como eram organizados os turnos de vigia, especialmente de noite, uma vez que as atalaias não proporcionavam qualquer abrigo?

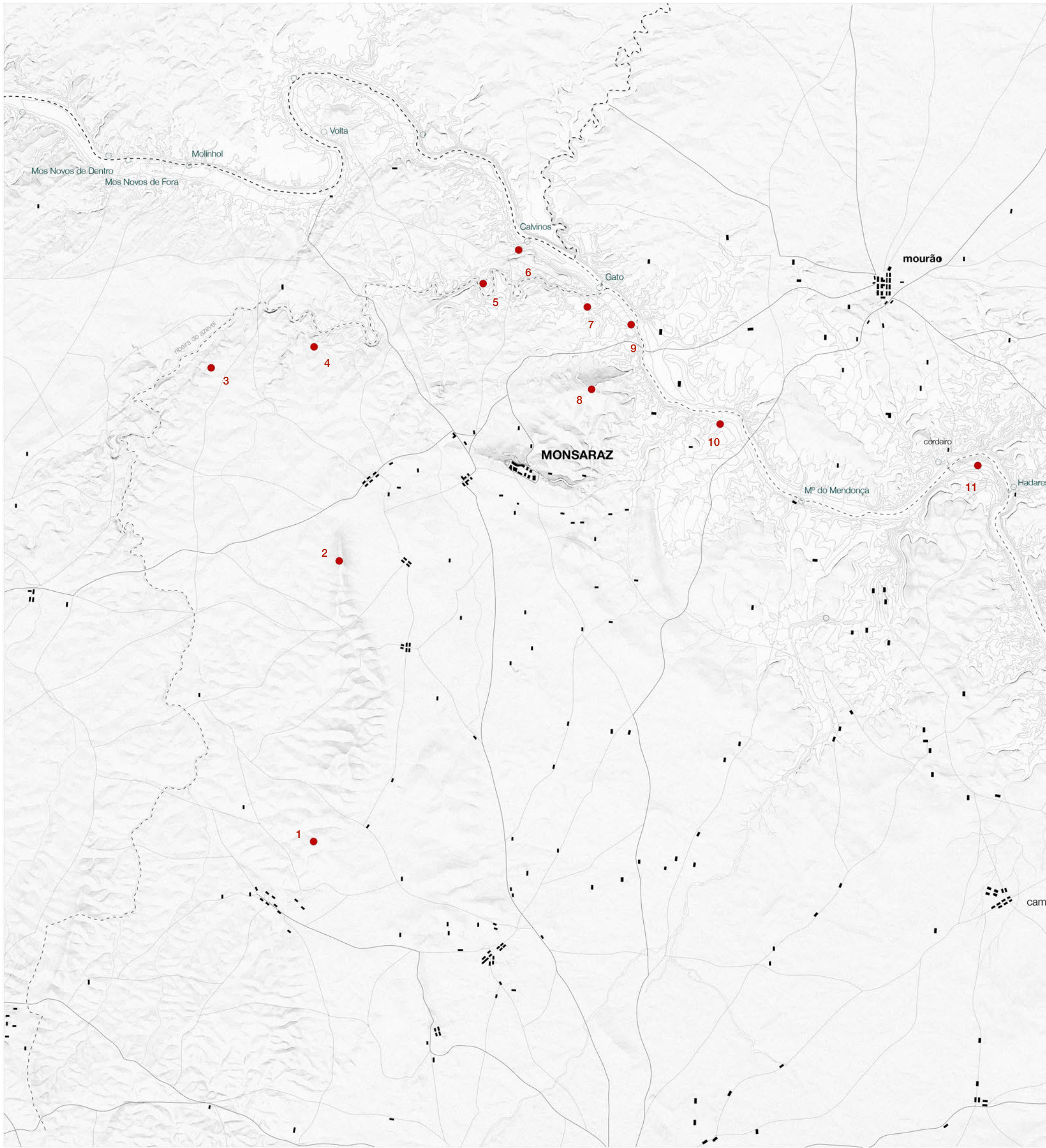


as imagens das atalaias estão referenciadas na catalogação entre as págs. 53 e 70 do trabalho



44

fig. 43 Cartografia com a Delimitação do Termo de Monsaraz e a rede de atalaias de Monsaraz
Desenho do autor a partir de cartografia disponível em <https://maps-for-free.com/#close> e de ortofotomapa de 1997, google earth



ao longo do rio, estão representadas a azul, as estruturas moageiras e os pontos de atravessamento, "porto onde inverno há barca, e verão se passa a vau" (ver fig. 42)

as imagens das atalaias estão referenciadas na catalogação entre as págs. 53 e 70 do trabalho.



canas 1



serra da barrada 2



cabeços da rainha 3



calvinos 6



monte do gato 7



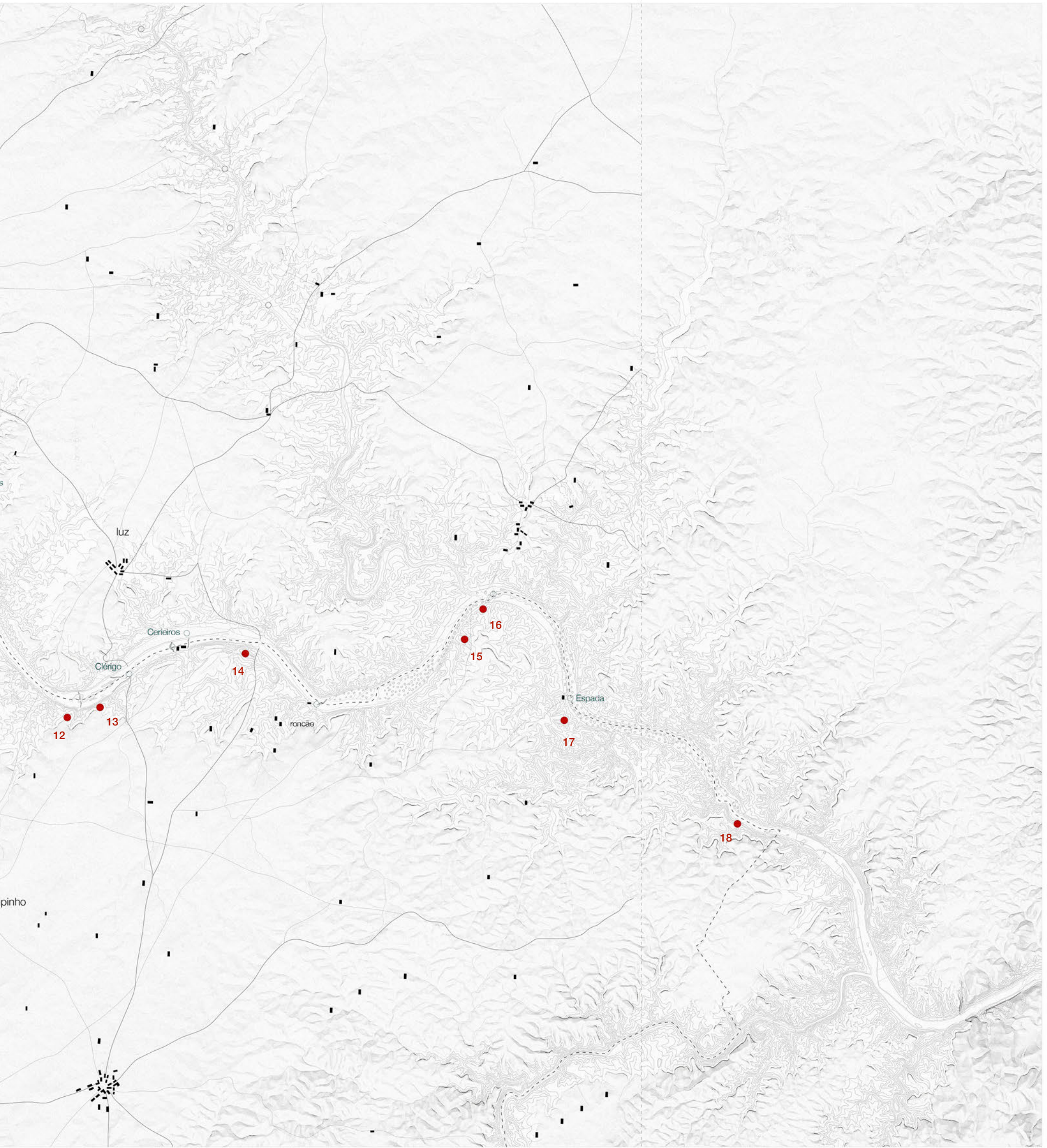
s gens 8



porto das carretas 9

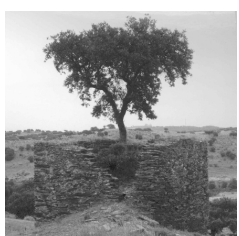


xerez de baixo 10

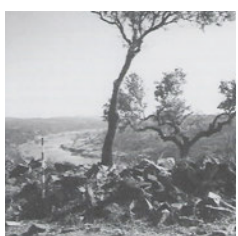


desenho com base na primeira cartografia militar do reino, 1875

Folha 29, da Carta 1.100 000, da Direcção Geral de Trabalhos Geodésicos do Reino, 1875



porto de portel 11



moinho novo 12



cismeira 13



trafal 14



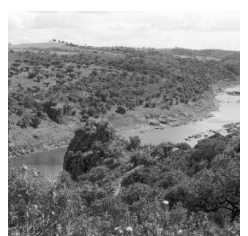
cú de pato 15



meirinho 16



porto de espada 17



rocha da gramacha 18

fig. 45 Configuração do terreno onde esta a Praça de
Monsarás, suas vizinhanças, estradas, porto onde inverno
há barca, e e verão se passa a vau
sem autor e sem data
Fonte: Direcção de Infraestruturas do Exército

Configuração

Do terreno onde está a Praça de Mansarás, suas vizinhanças
Estradas, porto onde de Inverno ha barca, e de Verão se passa a vau.

1. Talua da Ribeira
2. Talua da Barcade
3. Aldia do Oitiro
4. Aldia do Tilhuir, tem forte.
5. Alto na Cerca do Convento, onde deve haver hum posto.
6. Convento dos Carlos.
7. Baluarte para o Nordeste.
8. Recinto á roda do Castello.
9. Estrada por onde se pode transportar a Artilharia q' vier de Elvas.
10. Cabeço da força, onde deve haver hã Posto
11. Cabeço de S. Christovão q' deve ter Posto
12. Talua que deve ter Posto.
13. Colina que deve ter sentinella
14. Vestigios de hum Reduto, que deve guardar a passagem do Vau, do Porto das Carretas onde passa a barca.
15. Vau do Porto das Carretas.
16. Sitio onde deve haver grandes vigias, onde ha dois vãos
17. Parte da lagoa de Albofeira.
18. Mourão pequena Praça.
- AA. Lugar onde pode haver hum acampamento de Tropas.





Atalaia das Canas (*talaia da ribeira**)

Cota de implantação: 303m

Localização: Serra da Barrada

Coordenadas: 38.478781;-7.458887

(lat; long . sistema datum WGS84)

Atalaia de planta quadrangular, com 4,30 m de lado, conservando 4,30 m de altura, é maciça e construída em lajes de xisto ligadas com terra e argamassa de cal. Situa-se numa encosta orientada a norte/nascente, no extremo ocidente da Serra da Barrada, próxima da Aldeia do Baldio, com uma posição privilegiada sobre o território norte de Monsaraz. É a atalaia mais afastada do Rio Guadiana. Embora esteja representada em cartografias antigas, não está referenciada no arquivo de Monsaraz.



fig. 46 atalaia das canas
imagem aérea elaborada e editada pelo autor

fig. 47 vista a nascente da serra da barrada
com Monsaraz ao fundo
imagem aérea elaborada e editada pelo autor

esta atalaia aparece mencionada nos seguintes documentos

Carta Arqueológica de Reguengos de Monsaraz

*Carta antiga [s.a.] - configuração. do terreno onde está a praça de Monsarás, suas vizinhanças (...) - [s.d.]. fonte: direcção de infraestruturas do exército

48



Atalaia da Serra da Barrada

Cota de implantação: 300m

Localização: Serra da Barrada

Coordenadas: 38.474170;-7.399563

(lat; long . sistema datum WGS84)

Atalaia de planta quadrangular, com aproximadamente 6,30 m de lado, bastante degradada, construída a partir da formação rochosa do cume em que foi implantada. Conserva uma altura de cerca de 2,50 no lado norte. É maciça e construída com pedras de xisto ligadas com terra. Situa-se numa encosta orientada a norte/nascente, no extremo oriente da Serra da Barrada, próxima da Aldeia do Outeiro, com uma posição privilegiada sobre o território de Monsaraz. Alcança a paisagem em todas as orientações. Tal como acontece com a Atalaia das Canas, pese embora esteja representada em cartografias antigas, não está referenciada no arquivo de Monsaraz.

49



fig. 48 a atalaia, alçado virado a norte
fotografia feita e editada pelo autor

fig. 49 vista a sudeste, sobre os mosaicos agrícolas, com
Monsaraz no horizonte
fotografia a partir do topo da atalaia, feita e editada pelo
autor

esta atalaia aparece mencionada nos seguintes documentos

Carta Arqueológica de Reguengos de Monsaraz
Carta antiga [s.a.] - configuração. do terreno onde está a praça de
Monsarás, suas vizinhanças (...) - [s.d.]. fonte: direcção de infraestruturas
do exército

Carta antiga de parte do Rio Guadiana - "Este Mappa setirou por orden
das Noi Joanne M.^{es} de Vascoallos Tenente g.^{le} de sua Mag.^{de} no anno
1656 pallo Tenenta g.^{le} Niculas de Langres.
fonte: gallica.bnf.fr / Bibliothèque Nationale de France

Referências bibliográficas

SILVA E PERDIGÃO, 1997
referências antecedentes:
ALMEIDA, 1947 | ESPANCA, 1978



Atalaia de Cabeços da Rainha

Cota de implantação: 203m

Localização: Serra da Barrada

Coordenadas: 38.474170;-7.399563

(lat; long . sistema de coord. decimais WGS84)

Atalaia em ruína de planta circular, construída com pedras de xisto não aparelhadas e ligadas com terra. O respetivo diâmetro é de 5,45 m, e a espessura da parede é de 1,6 m, conservando uma altura de 1,50 m. Não apresenta qualquer vestígio de portas ou aberturas. Situa-se num cabeço dominante sobre a Ribeira do Azevel, donde possibilita o controlo das margens por alguns quilómetros.



fig. 50 atalaia da rainha
fonte: SILVA, 1997

fig. 51 vista a sudeste, com Monsaraz no horizonte
imagem aérea elaborada e editada pelo autor

esta atalaia aparece mencionada nos seguintes documentos

Folha 29, da Carta 1.100 000, da Direcção Geral de Trabalhos Geodésicos do Reino, 1875

Carta antiga de parte do Rio Guadiana - "Este Mappa setrou por orden das Noi Joanne M.^{es} de Vascoallos Tenente g.^{lo} de sua Mag.^{de} no anno 1656 pallo Tenenta g.^{lo} Niculas de Langres".

fonte: gallica.bnf.fr / Bibliothèque Nationale de France

Referências bibliográficas

SILVA E PERDIGÃO, 1997 | SILVA, 1999

referências antecedentes:

ALMEIDA, 1947 | ESPANCA, 1978 | SOUSA, 1994 | LAPA, 1996

Atalaia de Cabanas da Choupana*

Cota de implantação: 170m

Localização: Ribeira de Azevel . Cabanas da Choupana

Coordenadas: 38.478477;-7.353818

(lat; long . sistema de coord. decimais WGS84)

Construção de planta retangular, muito degradada, construída em pedra solta de xisto. Observam-se dois lados retos, com um comprimento de 8,35 m por 6,30 m de largura, com uma altura máxima conservada de 1,00 m. Apresenta uma entrada com cerca de 0,90 m virada a Norte. A parede exterior não está aprumada, tendendo para o interior com uma ligeira inclinação. Localiza-se 600 m, a Este, das Cabanas da Choupana, na margem direita da Ribeira do Azevel.

* à data do levantamento arqueológico, tendo em conta o estado de ruína e uma morfologia diferenciada do restante conjunto, não foi possível afirmar com convicção que se tratasse de uma atalaia.



fig. 52 ruínas da atalaia das Cabanas da Choupana
fonte: SILVA, 1997

Referências bibliográficas

SILVA E PERDIGÃO, 1997 | SILVA, 1999
referências antecedentes:
SOUSA, 1994

Atalaia de Cocos*

Cota de implantação: 162m

Localização: Ribeira de Azevel

Coordenadas: 38.450461;-7.340373

(lat; long . sistema de coord. decimais WGS84)

Aglomerado de pedras de xisto correspondendo às ruínas de uma estrutura desmantelada, que, pelo tipo de implantação e área de ocupação, poderá ter correspondido a uma atalaia. Situa-se na margem esquerda do Azevel (já no concelho do Alandroal) em elevação dominante sobre a ribeira, a Sul do Moinho da Curva (verificar).

* à data do levantamento arqueológico, tendo em conta o estado de ruína não foi possível afirmar com convicção que se tratasse de uma atalaia.

Referências bibliográficas

SILVA E PERDIGÃO, 1997¹ | SILVA, 1999²
referências antecedentes:
LAPA, 1996⁶



Atalaia de Calvinos

Cota de implantação: 130m

Localização: Serra da Barrada

Coordenadas: 38.444468;-7.333337

(lat; long . sistema de coord. decimais WGS84)

Atalaia de estrutura circular encontrada em bom estado de conservação, com 3,00 m de diâmetro, construída em xisto aparelhado, com 4,00 m de altura, sem sinal de entrada. O seu interior é maciço. Localiza-se a meia encosta, sobre afloramento rochoso xistoso, dominando o Guadiana, na zona em que este deixa de servir de fronteira, imediatamente a montante da confluência com a Ribeira de Cuncos. Localiza-se a Norte da ribeira do Azevel, já no concelho do Alandroal. Faria parte do sistema de alerta para possíveis investidas de Nordeste sobre a praça de Monsaraz.



fig.53, fig.54, e fig.55 Atalaia de Calvinos

Portal do Arqueólogo
<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=57202f>
imagens formatadas e editadas pelo autor

esta atalaia aparece mencionada nos seguintes documentos

Portal do Arqueólogo, mapa WEB - territórios de intervenção da DGPC
(Direcção Geral do Património Cultural)

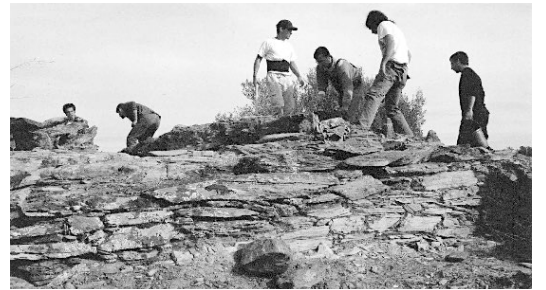
Referências bibliográficas

SILVA E PERDIGÃO, 1997³ | SILVA, 1999² | BLOCO 16⁶
referências antecedentes:
CALADO, 1993³ | LAPA, 1996⁶

56



57



Atalaia de Monte do Gato

Cota de implantação: 150m

Localização: Ribeira do Azevel, Monte do Gato

Coordenadas: 38.433020;-7.399563

(lat; long . sistema de coord. decimais WGS84)

Estrutura em ruínas, de planta quadrangular (possivelmente), construída com pedra de xisto. Foram identificados dois muros (Sul e Este), com cerca de 0,90 m de espessura, conservados numa extensão de 6,00 m e 7,00 m, respetivamente. A altura máxima verificada é de 0,50 m. Situa-se numa plataforma elevada na margem direita do Azevel, cerca de 700 m, a Norte, do Monte do Gato.

58



fig.56, fig.57, e fig.58 Atalaia de Monte do Gato

Portal do Arqueólogo
<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=179617>

imagens formatadas e editadas pelo autor

esta atalaia aparece mencionada nos seguintes documentos

Portal do Arqueólogo, mapa WEB - territórios de intervenção da DGPC
(Direção Geral do Património Cultural)

Carta Arqueológica de Reguengos de Monsaraz

Referências bibliográficas

SILVA E PERDIGÃO, 1997¹ | SILVA, 1999² | BLOCO 16^o
referências antecedentes:
LAPA, 1996³

59



Atalaia de São Gens

Cota de implantação: 288m

Localização: Cume de São Gens

Coordenadas: 38.432309 ; -7.363289

(lat; long . sistema de coord. decimais WGS84)

Atalaia de planta quadrada, com 5,50 m de lado, conserva-se ainda numa altura de mais de 5,00 m, embora a altura original pudesse ter atingido os 6,00 m. É construída em lajes de xisto ligeiramente aparelhadas e não argamassadas. É também conhecida pela designação de São Jeães *, Localizada entre Monsaraz e o Guadiana, foi implantada no alto de uma elevação dominante de difícil acesso com o mesmo nome (o cume de São Gens). Dada a sua posição ocupava um papel especial no dispositivo de alerta da Fortaleza de Monsaraz, facilitando a ligação visual com a praça de Mourão.

60



fig. 59 atalaia de São Gens
fotografia feita e editada pelo autor

fig. 60 vista a noroeste com Monsaraz no horizonte
fotografia a partir do topo da atalaia, feita e editada pelo autor

esta atalaia aparece mencionada nos seguintes documentos

Carta antiga de parte do Rio Guadiana - "Este Mappa setirou por orden das Noi Joanne M.^{es} de Vascoallos Tenente g.^{lo} de sua Mag.^{de} no anno 1656 pallo Tenenta g.^{lo} Niculas de Langres".
fonte: gallica.bnf.fr / Bibliothèque Nationale de France

Carta antiga [s.a.] - configuração. do terreno onde está a praça de Monsarás, suas vizinhanças (...) - [s.d.]. fonte: direcção de infraestruturas do exército

Folha 29, da Carta 1.100 000, da Direcção Geral de Trabalhos Geodésicos do Reino, 1875

Portal do Arqueólogo, mapa WEB - territórios de intervenção da DGPC (Direcção Geral do Património Cultural)

Carta Arqueológica de Reguengos de Monsaraz

Referências bibliográficas

SILVA E PERDIGÃO, 1997¹ | SILVA, 1999²
referências antecedentes:
ALMEIDA, 1947³ | ESPANCA, 1978⁴



Atalaia do Porto das Carretas

Cota de implantação: 113m

Localização: Rio Guadiana, Monte do Gato

Coordenadas: 38.425928;-7.349344

(lat; long . sistema de coord. decimais WGS84)

Atalaia, em ruína, de estrutura construída em alvenaria de xisto não argamassada, de base quadrada com cerca de 8,00 m de lado e 1,20 m de espessura, desenvolvendo-se em tronco de pirâmide. Conservada a uma altura de 2,00 m. O seu interior apresenta um lajeado - parcialmente revelado - em que predomina o xisto ligado com argamassa rica em cal. Situa-se na margem direita do Guadiana, 800 m a jusante do moinho do Gato, junto da antiga travessia do Guadiana conhecida por Porta das Carretas, em terrenos baixos, a cerca de 100 m do Rio. Aparentemente, esta atalaia não se encontra relacionada com outras estruturas perceptíveis, pois dela não se consegue visualizar nenhuma outra construção de carácter militar.

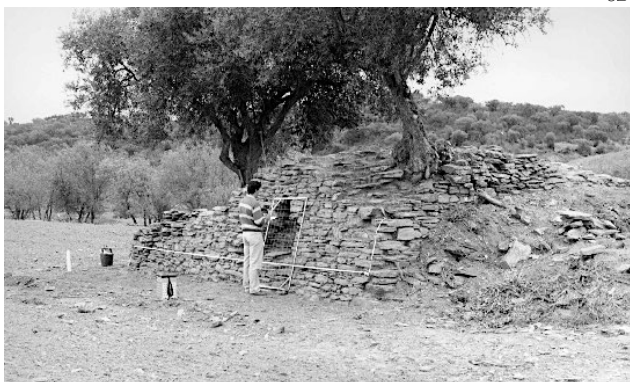


fig.61, fig.62 Atalaia do Porto das Carretas

Portal do Arqueólogo
<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=57187>

imagens formatadas e editadas pelo autor

esta atalaia aparece mencionada nos seguintes documentos

Carta antiga de parte do Rio Guadiana - "Este Mappa setirou por orden das Noi Joanne M.^{es} de Vascoallos Tenente g.^o de sua Mag.^{de} no anno 1656 pallo Tenenta g.^o Niculas de Langres".
fonte: gallica.bnf.fr / Bibliothèque Nationale de France

Carta antiga [s.a.] - configuração. do terreno onde está a praça de Monsarás, suas vizinhanças (...) - [s.d.]. fonte: direcção de infraestruturas do exército

Portal do Arqueólogo, mapa WEB - territórios de intervenção da DGPC (Direcção Geral do Património Cultural)

Referências bibliográficas

SILVA, 1999² | BLOCO 16

63



Atalaia de Xerez de Baixo

Cota de implantação: 112m

Localização: Rio Guadiana

Coordenadas: 38.411378 ; -7.370185

(lat; long . sistema de coord. decimais WGS84)

Atalaia, em ruína, de estrutura em tronco de base triangular, construída a partir de uma plataforma de base, por blocos irregulares de granito ligados com areia muito fina, sem dimensões registadas.

Situada na margem direita do Guadiana, próxima da antiga passagem da "Barca", tem características semelhantes à atalaia do Porto das Carretas situada a montante.

64



fig.63, fig.64 Atalaia de Xerez de Baixo

Portal do Arqueólogo
<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=179652>
imagens formatadas e editadas pelo autor

esta atalaia aparece mencionada nos seguintes documentos

Carta antiga de parte do Rio Guadiana - "Este Mappa setirou por orden das Noi Joanne M.^{es} de Vascoallos Tenente g.^{le} de sua Mag.^{de} no anno 1656 pallo Tenenta g.^{le} Niculas de Langres".
fonte: gallica.bnf.fr / Bibliothèque Nationale de France

Portal do Arqueólogo, mapa WEB - territórios de intervenção da DGPC (Direcção Geral do Património Cultural)

Carta Arqueológica de Reguengos de Monsaraz

Referências bibliográficas

SILVA E PERDIGÃO, 1997¹ | SILVA, 1999² | BLOCO 16^o
referências antecedentes:
LEISNER 1951⁷ | LAPA, 1996⁶



Atalaia do Porto de Portel

Cota de implantação: 120m (127m, no portal do arqueólogo)

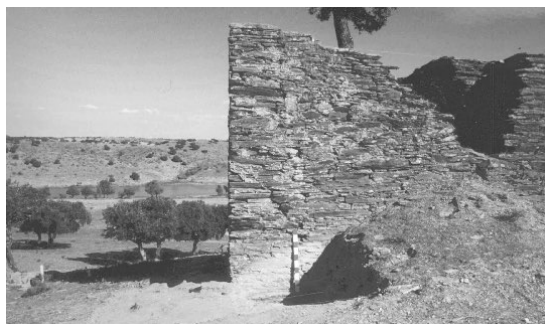
Localização: Rio Guadiana, Porto de Portel

Coordenadas: 38.368303; -7.380974

(lat; long . sistema de coord. decimais WGS84)

Atalaia de planta retangular, medindo 5,00 por 5,40 m. As paredes, formadas por pedra seca semi-aparelhada e ligada com terra, apresentam uma espessura de 1,40 m. O interior é parcialmente preenchido com terra, sendo a parte superior do coroamento interior, que forma uma espécie de terraço ou varanda, rebocado com argamassa de cal e areia. Situa-se a meia encosta na margem direita do Rio, em posição estratégica para observação da passagem conhecida como Porto de Portel. A atalaia encontra-se relacionada, em perfeita triangulação, com os castelos de Monsaraz e de Mourão.

66



67

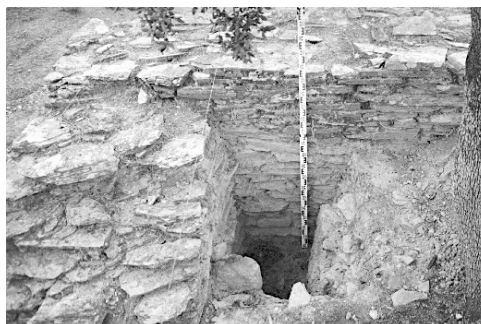


fig.65, fig.66, fig.67 Atalaia do Porto de Portel

Portal do Arqueólogo
<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=57200>
imagens formatadas e editadas pelo autor

esta atalaia aparece mencionada nos seguintes documentos

Portal do Arqueólogo, mapa WEB - territórios de intervenção da DGPC
(Direção Geral do Património Cultural)

Carta Arqueológica de Reguengos de Monsaraz

Referências bibliográficas

SILVA E PERDIGÃO, 1997¹ | SILVA, 1999² | BLOCO 16⁹
referências antecedentes:
SILVA. C.T. 1986⁸

Atalaia do Moinho Novo*

Cota de implantação: 157

Localização: Rio Guadiana, próxima do Monte da Cismeira

Coordenadas: 38.345654 ; -7.433026

(lat; long . sistema de coord. decimais WGS84)

Atalaia de construção em pedra e terra, de planta retangular que mede 3,60 m de comprimento por 3,00 m de largura, o muro mede 0,5 m de espessura e conserva cerca de 0,6 m de altura. O seu interior é entulhado com terra e pedras. Localiza-se 750 m a NE do Monte da Cismeira, no topo de pequena elevação sobranceira, onde observa o Rio Guadiana.

*à data do levantamento arqueológico, tendo em conta o estado de ruína, não foi possível afirmar com convicção que se tratasse de uma atalaia.

Atualmente, após visita ao local não foram encontrados quaisquer vestígios.



68

fig.68 Vestígios da possível Atalaia do Moinho Novo

fonte: SILVA, 1997

imagem formatada pelo autor

esta atalaia aparece mencionada nos seguintes documentos

Carta Arqueológica de Reguengos de Monsaraz

Referências bibliográficas

SILVA E PERDIGÃO, 1997¹ | SILVA, 1999²

referências antecedentes:

LAPA, 1996³

referências antecedentes:

SILVA, C.T. 1986⁴

Atalaia Cismeira

Cota de implantação: 140m

Localização: Rio Guadiana

Coordenadas: 38.340235 ; -7.430791

(lat; long . sistema de coord. decimais WGS84)

Estrutura muito arruinada, de planta retangular, com 4,40 m por 4,00 m, com paredes de 0,5 m de espessura, construídas de pedra de xisto sem argamassa, conservando 1.00 m de altura. Situa-se no topo de pequena elevação sobranceira ao Guadiana e com boa visibilidade sobre este. Segundo a intervenção levada a cabo pelos arqueólogos nos trabalhos do "Bloco 16", [...] "não apresenta uma tipologia construtiva que se possa ter feito parte de um programa militar de controle da paisagem ou de vias de comunicação."



fig.69 Atalaia Cismeira
BLOCO 16, 1999
relatório geral. foto n7

esta atalaia aparece mencionada nos seguintes documentos

Carta Arqueológica de Reguengos de Monsaraz

Referências bibliográficas

SILVA E PERDIGÃO, 1997¹ | SILVA, 1999² | BLOCO 16³
referências antecedentes:
LAPA, 1996⁶



Atalaia do Trafal

Cota de implantação: 158m

Localização: Rio Guadiana, próxima do Monte da Cismeira

Coordenadas: 38.316426 ; -7.419364

(lat; long . sistema de coord. decimais WGS84)

Atalaia de planta circular, com 5,20 m de diâmetro e 1,20 m de espessura da respetiva parede, construída em lajes de xisto ligadas com terra. O interior era preenchido com terra, conservando ainda uma altura de 1,6 m. Situa-se no cimo de uma elevação próxima do marco geodésico do Trafal.

fig. 70 Atalaia do Trafal
fonte: SILVA, 1997

esta atalaia aparece mencionada nos seguintes documentos

Carta Arqueológica de Reguengos de Monsaraz

Referências bibliográficas

SILVA E PERDIGÃO, 1997¹ | SILVA, 1999²
referências antecedentes:
ESPANCA, 1978⁴ | LAPA, 1996⁶

71



72



Atalaia do Cú de Pato

Cota de implantação: 130m

Localização: Rio Guadiana, Porto do Cú de Pato

Coordenadas: 38.279792 ; - 7.416516

(lat; long . sistema de coord. decimais WGS84)

Atalaia uma planta quadrangular, em bom estado de conservação. É visível uma estrutura que ultrapassa os 4,00 m de altura. As suas faces apresentam um comprimento que, em média, pouco ultrapassa os 5,00 m. É constituída por xisto da região ligado com terra e apresenta, no exterior, vestígios de revestimentos de argamassa. O interior está preenchido com terra e conserva uma altura acima do solo de 3,80 m. A face sul apresenta-se derrocada pela ação de árvores que crescem no seu interior. Localiza-se a meia encosta de pequena elevação sobranceira ao Rio, na margem direita e em local com boa visibilidade sobre a margem oposta, por isso, parece relacionar-se com a passagem a vau do Rio no sítio do Porto do Cu de Pato.

73



fig.71, fig.72, fig.73 Atalaia do Cú de Pato

Portal do Arqueólogo
<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=179722>

imagens formatadas e editadas pelo autor

esta atalaia aparece mencionada nos seguintes documentos

Portal do Arqueólogo, mapa WEB - territórios de intervenção da DGPC
(Direcção Geral do Património Cultural)

Carta Arqueológica de Reguengos de Monsaraz

Referências bibliográficas

SILVA E PERDIGÃO, 1997¹ | SILVA, 1999² | BLOCO 16⁹
referências antecedentes:
ESPANCA, 1978⁴ | LAPA, 1996⁶

Atalaia do Meirinho

Cota de implantação: 127m

Localização: Rio Guadiana, Porto de Meirinho

Coordenadas: 38.276518 ; -7.410125

(lat; long . sistema de coord. decimais WGS84)

Atalaia de planta quadrangular com 4,80 m de lado, construída de pedra de xisto não aparelhada. Os muros apresentam ainda, na face exterior, restos de revestimento de argamassa de cal e areia e têm 0,90 m de espessura. O interior conserva ainda uma altura de 4,00 m e encontra-se completamente preenchido por terra. Não existe qualquer vestígio de portas ou aberturas. No lado poente (lado oposto ao Rio) apresenta-se em mau estado de conservação. Localiza-se a meia encosta de uma pequena elevação sobranceira ao Guadiana, controlando a passagem a vau do Porto de Meirinho, onde a antiga estrada da povoação da Estrela cruzava o Rio.



fig.74, fig.75, fig.76 Atalaia do Meirinho

Portal do Arqueólogo
<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=177347>

imagens formatadas e editadas pelo autor

esta atalaia aparece mencionada nos seguintes documentos

Portal do Arqueólogo, mapa WEB - territórios de intervenção da DGPC
(Direcção Geral do Património Cultural)

Carta Arqueológica de Reguengos de Monsaraz

Referências bibliográficas

SILVA E PERDIGÃO, 1997¹ | SILVA, 1999² | BLOCO 16⁹
referências antecedentes:
ESPANCA, 1978⁴ | LAPA, 1996⁶



Atalaia do Porto de Espada

Cota de implantação: 130m

Localização: Rio Guadiana, Porto de Espada

Coordenadas: 38.262778 ; -7.433822

(lat; long . sistema de coord. decimais WGS84)

Atalaia, em ruínas, de estrutura de base quadrada, com 4,40 m de lado e espessura de paredes de 1,20 m. Construída em pedra seca de xisto, apresenta o interior completamente entulhado. Conserva uma altura máxima de 2,00 m, sem vestígios de aberturas. A construção possui um revestimento externo em argamassa. Localiza-se numa pequena elevação da qual se domina visualmente um importante setor do curso do Guadiana, incluindo a passagem a vau do Porto de Espada.



fig.77, fig.78. Atalaia do Porto do Porto de Espada

Portal do Arqueólogo

imagens formatadas e editadas pelo autor

esta atalaia aparece mencionada nos seguintes documentos

Portal do Arqueólogo, mapa WEB - territórios de intervenção da DGPC
(Direção Geral do Património Cultural)

Referências bibliográficas

SILVA E PERDIGÃO, 1997¹ | SILVA, 1999² | BLOCO 16⁹

referências antecedentes:

ESPANCA, 1978⁴ | LAPA, 1996⁶

Atalaia da Rocha da Gramacha

Cota de implantação: 100m

Localização: Rio Guadiana, Rocha da Gramacha

Coordenadas: 38.23479 ; -7.455797

(lat; long . sistema de coord. decimais WGS84)

Atalaia de que, aparentemente, podem ter restado apenas os muros em xisto que formam um canto de uma estrutura quadrangular. Situados em escarpa sobranceira ao Guadiana, numa pequena plataforma artificial com 10 m² de área útil, com excelente visibilidade, tanto para montante quanto para jusante. Mais do que os poucos vestígios conservados, é a sua localização estratégica que aponta para a possibilidade de aqui ter existido um posto de observação e controlo do Rio.



79



80

fig.79, fig.80 Atalaia da Rocha da Gramacha

Portal do Arqueólogo
<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=179568>

imagens formatadas e editadas pelo autor

esta atalaia aparece mencionada nos seguintes documentos

Portal do Arqueólogo, mapa WEB - territórios de intervenção da DGPC
(Direcção Geral do Património Cultural)

Referências bibliográficas

SILVA E PERDIGÃO, 1997¹ | SILVA, 1999² | BLOCO 16⁹
referências antecedentes:
ESPANCA, 1978⁴ | LAPA, 1996⁶

atalaias de monsaraz

id	topónimo	forma	dimensões (metros)	altura máx. conservada (metros)	situação topográfica	cota implantação (metros)	coordenadas geográficas lat ; long (sistema datum WGS84)	impacto alqueva cota máx 152m
1	canas	■	4.30 x 4.30	4.30	↑	303	38.478781° ; -7.458887°	
2	serra da barrada	■	6.20 x 6.20	2.50	↑	300	38.474170° ; -7.399563°	
3	cabeços da rainha	●	5.45 diâm.	1.50	↑	203	38.478535° ; -7.352725°	
4	choupana *	-	8.35 x 6.30	1.00	↑	170	38.478535° ; -7.352725°	
5	cocos*	-	-	-	↑	162	38.450461° ; -7.340373°	
6	calvinos	○	3.00 diâm.	4.00	→	130	38.444468° ; -7.333337°	●
7	monte do gato	□	7.00 x 7.00	0.50	↑	150	38.433020° ; -7.399563°	●
8	são gens	■	5.50 x 5.50	5.50	↑	288	38.432309° ; -7.363289°	
9	porto das carretas	△	8.00x 8.00	2.00	→	113	38.425928° ; -7.349344°	●
10	xerez de baixo	△	-	-	→	112	38.411378° ; -7.370185°	●
11	porto de portel	□	5.40 x 5.00	4.00	→	120 (127 portal arq)	38.368303° ; -7.380974°	●
12	moinho novo *	□	3.60 x 3.00	0.60	↑	157	38.345654° ; -7.433026°	
13	cismeira	□	4.40 x 4.00	0.60	↑	140	38.340235° ; -7.430791°	●
14	trafal	●	5.20 diâm.	1.60	↑	158	38.316426° ; -7.419364°	
15	cú de pato	□	5.00 x 5.00	3.80	→	130	38.279792° ; -7.416516°	●
16	meirinho	□	4.80 x 4.80	4.00	→	127	38.276518° ; -7.410125°	●
17	porto de espada	□	4.40 x 4.40	2.00	→	130	38.262778° ; -7.433822°	●
18	rocha da gramacha	-	-	-	↑	100	38.234079° ; -7.455797°	●

○ atalaia cilíndrica □ atalaia em paralelepípedo de planta quadrada □ atalaia em paralelepípedo de planta retangular (dimensões próxima de uma planta retangular) △ atalaia em tronco de pirâmide de base quadrangular

↑ topo de encosta

→ meia encosta

*à data do levantamento arqueológico (BLOCO 16 - Atalaias), tendo em conta o estado de ruína, não foi possível afirmar com convicção que se tratasse de uma atalaia.

Bibliografia

- SILVA, A. C. e PERDIGÃO, (1997) - *Atalaias do Termo de Monsaraz*, in *Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz*, nº1, Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz, pp. 133-154.
- SILVA, A. C. (1999) - *Salvamento Arqueológico do Guadiana*, Memórias D'Odiana - Estudos Arqueológicos do Alqueva, EDIA, S.A.
- ALMEIDA, J. (1948) - *Roteiro dos Monumentos Portugueses*, V.III, Lisboa.
- ESPANCA, T. (1978) - *Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Évora*, V. I e II, Academia Nacional de Belas Artes, Lisboa.
- SOUSA, O. - *Projecto Arqueológico do Alqueva, (P.A.A.), Relatório Final*, IPPC - SRAZS.
- LAPA (1996) - *Levantamento Arqueológico do Património do Alqueva, (Protocolo IPPAR-CAM)*, Relatório final, Mértola.
- CALADO, M. (1993) - *Carta Arqueológica do Alandroal*, Câmara Municipal do Alandroal e ARQUIZ.
- SILVA, C.T., SOARES, j. e MASCARENHAS, J.M. (1986) - *Estudo de Impacto Ambiental do Emp. Alqueva. Caract. do Quadro de Ref. Rel. B-3, Património Histórico-Arqueológico na ZAP.*
- CORREIA, Fernando Branco (1998-2000) - *Bloco 16 - Atalaias : relatório geral : relatório dos trabalhos levados a cabo durante 2000*. Lisboa : Garb al-Andalus, Arqueologia e História, Lda, 2000

salvamento arqueológico ^(a) inventário (número)	relatórios arqueológico Bloco nº 16 - Atalaias	portal do arqueólogo ^(d) cns (código nacional de sítio)	carta arqueológica ^(e) id	cartografia antiga	referências
não identificada		não identificada	473B296	b. (atalaia da ribeira)	
não identificada		não identificada	474A004	b.	SILVA E PERDIGÃO, 1997 ¹ referências antecedentes: ALMEIDA, 1947 ³ ESPANCA, 1978 ⁴
9522		não identificada	463A004	c.	SILVA E PERDIGÃO, 1997 ¹ SILVA, 1999 ² referências antecedentes: ALMEIDA, 1947 ³ ESPANCA, 1978 ⁴ SOUSA, 1994 ⁵ LAPA, 1996 ⁶
9529		20932	474A006		SILVA E PERDIGÃO, 1997 ¹ SILVA, 1999 ² referências antecedentes: SOUSA, 1994 ⁵
9551		27367	concelho alandroal		SILVA E PERDIGÃO, 1997 ¹ SILVA, 1999 ² referências antecedentes: LAPA, 1996 ⁶
9572	●	13620	concelho alandroal		SILVA E PERDIGÃO, 1997 ¹ SILVA, 1999 ² BLOCO 16 ⁹ referências antecedentes: CALADO, 1993 ⁷ LAPA, 1996 ⁶
9568	●	16442	não identificada		SILVA E PERDIGÃO, 1997 ¹ SILVA, 1999 ² BLOCO 16 ⁹ referências antecedentes: LAPA, 1996 ⁶
95677		não identificada	474A033	a., b., c.	SILVA E PERDIGÃO, 1997 ¹ SILVA, 1999 ² referências antecedentes: ALMEIDA, 1947 ³ ESPANCA, 1978 ⁴
971521	●	13615	não identificada	a., b.	SILVA, 1999 ² BLOCO 16
971525	●	16443	474A210	a.	SILVA E PERDIGÃO, 1997 ¹ SILVA, 1999 ² BLOCO 16 ⁹ referências antecedentes: LEISNER 1951 ⁷ LAPA, 1996 ⁶
95328	●	13618	483A049		SILVA E PERDIGÃO, 1997 ¹ SILVA, 1999 ² BLOCO 16 ⁹ referências antecedentes: SILVA. C.T. 1986 ⁸
95408		não identificada	482B120		SILVA E PERDIGÃO, 1997 ¹ SILVA, 1999 ² referências antecedentes: LAPA, 1996 ⁶
95416	●	não identificada	482B139		SILVA E PERDIGÃO, 1997 ¹ SILVA, 1999 ² BLOCO 16 ⁹ referências antecedentes: LAPA, 1996 ⁶
95362		não identificada	482B203		SILVA E PERDIGÃO, 1997 ¹ SILVA, 1999 ² referências antecedentes: ESPANCA, 1978 ⁴ LAPA, 1996 ⁶
95305	●	16446	491B035		SILVA E PERDIGÃO, 1997 ¹ SILVA, 1999 ² BLOCO 16 ⁹ referências antecedentes: ESPANCA, 1978 ⁴ LAPA, 1996 ⁶
95307	●	16345	491B100		SILVA E PERDIGÃO, 1997 ¹ SILVA, 1999 ² BLOCO 16 ⁹ referências antecedentes: ESPANCA, 1978 ⁴ LAPA, 1996 ⁶
95290	●	16343	não identificada		SILVA E PERDIGÃO, 1997 ¹ SILVA, 1999 ² BLOCO 16 ⁹ referências antecedentes: ESPANCA, 1978 ⁴ LAPA, 1996 ⁶
95252	●	16441	não identificada		SILVA E PERDIGÃO, 1997 ¹ SILVA, 1999 ² BLOCO 16 ⁹ referências antecedentes: ESPANCA, 1978 ⁴ LAPA, 1996 ⁶

Cartografia antiga

a. Carta antiga de parte do Rio Guadiana - "Este Mappa setirou por orden das Noi Joanne M.^{as} de Vascoallos Tenente g.^{lo} de sua Mag.^{da} no anno 1656 pallo Tenenta g.^{lo} Niculas de Langres".
fonte: gallica.bnf.fr / Bibliothèque Nationale de France

b. Carta antiga [s.a.] - configuração. do terreno onde está a praça de Monsarás, suas vizinhanças (...) - [s.d.]. fonte: direcção de infraestruturas do exército

c. Folha 29, da Carta 1.100 000, da Direcção Geral de Trabalhos Geodésicos do Reino, 1875

Cartografia

d. Portal do Arqueólogo, mapa WEB - territórios de intervenção da DGPC (Direcção Geral do Património Cultural)

e. Carta Arqueológica de Reguengos de Monsaraz

"(...) A paisagem é uma escrita que se inventa e re-inventa sobre um texto anterior a partir do qual se escreve um outro texto.(...) As suas transformações são as desinências, a parte que varia, que concilia, no mesmo espaço, as modificações do tema (espaço matricial) que exprimem o passado o presente e o futuro. Mas, enquanto as mudanças e flexões determinam novas formas verbais distintas, aqui, na paisagem, as desinências concretizam-se a partir do tema e com o tema, gerando um único espaço que resulta do entrelaçar dos diferentes espaços e das diferentes espacialidades originadas pelos diversos tempos.

A paisagem não se esgota, contudo, nesta dimensão de suporte das relações que se estabelecem entre Natureza, Cultura e Tempo. A Paisagem é um processo aberto, e ainda que possa ser representada literária e pictoricamente, é uma realidade socialmente cognitiva, é um processo eidético, ou seja, é mais que um objecto quantificável, é uma ideia, é uma forma cultural de olhar, ou melhor de nos relacionarmos com o espaço que nos envolve"

(Aurora Carapinha citada por FERREIRA, 2005, pág. 9)



82



cota 109m
rio

fig. 82 Monsaraz e São Gens visto do Rio, 1956
IARP . Cód. ref.PT-OA-IARP-EVR-MOU03-001
OA . [http://www.oapix.org.pt/100000/1/713,01,11/
index.htm](http://www.oapix.org.pt/100000/1/713,01,11/index.htm)

83



cota 152m
lago

fig. 83 Monsaraz e São Gens visto do Lago, 2013
fotografia feita e editada pelo autor



fig. 84 as atalaias e a transformação da paisagem
cartografia do autor
a partir de ortofotomapa de 1997, google earth



fig. 85 as atalaias e a transformação da paisagem
cartografia do autor
a partir de ortofotomapa de 2002, google earth



fig. 86 as atalaias e a transformação da paisagem
cartografia do autor
a partir de ortofotomapa de 2003, google earth



fig. 87 as atalaias e a transformação da paisagem
cartografia do autor
a partir de ortofotomapa de 2007, google earth





fig. 88 O lago do topo de São Gens, 2013
fotografia feita e editada pelo autor

a transformação da paisagem

o lago como metáfora de encontro

Do movimento natural do Rio a uma planície inundada, confrontamo-nos com uma das transformações mais profundas da paisagem em Portugal — um enorme lago encheu o vale e os afluentes do Guadiana e tomou uma parte da vida e de uma paisagem cultural coletiva. Os lugares, os caminhos e os territórios, agora, descontínuos ou fragmentados, existem, apenas, na memória das gentes ou subterrâneos. A barreira imposta ao curso do Rio — a barragem hidroelétrica — foi construída perto da aldeia de Alqueva, "(...) onde o vale aperta-se em garganta ao atravessar o bloco levantado da Serra de Portel" (DAVEAU citado SILVA, 1999, pág.13). Do plano de água sai agora uma complexa rede de infraestruturas destinadas a irrigar um vasto território. Desde a época das primeiras ocupações, que o clima mediterrânico de verões prolongados, quentes e quase sempre muito secos, fizeram da água o bem mais precioso desta paisagem. O desenvolvimento das técnicas hidráulicas, bem como das infraestruturas de recolha, reserva e transporte, para o uso doméstico ou práticas agrícolas, representam uma tradição milenar entranhada na história deste território, sobretudo, desde os períodos da colonização romana e islâmica. O Guadiana, apesar dos caprichos e irregularidades do seu caudal, representou, neste contexto de um clima austero, uma fonte importante para o desenvolvimento e manutenção das comunidades. Durante o século XX, numa outra circunstância histórica, perante a perene escassez da água e o abandono dos campos, a ideia ambiciosa de represar o Rio, transformando-o no maior lago artificial da Europa, tornou-se o desígnio imperativo para esta paisagem. Começou a ser planeada na década de 50, passa por períodos de estagnação, e foi concluída, em 2002, com o encerramento das comportas, que permitiram elevar o caudal do Rio até a uma cota máxima de 152 m, atingida pela primeira vez em 2010. Esta obra carrega um impacto ambiental profundo na paisagem e nas gentes que aceitaram perder uma parte da memória coletiva e da sua identidade, pela promessa de um futuro próspero. Inicialmente, previa abranger cerca de 100 000 hectares do território. Hoje, duas décadas depois, conta com 130 000 ha de regadio em exploração — apenas há dez anos, a água começou a irrigar os vastos campos agrícolas — que, se estima, poder chegar aos 150 000 até 2025. A constituição de uma reserva estratégica de água, a contribuição para a regularização do caudal do Rio, o fornecimento de água para a indústria e a produção de energia elétrica foram os seus principais objetivos. No entanto, o lago transcendeu a sua função prática e tomou-se numa metáfora poderosa de encontro e significados (nas suas várias dimensões). É um elemento fundamental para o desenvolvimento e para a resistência ao êxodo rural, na vontade de evitar a desertificação do Alentejo interior.

Estamos perante o encontro entre a engenharia e a natureza. A paisagem é, agora, uma planície inundada, que tende, pelas características inatas da natureza, a equilibrar-se com o tempo. O clima austero continua e, nos períodos mais quentes de verões prolongados, somos confrontados com a ávida *secura* dominante da envolvente, que contrasta com a enorme e vibrante massa de água do lago. A sua superfície alcança os 250 km², 35 dos quais em Espanha, e 1100 km de margens. Estende-se, por cerca de 83 dos 260 km, que o curso do Guadiana faz, em Portugal, e permite armazenar cerca de 4150 hm³ de água. Há novos peixes e pássaros, espécies de algas e plantas, novas aragens e ventagens, novas pessoas que trabalham ou passam. Uma metamorfose que demonstra a capacidade humana de controlar e alterar o equilíbrio da paisagem para responder aos seus desígnios e necessidades.

Perante os lugares submersos, caminhos descontínuos e um ambiente biológico e cultural fragmentado, a intervenção levou a um encontro dos diferentes setores da sociedade e das várias disciplinas científicas. Impulsionou o desenvolvimento económico e a agricultura, convocou a atenção das várias disciplinas do conhecimento, em especial, da arqueologia que protagonizou um caminho preponderante para a investigação e conhecimento deste lugar. Promoveu a colaboração entre agricultores, empresários e as entidades governativas e culturais. Ao mesmo tempo, atraiu o turismo e promoveu a união entre as comunidades em torno de um objectivo comum: recuperar um território que carrega uma enorme herança cultural e um vasto património arqueológico e arquitetónico. O lago convoca o território para um lugar de encontro. Se, antes, os caminhos e as pontes venciam as distâncias e definiam as conexões entre aldeias e vilas, hoje, é o lago que assume a aproximação.

89



90



Neste longo período de transformações, em que a paisagem tende, agora, a um equilíbrio natural, perante a mutação acelerada a que foi sujeita, somos confrontados, muitas vezes, pela introdução e prevalência de valores urbanos na subsistência deste território, marcados pelo individualismo, em detrimento do bem comum, e pelo consumo, em prejuízo da produção e inovação. Comportamentos disruptivos que ferem a continuidade e a preservação de uma identidade rural. Essa continuidade é amparada e protegida pela clarividência de algumas gentes, que conseguem encontrar um caminho nas atividades ancestrais, reforçadas pela modernização das explorações agrícolas, novos produtos e tecnologias adaptadas às novas exigências. Fazem transparecer o conhecimento da história e da identidade deste território e da sua eloquente ruralidade, em contraposição à crescente padronização e saturação dos estilos de vida urbanos. São estas narrativas e ideários que devem estruturar o futuro de um território e de uma cultura.

Esta paisagem, historicamente associada à quietude e ao movimento de um rio, torna-se, agora, num cenário para novas atividades emergentes, onde a agricultura já não desempenha o papel vital na economia rural. O lago trouxe uma nova realidade, o turismo, dividida entre a banalidade e a artificialidade, para a urgência de entreter: referimo-nos às praias com areias que não pertencem à paisagem, ou a construções e equipamentos que não compreenderam a arquitetura específica destes lugares. Idealmente, este território deve ter a capacidade de integrar e conciliar as atividades tradicionais com as contemporâneas, criando um novo contexto de interação entre quem habita e quem chega.

A consolidação da identidade rural do Alentejo passa por projetos que introduzam uma nova dinâmica na manutenção e valorização de diferentes unidades produtivas, sem descurar as características distintivas e particulares da paisagem: do ambiente biológico ao cultural.

O crescimento da indústria do turismo, em torno do lago, na qual a apropriação do espaço é profundamente influenciada, na maioria, por fatores externos, quase sempre, distantes e desfasados dos valores rurais, relembra-nos a importância do conhecimento e do convergir das várias disciplinas do saber, que podem fomentar um pensamento crítico para sustentar e perpetuar os valores identitários deste modo, muito particular de ser e existir.

fig. 89 Barragem de Alqueva . o início
Outromundo filmes, 2020

fig. 90 A barragem de alqueva e o lago
SILVA, António Carlos, BERROCAL-RANGEL, Luis, (2005) -
O Castro dos Ratinhos (Moura), povoado do Bronze Final
do Guadiana: primeira campanha de escavações (2004).
Revista Portuguesa de Arqueologia.
volume 8.número 2.2005, pág. 130

"À beleza, tal como a concebeu um cérebro humano, uma época, uma forma particular de sociedade, (...) junta(-se) a beleza involuntária que lhe vem dos acidentes da história e dos efeitos naturais do tempo (...) De cada fragmento nasce uma obra nova."

(YOURCENAR, 2020, pág. 56).



as atalaias

uma nova condição contemplativa

O Rio que anteriormente corria encaixado nos vales, vive agora no lago, elemento que ali se estranha: vibrante, estático e silencioso. Estende-se sobre a planície num surrealismo belo e inusitado. Guarda em si parte de uma história e de uma cultura. É o sujeito transformador da paisagem. É também um objeto de memória, que esconde e, ao mesmo tempo, torna presente no imaginário a experiência humana neste território.

Esta tensão que o lago cria na paisagem, como elemento que não lhe pertence, vislumbra-se a partir das Atalaias, nas cinco que restaram da sua progressiva inutilidade, como uma evidência imaginada. Desses pontos sobranceiros, a diferentes distâncias, o lago é omnipresente e a paisagem como antes, infinita. Esses lugares não se definem apenas pontos geográficos, comportam significados, são marcos culturais de uma identidade coletiva. Das Atalaias, é possível descobrir as diferentes escalas do lago, os seus avanços e os recuos por entre a suave ondulação da planície:

A norte de Monsaraz sobre a Serra da Barrada ou na margem direita da Ribeira do Azevel, nas atalaias de Canas, da Serra da Barrada e de Cabeços da Rainha, o lago fica distante, parece pequeno, depois, imenso na atalaia de São Gens, e é quase infinito na Atalaia do Trafal, numa ilha a sul. É, no cume de São Gens, que contemplamos a sua enorme dimensão e que alcançamos os seus limites, que tendem, em algumas orientações a unir-se ao Céu. Esta condição transporta-nos para uma nova experiência da paisagem. Nessa "(...) experiência, descobrimos a combinação do biológico e do cultural, do colectivo e do individual, do consciente e do inconsciente, do analítico e do emocional, do mental e do físico" (PALLASMAA citado por NESBITT, 2008, pág.488). É também deste lugar que, quando olhamos para sul, as atalaias imersas fazem ecoar a sonoridade e o movimento do Rio e desenharam o seu percurso à superfície. Tornam-nos emerso na nossa imaginação, e fazem renascer imagens de um habitar coletivo e uma identidade que não se perdeu, recordam-nos os pontos onde o Rio deixava que as margens se tocassem. As que ficaram, continuam vigilantes, uma nova condição, de novas atmosferas. Hoje, distantes do seu contexto programático defensivo, são lugares em que continuamos a estar em silêncio, num estado de pertença à natureza e de existência em reciprocidade. Essa condição percetiva e sensorial que encontramos nestes pontos ermos, de caminharmos por longos percursos pelo território para os encontrar, de demorarmos tempo, (ou ganharmos tempo), despertos para a vivência (ou experiência) da nova paisagem, levou-nos a refletir sobre como os podemos habitar. A partir do carácter e identidade desses lugares, imaginámos uma narrativa arquitetónica que ensaia um programa e um conjunto de espaços para a experiência da solitude. Encontrámos nas diferentes camadas da paisagem, e nas características particulares de cada atalaia (nas cinco que restaram), em ruína, fundamentos para refletirmos sobre Arquitetura enquanto arte de construir, uma disciplina existencial.

Pontos singulares

os lugares e as atmosferas

Quando olhamos para paisagem transformada pelos novos limites do Rio Guadiana, o lago é um elemento estranho, invasivo e perturbador do espaço daquela paisagem. No entanto, embora tenha abalado o carácter e o equilíbrio biológico, permaneceu a essência de uma identidade, que continuamos a reconhecer nos distintos lugares que o Homem habitou. Nas atalaias, lugares de vigilância, permanecem as atmosferas de um lugar habitado e que nos transporta hoje para uma possibilidade contemplativa.

Este exercício leva-nos a recuperar a importância que a fenomenologia acrescentou à disciplina de Arquitectura, como uma ferramenta estruturante para o pensamento crítico e para a prática de projecto na construção de um novo lugar a partir da identidade e natureza de um existente.

Definida inicialmente por Edmund Husserl (1859-1938) como uma investigação sistemática da consciência e dos seus objectos, a fenomenologia procurou compreender a experiência humana e a sua relação com o ambiente e os espaços físicos. Encontramo-la nas obras de pensadores como Martin Heidegger, Maurice Merleau-Ponty, e também em Gaston Bachelard, ainda que numa outra orientação, que exploraram a importância da percepção e da experiência subjectiva do indivíduo no conhecimento e compreensão do mundo. O ambiente biológico dado e que tomamos desempenha um papel crucial nessa experiência, na construção de uma identidade e de uma cultura. O teórico norueguês Christian Norberg-Schulz desenvolveu, na década de 1960, uma interpretação textual a partir das ideias de Heidegger (1889-1976), baseando-se, sobretudo, no ensaio "Construir, habitar, pensar" (HEIDEGGER, 1954). A fenomenologia é, para Norberg-Schulz, como um método que exige um "retorno às coisas", em oposição às abstracções e construções mentais estabelecidas pelos conceitos analíticos da ciência. Isso levou-o a identificar o potencial fenomenológico na Arquitectura como a capacidade de dar significado ao ambiente através da criação de lugares específicos. Uma das suas contribuições mais significativas foi a introdução do conceito antigo, romano, de *genius loci*, que se refere ao espírito ou carácter único de um lugar que possui uma identidade particular, moldada pela sua história, cultura e geografia, condição determinante para compreendermos como os espaços devem ser imaginados e experimentados.

Esta narrativa leva-nos a reflectir em como um lugar não se trata apenas de uma localização abstrata mas de uma "(...) totalidade constituída de coisas concretas que possuem uma substância material, forma, textura e cor, e que juntas determinam uma qualidade ambiental: uma essência e uma 'atmosfera'" (NORBERG-SCHULZ citado por NESBITT, 2008, pág 445). Se, da mesma forma que Rosário Assunto, no seu ensaio "Paisagem-Ambiente-Território. Uma tentativa de clarificação conceptual" (SERRÃO, 2011), que referimos no início deste trabalho, propõe o conceito de paisagem como um fenómeno com um carácter concreto e unitário indissociável: " 'forma' que o ambiente confere ao território como 'matéria' de que ele se serve", conceitos que podemos verificar ou aceder apenas perante um exercício mental de abstracção. Também Norberg-Schulz teoriza sobre o conceito de lugar como um fenómeno qualitativo total, que não se pode reduzir a nenhuma das suas propriedades, sem que se perca de vista a sua natureza concreta. Para o teórico, o conceito de "paisagem" contém várias tentativas de descrição de lugares naturais, mas excessivamente abstractas e baseadas, na maioria, em considerações funcionais ou visuais. Norberg-Schulz encontra, mais uma vez, apoio na linguagem e na filosofia de Heidegger, que começa por nos oferecer uma distinção de "terra" e de "céu" ao afirmar: "A terra é o sustento de todo gesto de dedicação. A terra dá frutos ao florescer. A terra concentra-se vasta nas pedras e nas águas, irrompe concentrada na flora e na fauna (...) O céu é o percurso em abóbodas do sol, o curso em transformações da lua, o brilho peregrino das estrelas, as estações dos anos e suas viradas, luz e crepúsculo do dia, escuridão e claridade da noite, a suavidade e o rigor dos climas, rasgo de nuvens e profundidade azul do éter (...) (HEIDEGGER, 1954). Depois, chama de mundo o que fica entre a terra e o céu e diz-nos que o mundo é a casa onde habitam os mortais. Quando o Homem é capaz de habitar, o mundo torna-se um interior. Para Norberg-Schulz, conseguimos definir a identidade e o espírito de um lugar nos termos concretos e qualitativos que Heidegger emprega para caracterizar o céu e a terra. O propósito existencial do construir enquanto habitar é fazer um sítio tornar-se um lugar, isto é, revelar os significados presentes de modo latente no ambiente dado. (NORBERG-SCHULZ citado por NESBITT, 2008, pág 462).

O entendimento deste conceito serve para este trabalho, primeiro, para se compreender o território enquanto lugar total e portador de uma identidade única, segundo, para se (re)conhecer e compreender as qualidades intrínsecas dos lugares de cada atalaia, e por último e em terceiro, como a intervenção pode interpretar essas características e conservar a sua identidade. " (...) O acto fundamental da arquitectura é compreender a vocação do lugar. Dessa maneira protegemos a terra e nos tornamos parte de uma totalidade compreensível." (NORBERG-SCHULZ citado por NESBITT, 2008, pág 459).



fig. 92 Cartografia do lago com o sistema de Atalaias
Desenho do autor a partir de ortofotomapa google earth e cartas
militares de 1976



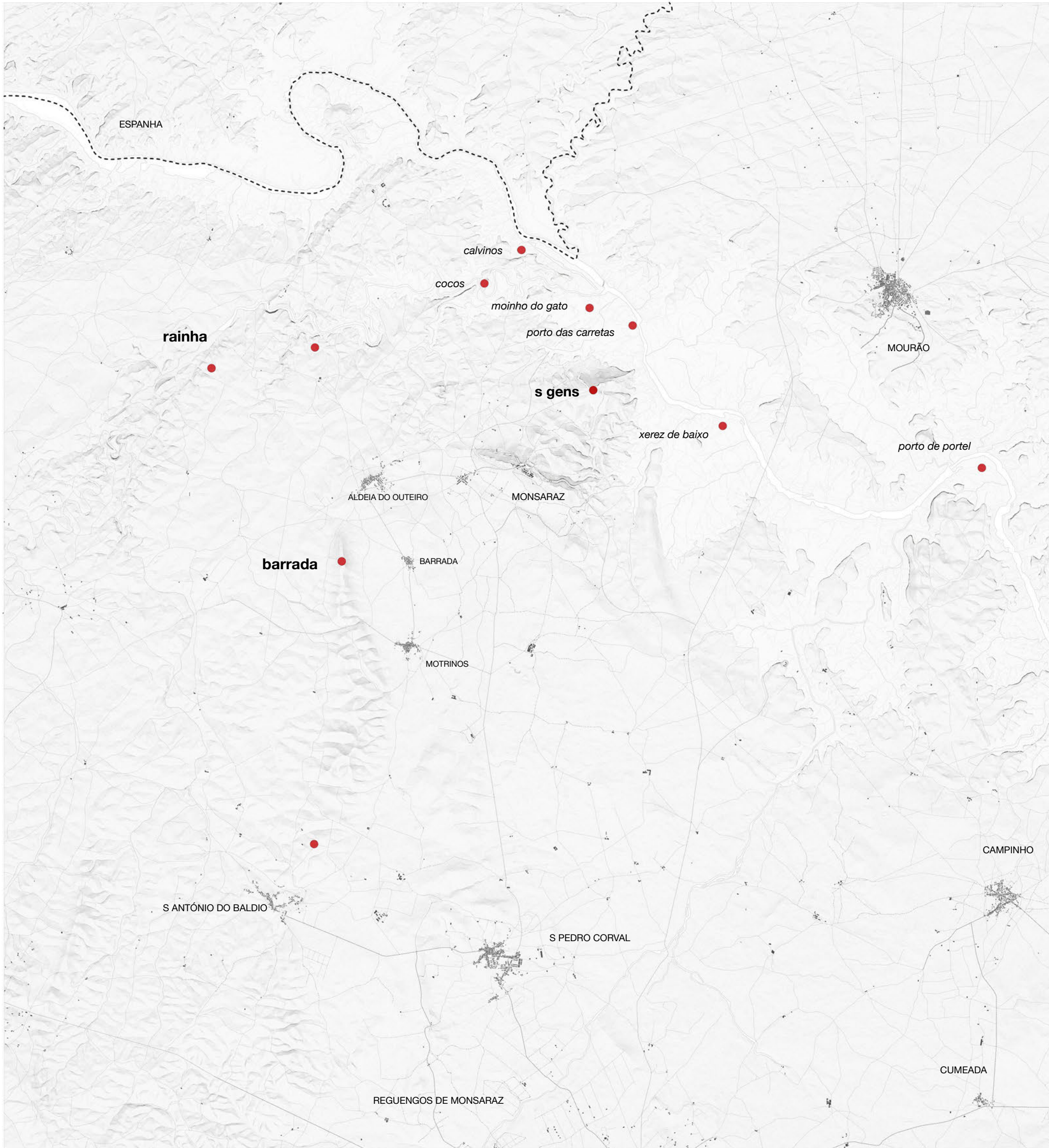
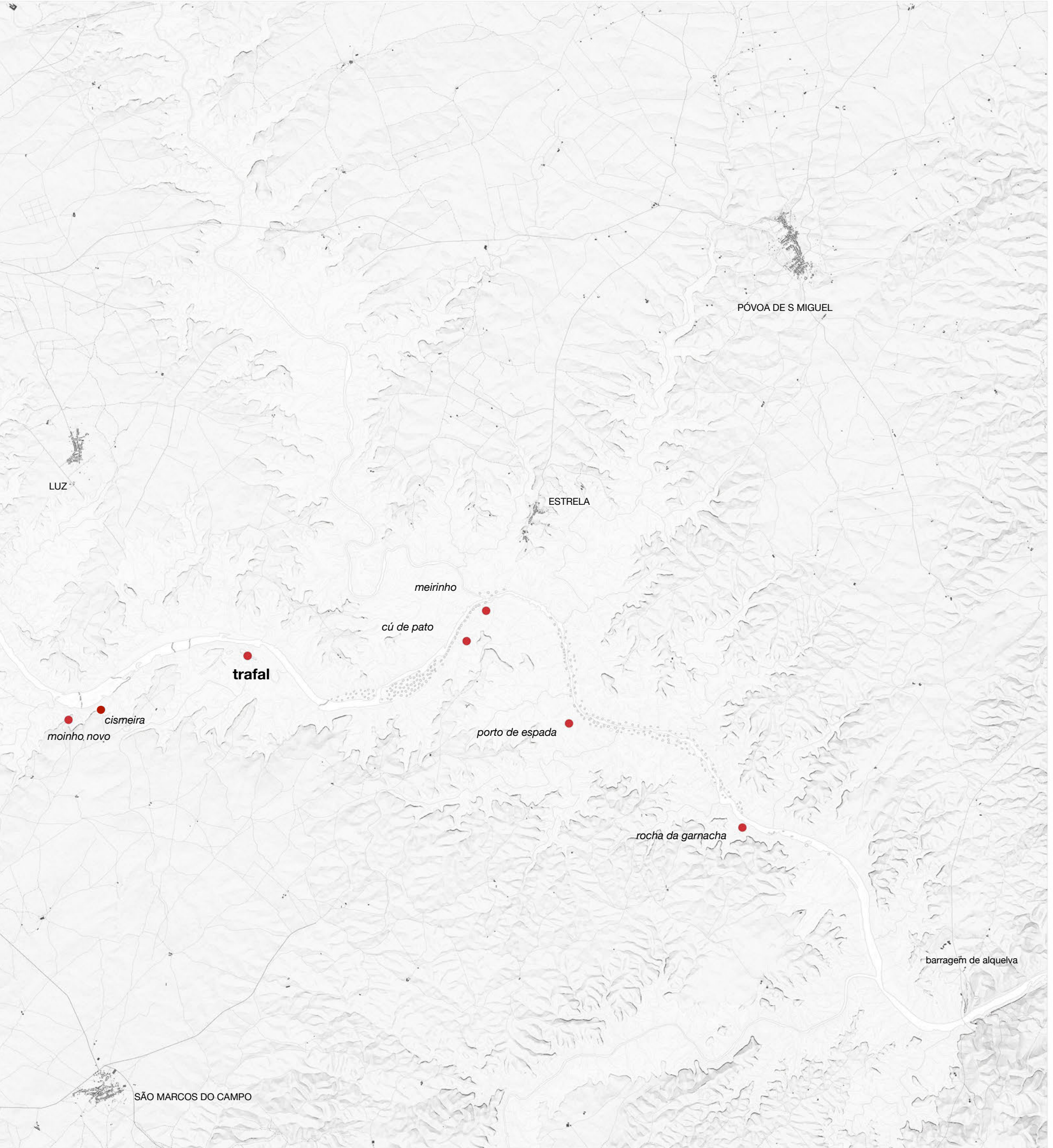


fig. 93 Cartografia do lago com o sistema de Atalaias

Desenho do autor a partir de mapa Geoportal LNEG e cartas militares de 1976



III. Imaginar um novo programa:
uma proposta de arquitetura para experiências de solitude



lugares para pensar: um abrigo para a imaginação

A procura por lugares que inspiram a reflexão e a contemplação tem sido uma constante na história da humanidade. Não se tratam de meros espaços físicos, mas ambientes que comportam qualidades espaciais capazes de acolher e estimular a imaginação. A relação que se estabelece entre indivíduo e o lugar é um estado fundamental da experiência humana de habitar. Os lugares têm o poder de evocar memórias, emoções, sentimentos. A forma como essa troca se faz está profundamente influenciada pela nossa experiência subjetiva. As emoções expressam-se internamente ou externamente pelo corpo, os sentimentos expressam-se na mente. “Sabemos que a nossa mente é composta por conjuntos de imagens de várias espécies que se sucedem no tempo, desde as que nos dão visão e som às que fazem parte dos sentimentos. Sabemos ainda que as imagens dominantes representam objectos e acções e se estruturam comumente num ‘desenho’ geométrico espacial onde os elementos constitutivos se dispõem em duas ou mais dimensões. É esta espacialidade que constitui o cerne daquilo a que chamamos mente” (DAMÁSIO, 2020, pág. 89).

Quando observamos e sentimos o espaço físico, estamos conscientemente a direccionar a nossa atenção para os elementos que o constituem, atribuindo-lhes significados e dando forma à nossa experiência subjetiva. Quando nos movemos no espaço, o corpo expande-se para lá dos nossos limites físicos através das nossas acções e percepções. O lugar torna-se uma extensão do corpo e a experiência completamente inseparável do ambiente físico. Um lugar pode ser experimentado como acolhedor, ameaçador, belo, opressivo, não pelas características intrínsecas que o compõem, mas pelas emoções e sentimentos que surgem e se apresentam na nossa consciência.

Neste ensaio, propomos encontrar uma expressão arquitetónica para o encontro do indivíduo com os sentimentos básicos, proporcionados pela arquitetura: o silêncio, a luz e a solitude, a partir da “construção” de um espaço contemplativo, um “claustro”, enquanto dispositivo espacial e formal, que organiza um programa simples doméstico: um espaço para dormir, um espaço para comer e um espaço para trabalhar, um abrigo para imaginação. Os espaços abrem-se para o claustro e conectam-se pelo ambulatório circundante. Do claustro olha-se para o céu. É uma casa para a experiência da solitude, um lugar para pensar.

fig. 94 Old Man Log Shelter Alaska
Edward S. Curtis, Alaska. 1899

fonte: <https://www.mcmahanphoto.com/lc901--old-man-log-shelter-alaska-edward-s-curtis-photo.html>

Quando pensamos sobre estes lugares “refúgio”, um dos exemplos que encontramos, ao longo da história, são as cabanas: pequenas construções, despojadas de valor arquitetónico, sem intervenções no entorno, ou elemento que possam surpreender. São lugares imaginados e construídos para que o corpo se entregue ao espaço e aos elementos que o constituem perante a experiência de existir sem tempo, geralmente construídas em sítios ermos, mergulhadas nas florestas ou nos campos: são refúgios vitais, transportam-nos para um estado de isolamento almejado que permite a introspeção e a reflexão, mas sobretudo contemplativo, em que o corpo e o lugar físico existem em reciprocidade. Nesta manifestação primitiva do habitar, a solitude não é um afastamento do mundo, mas um caminho em que podemos encontrar uma conexão mais profunda com a própria existência. Hannah Arendt argumentou que a solitude é essencial para a reflexão e autenticidade, pois permite-nos escapar das influências externas e confrontar-nos com os nossos próprios pensamentos e sentimentos mais profundos. Isso permite-nos o distanciamento necessário do mundo para podermos operar sobre ele nas mais diversas linguagens.

“Todo o pensamento, a rigor, é feito na solidão e é um diálogo entre mim e eu; mas este diálogo do dois-em-um não perde o contacto com o mundo do meu semelhante-homem porque estão representados no eu com quem conduzo o diálogo do pensamento.” (Hanna Arendt citada por STITT, 2020).

As cabanas enquanto objeto, não são apenas geometrias construídas ou meras composições formais, são construções que reúnem as propriedades do lugar e as aproximam do Homem. São espaços emocionais e espirituais, onde a introspeção e a reflexão são facilitadas. Ao construir e habitar a cabana, o indivíduo procura exaltar a sua experiência subjetiva e, ao fazê-lo, pode encontrar novos significados e representações a partir de e com o entorno.

A construção da “cabana” não é apenas um ato físico, mas também um ato simbólico. É a criação de um espaço que materializa a intenção do indivíduo de apenas existir consigo, em muitos casos, imaginadas e construídas pelos próprios como uma extensão da sua personalidade. Convidam a uma experiência de desaceleração, onde o tempo se estende e a relação com o lugar se aprofunda. O ato de construir a cabana é também um ato de liberdade, a mesma que encontramos nos filmes de Andrei Tarkovsky, “é a pura observação da criança que experimenta as coisas, porque as regras da disciplina não regulamentam a experiência ou o modo de apresentá-la”. (PALLASMAA citado por NESBITT, 2008, pág.486).

E no entanto, no nosso ensaio arquitetónico, não são propriamente cabanas, nem refúgios, nem altos lugares os que almejamos. Nas ruínas, que restam em torno ao Guadiana, surge-nos um sentido novo de lugar, a atalaia, que não é propriamente cabana ou refúgio. Ele retoma o sentido do termo originário, o árabe برج المراقبة *attaláya*, torre de vigilância, lugar de observação e ampla visão que acautela a chegada de ameaças, lugar de antigas disputas e fronteiras, atual topónimo de tantos lugares, sobretudo em Portugal e na Galiza.

Nas atalaias a paisagem e as comunidades, as pessoas e os animais, as árvores e os plainos, os ventos e as nuvens, as chuva e as estrelas, o calor e o frio, reúnem-se na intimidade das consciências vigilantes. As atalaias não têm uma construção material frágil; não são retiros, discretos lugares da experiência solitária, mas possibilitam abrigo e partilha de um comum propósito de abertura; não são estritamente torres, lugares altaneiros, mas posições de atenção, resguardando-se do olhar alheio, para usufruir de liberdade própria. Nas atalaias, algo da cabana do retiro e da torre converge num lugar destacado, concentrado em si, sólido, limítrofe do céu e terra, exposto e escondido.



fig. 95 Cabana de Wittgenstein
Skjolden, Noruega

fonte: <https://fernandezmallo.megustaleer.com/2017/06/23/escalar-la-1a-directisima-a-la-cabana-wittgenstein/>

a proposta

Das dezoito torres (atalaias) existentes no termo de Monsaraz restam apenas cinco, em ruína. Deixadas ao progressivo abandono, "sofreram, à sua maneira, o equivalente do cansaço, do envelhecimento, da desgraça. Mudaram como o tempo nos muda." (YOURCENAR, 2020, pág. 54). São objetos concretos, dotados de caráter e significados, que apreenderam, tornaram seus a vocação dos sítios onde foram implantados. Tornaram-nos lugares. Distantes e diferentes entre si, quer nas dimensões quer na geometria, as ruínas ocupam diferentes cotas e diversas orientações consoante a sua implantação. A norte de Monsaraz encontramos as Atalaias de Canas (também referenciada de Ribeira) e da Serra (Barrada) sobre os cumes da Serra da Barrada. A primeira, no extremo ocidente da serra, próxima da aldeia do Baldio; a segunda, no extremo oriente, próxima da Aldeia do Outeiro, ambas orientadas para norte/nascente. Na margem direita da Ribeira de Azevel, próxima do limite norte do Termo de Monsaraz (*limites do concelho de Reguengos de Monsaraz*) posiciona-se a Atalaia Rainha, numa vertente orientada a norte/nascente, a uma cota baixa achegada à linha de água. Sobranceira ao lago, a nascente de Monsaraz, avista-se a Atalaia de São Gens, sobre o cume com o mesmo nome, de lá alcançamos a infinidade do território. E a mais distante, para sul, depois de Campinho, surge a Atalaia do Trafal a rematar o conjunto, no festo de uma ilha criada pelos novos limites do Guadiana. Destas cinco geografias alcançamos e compreendemos o vasto território, as diferentes paisagens do Alqueva, a mesma nova identidade.

Apesar da individualidade das construções e dos lugares, a intervenção em cada ruína (atalaia) foi pensada como parte integrante de um conjunto arquitetónico uno.

Desenhado pelas diferentes formas de como se olha e revela o entorno, pela sistematização dos sistemas construtivos e dos materiais usados, o conjunto arquitetónico desenvolve-se a partir de uma matriz espacial, uma malha quadriculada ajustada pelas dimensões de cada atalaia, como que de uma variação sobre o mesmo tema se tratasse.

A estratégia que define a intervenção passa por preservar a essência dos lugares onde as torres marcam a paisagem, estabelecem o seu caráter, informam e identificam a condição para ali habitarmos.

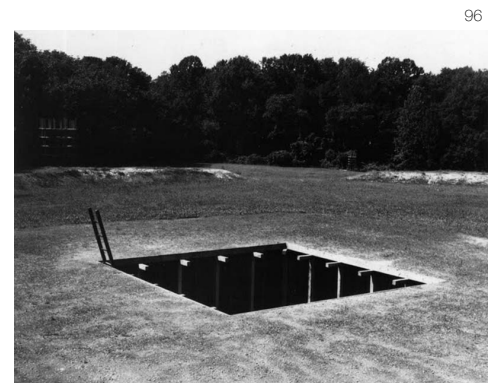
Ela inicia-se com a clarificação formal e construtiva das estruturas existentes, as implantações e as orientações, e pela análise das características topográficas, que sugerem e orientam o modo como o novo corpo toca o terreno.

A proposta constrói-se nessa tensão, entre o que se esconde e o que se deixa revelar, entre um corpo maciço e abstrato que se ergue na paisagem e um espaço escavado, que se esconde na terra.

Baseia-se em dois gestos: o primeiro, reconstrói as ruínas, devolvendo-lhe as formas originárias a partir da materialidade de um sistema construtivo identificado: muros e coberturas em pedra da região, (xistos e muito pontualmente granitos), com junta seca. Constroem-se com maior rigor geométrico nos ângulos exteriores dos cunhais e através da escolha das pedras, que dispostas devidamente apumadas, realçam a beleza das formas.

Nas ruínas encontramos parte da sua estrutura. Sabemos de que são feitas e como foram construídas e, apesar de não serem claras as suas verdadeiras proporções, uma vez que desconhecemos as suas alturas (com exceção da Atalaia das Canas) poderemos julgar, com base no estudo da primeira parte do trabalho, tratar-se de estruturas regulares, tendencialmente cúbicas, ou no caso das cilíndricas com alturas próximas (sensivelmente maiores) do seu diâmetro. São estes simples elementos que emergem da análise e imaginação do local, o que nos permite reunir os fundamentos para as suas reconstruções e devolver à paisagem a beleza das suas formas e proporções.

O segundo gesto, com um caráter "estereotómico" (BAEZA 2020) encaixa a nova peça no terreno, torna-a discreta, da natureza da terra. É adossada à torre existente, serve-se desta como uma âncora, a partir da qual se desenvolve, tornando-a parte elementar e estruturante da composição. A torre, na sua simplicidade e beleza perene, marca o sugere a entrada para os novos espaços. Faz a ponte entre o passado e o presente, entre o exterior e o interior.



96



97

fig. 96 Perimeters/Pavilions/Decoys
Mary Miss 1977–1978

fonte: <https://socks-studio.com/2014/06/22/mary-miss-1977-1978-perimeterspavilionsdecoys/>

fig. 97 Abadia de St. Benedictusberg, Vaals 1967
Dom Hans van der Laan
fonte: <https://www.subtilitas.site/post/61035597943/more-of-dom-hans-van-der-laans-abbey-church-of>

A intervenção procura evocar o caráter matricial das fortalezas, em que as torres, adossadas às muralhas, e erguidas a diferentes alturas, gravitavam em torno de “um centro”, ligadas por um recinto amuralhado que organizava e protegia o seu interior. Esse imaginário transporta-nos para um conjunto de referências formais que dão substância ao novo programa. O desenho desenvolve-se sobre uma malha geométrica quadriculada, encontrada nas dimensões de cada atalaia, e que determina a dimensão dos espaços, como uma unidade espacial, um módulo. Esta aparente rigidez concede uma liberdade imensa à configuração e ao desenvolvimento das formas uma vez que conserva a referência espacial e proporcional do corpo existente, com a qual podemos trabalhar, somar ou subtrair, sem perder a harmonia do conjunto ou a escala do lugar — “A symmetria consiste na concordância harmónica dos membros da obra entre si, e na correspondência entre as partes singularmente tomadas e a configuração total, sob a base de uma [parte] calculada como módulo, (...) assim como no corpo humano (...)”. (Vitruvius citado por HOWE, 2009).

O novo corpo é totalmente encaixado na topografia. Alinha-se pela cota em que as atalaias tocam o chão. Os espaços, escavados, pertencem à terra da qual nascem. São construídos por um sistema estrutural contínuo, em betão pigmentado à cor (e a partir) da terra/rochas existentes, e no qual a continuidade construtiva é completa. “(...) la gravedad "construye el espacio". La estructura portante no sólo transmite las cargas a la tierra sino que, sobre todo, establece el orden del espacio.” (BAEZA 2020). O desenho procura a clareza formal, não pretende ser mais do que matéria, gravidade, luz e espaço — os elementos básicos da Arquitetura, que nos transportam para uma atmosfera de serenidade e contemplação.

Do encontro deste novo corpo, geometricamente consolidado com a topografia, descobrem-se as formas maciças à superfície, que rompem do terreno, ligadas por muros (ou não), e se revelam maiores ou menores consoante os relevos o permitam — são peças de uma arqueologia construída. Essas formas gravitam em torno de um pátio central escavado na paisagem: um “claustro”, uma referência formal e espacial que organiza o programa através do ambulatório circundante a partir do qual se acede aos diferentes espaços e ao exterior. Aberto para o céu, é um interior: é o lugar de encontro e de continuidade que marca o ritmo da vida e regista o tempo e o movimento do indivíduo que caminha entre os diferentes cômodos na sua rotina quotidiana. A luz invade o pátio central, cria as penumbras no ambulatório (espaço de transição) e perde a sua intensidade à medida que penetra espaços mais interiores e íntimos. Estes vão buscar a claridade por pequenas aberturas zenitais, em chaminés, ou janelas que se abrem e medeiam a relação com a paisagem, onde o relevo assim o permite.

Se a Atalaia é o elemento referencial para o projeto e para o lugar, o “claustro” enterrado procura, por sua vez, compreender a sua vocação e estabelecer a ponte para a experiência de o tomar a habitar.

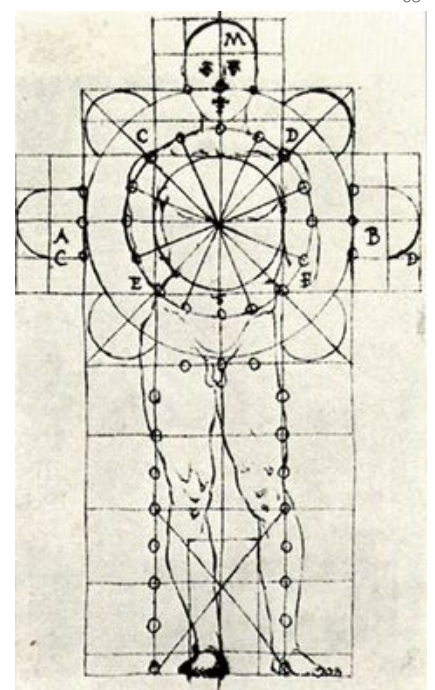


fig. 98 Estudo das proporções
Francesco di Giorgio Martini, séc. XV
fonte: https://www.progetti.iisleviponti.it/Le_forme_dei_numeri/html/vitruvio.html
imagem formatada pelo autor

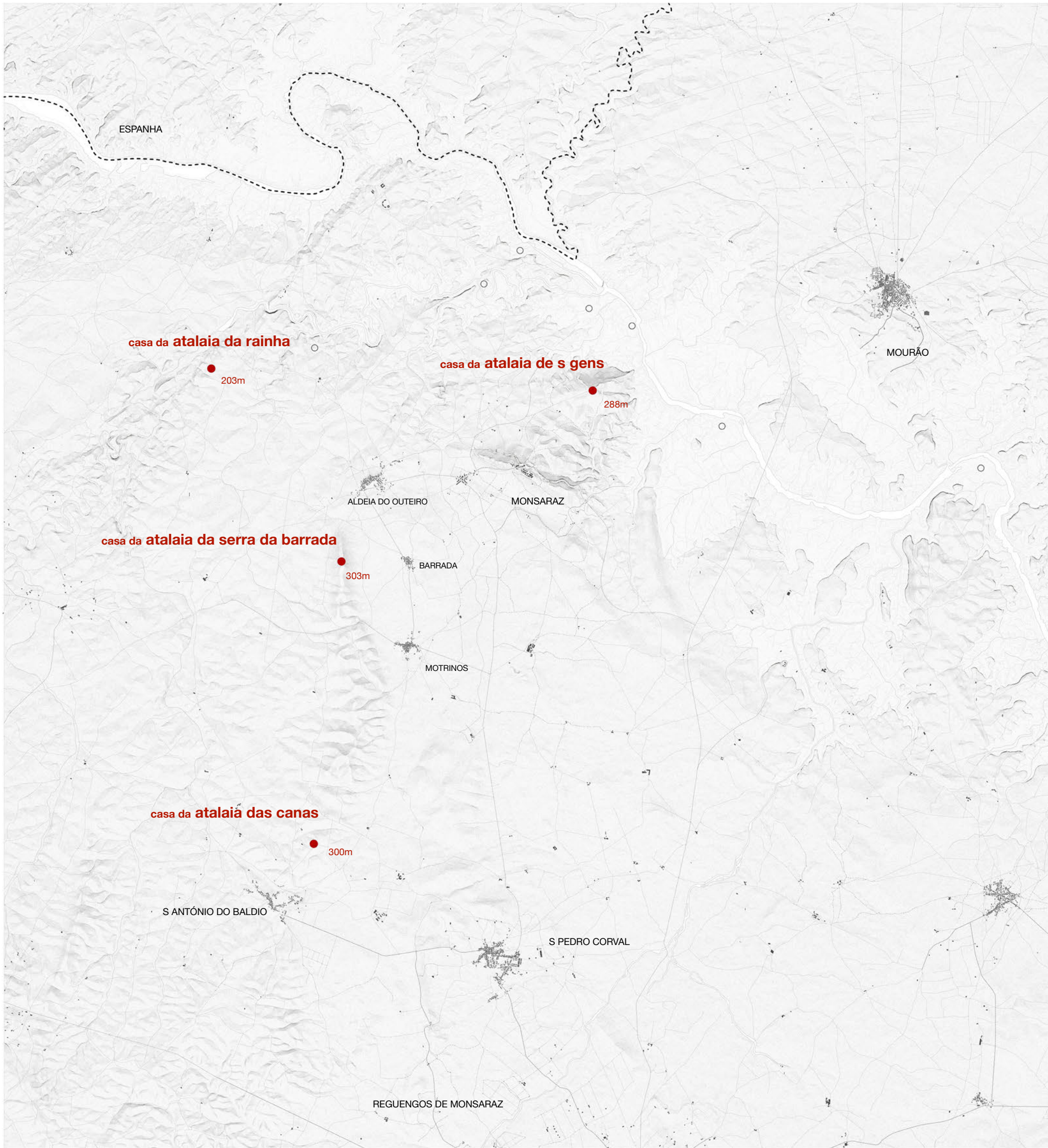
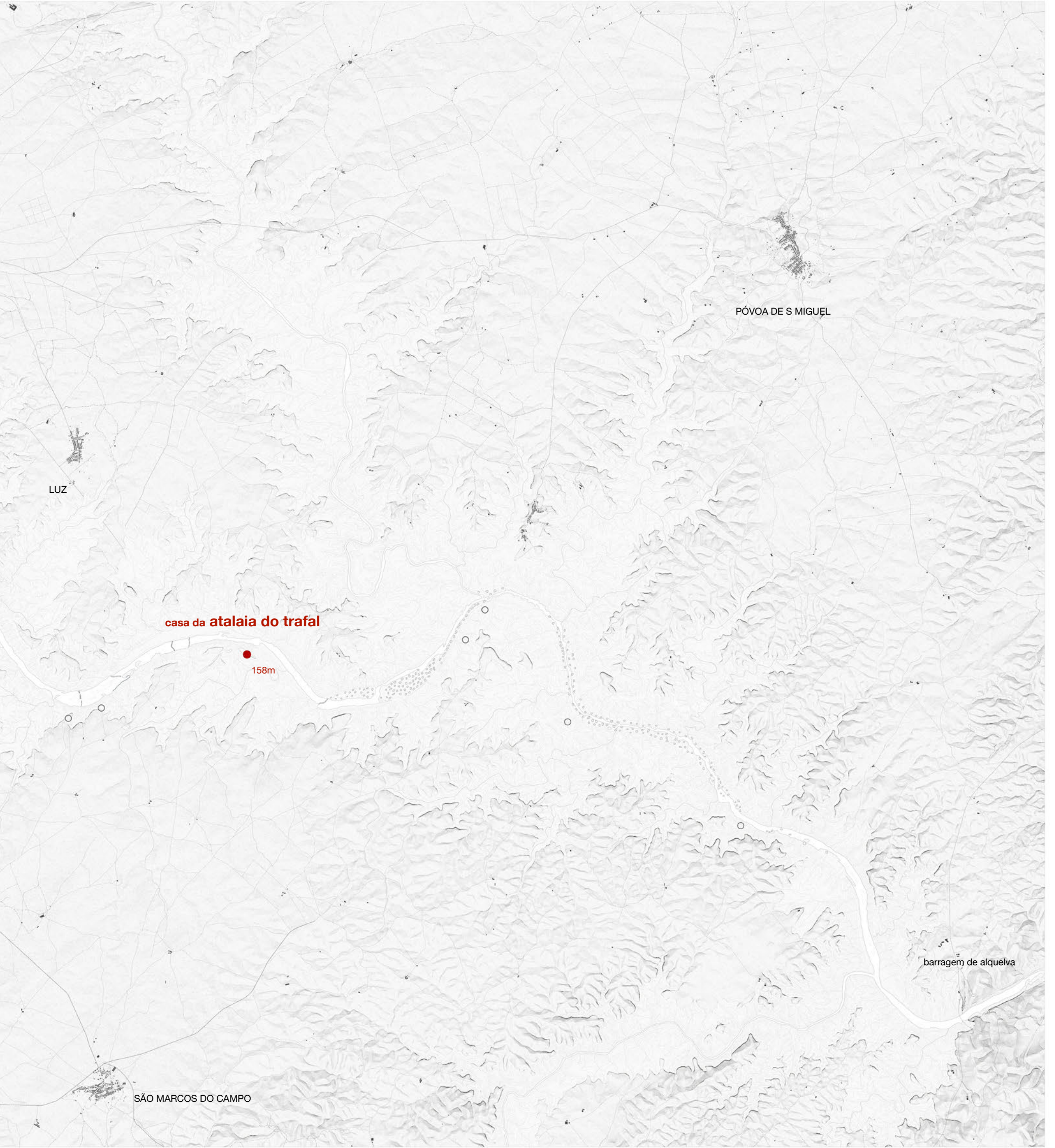


fig. 99 Cartografia do lago com o sistema de Atalaias . a intervenção
Desenho do autor a partir de mapa Geoportal LNEG e cartas militares de 1976



imaginar um novo programa
uma proposta de arquitetura para experiências de solitude

Casa da Atalaia das Canas

100

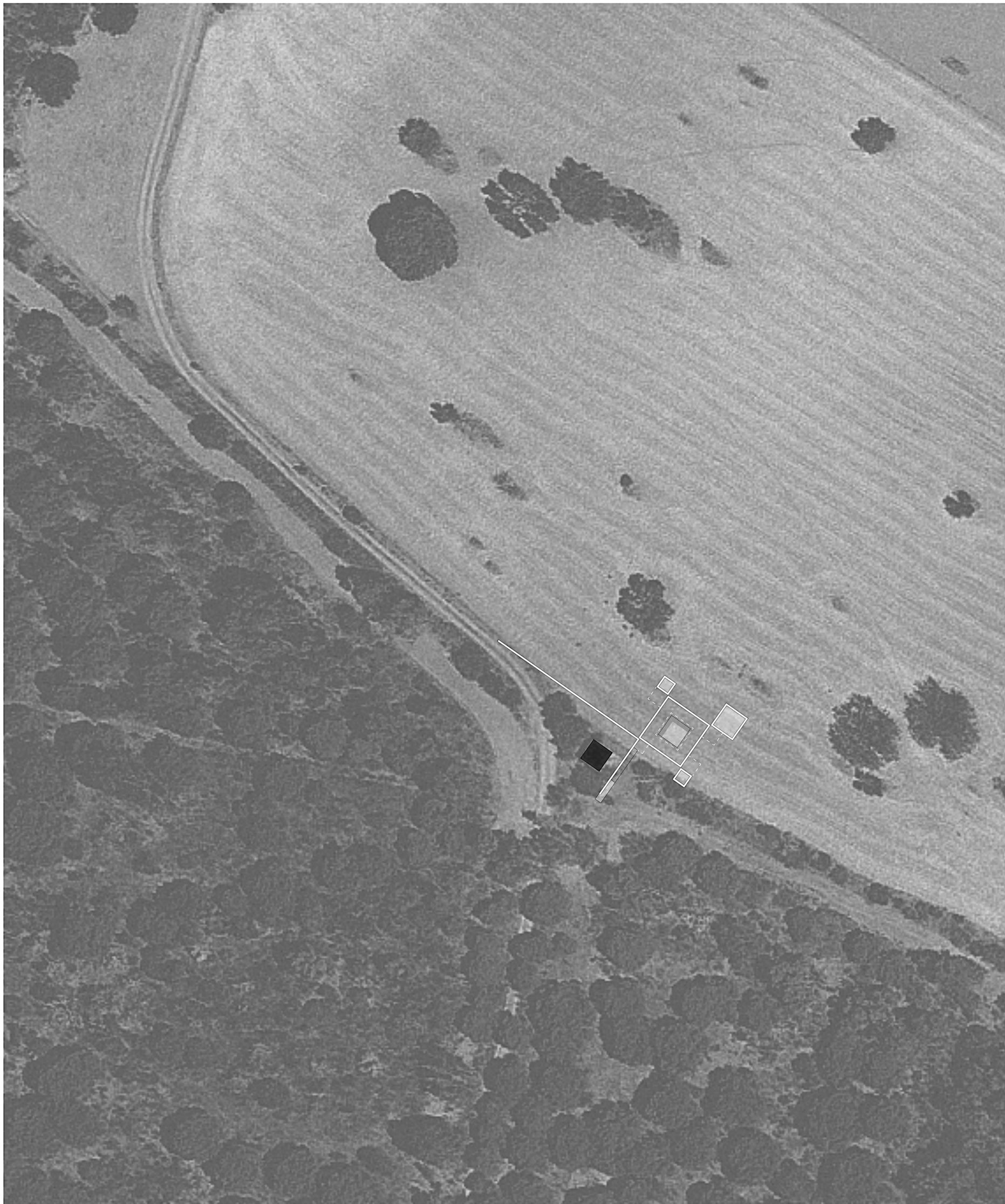


101



fig. 100 casa da atalaia das canas
fotomontagem a partir de imagem de drone elaborada e editada pelo autor

fig. 101 vista a nascente da serra da barrada
com Monsaraz ao fundo
imagem feita a partir de drone elaborada e editada pelo autor

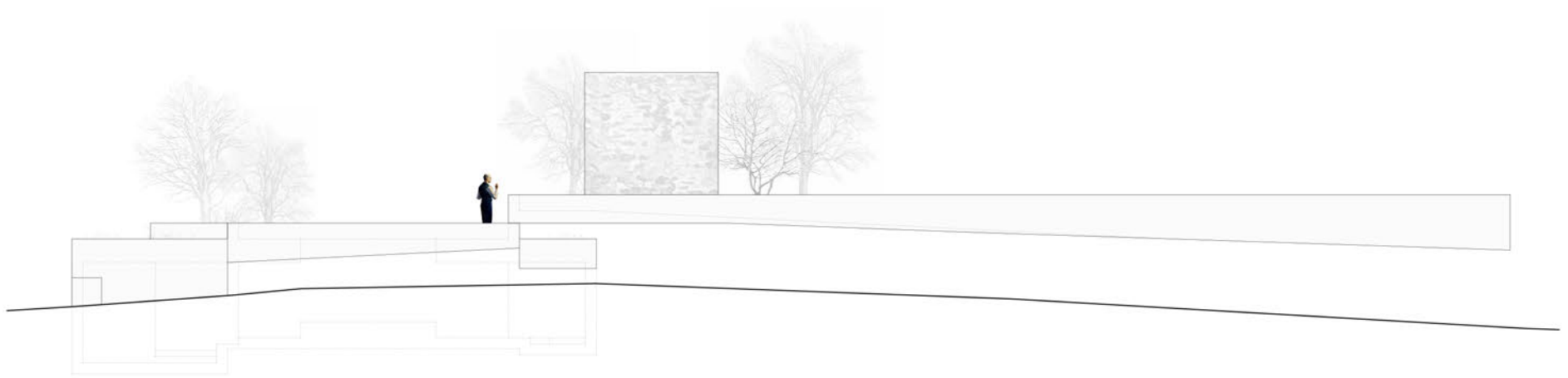
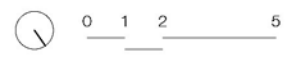


0 5 10 20 (North arrow symbol)

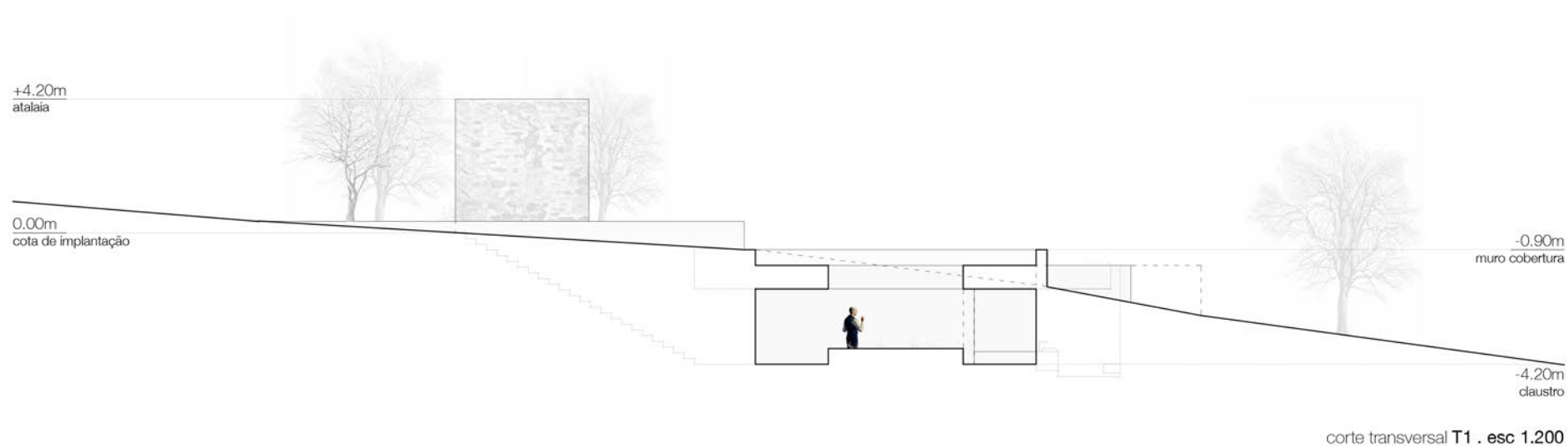
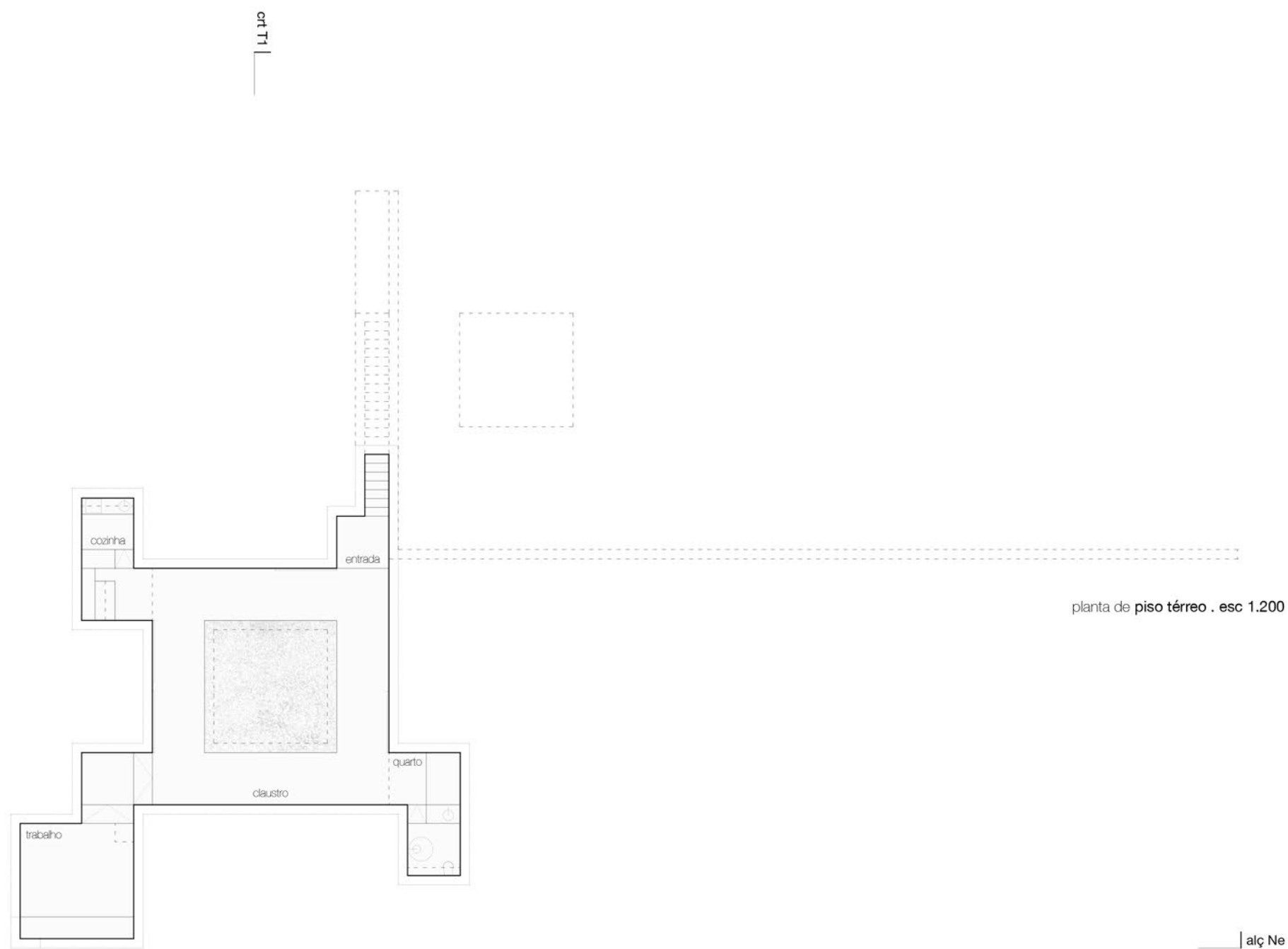
planta de implantação . esc 1.750

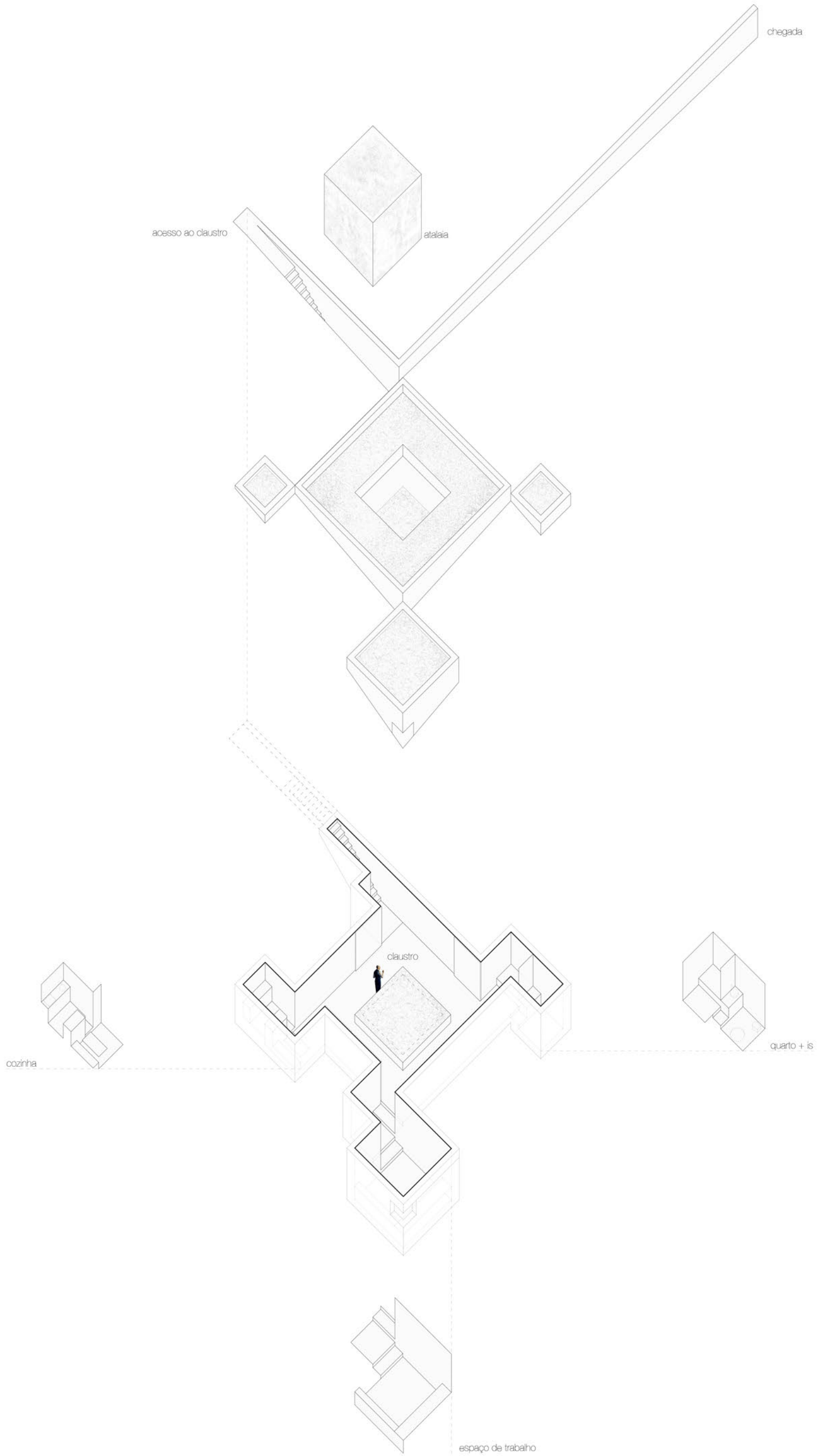


planta de cobertura . esc 1.200



alçado nordeste . esc 1.200





102



fig. 102 espaço de trabalho . vista sobre a paisagem

imaginar um novo programa
uma proposta de arquitetura para experiências de solitude

Casa da Atalaia da Serra da Barrada

103



104



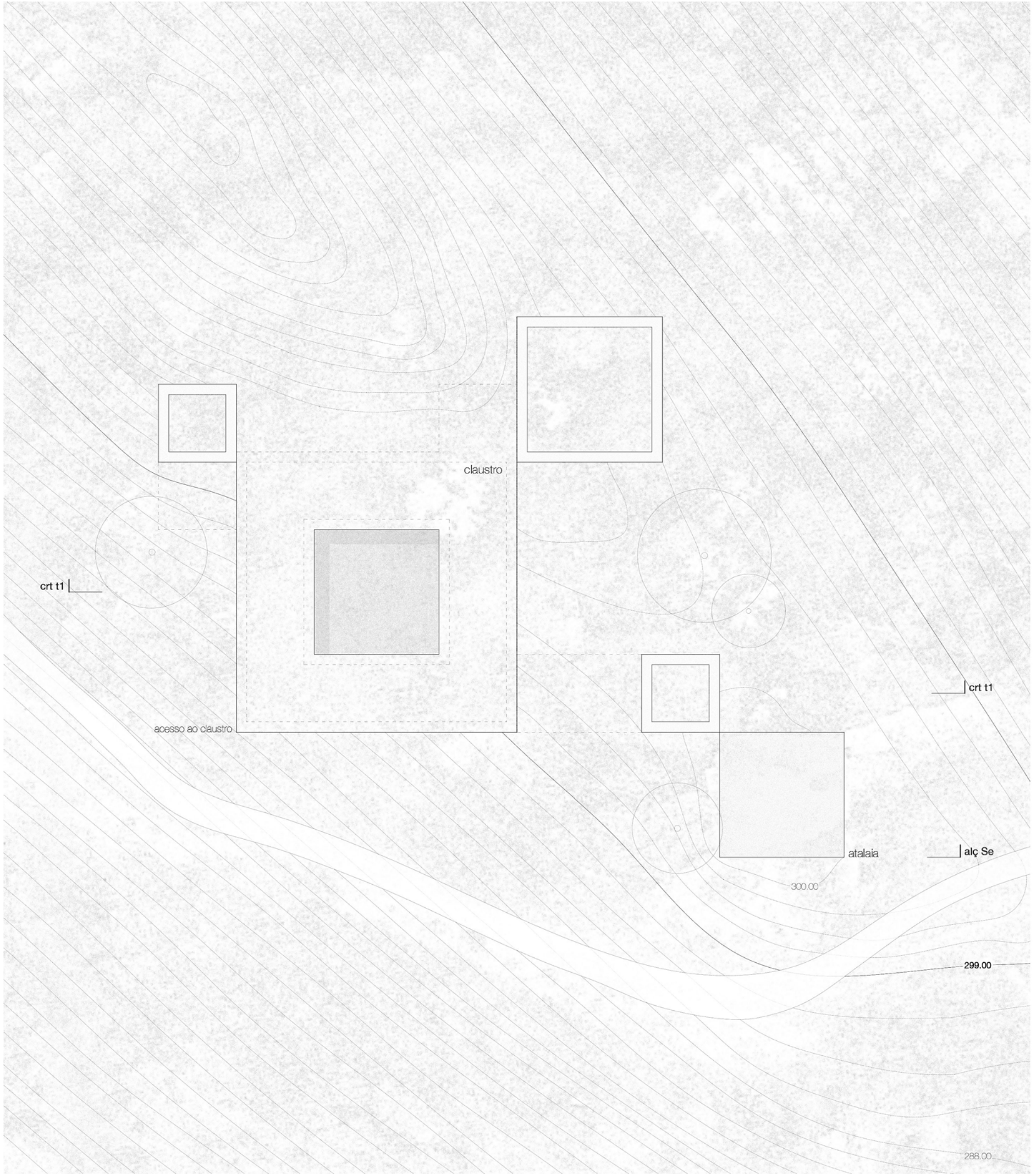
fig. 103 casa da atalaia da serra da barrada
fotomontagem a partir de imagem de drone elaborada e editada pelo autor

fig. 104 vista a sudeste com Monsaraz e o lago ao fundo
imagem feita a partir de drone elaborada e editada pelo autor

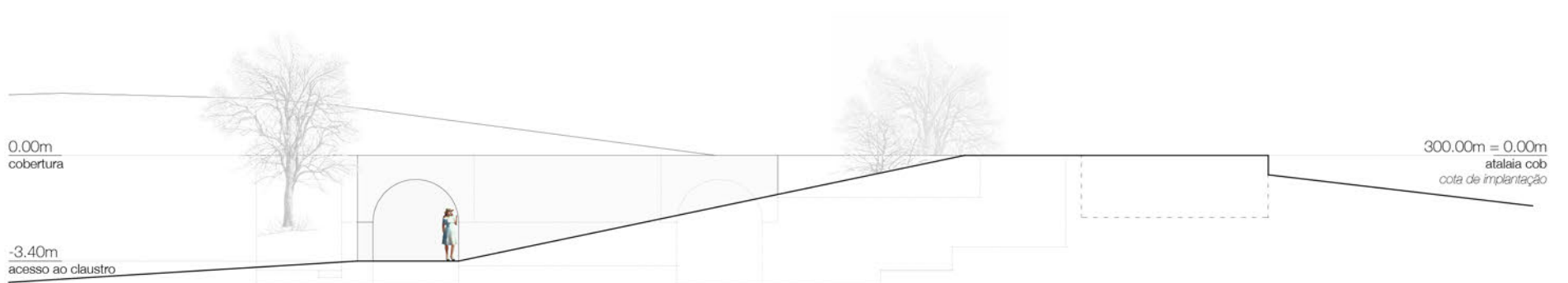
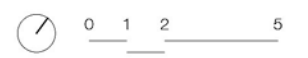


0 5 10 20 (North arrow symbol)

planta de implantação . esc 1.750



planta de cobertura . esc 1.200

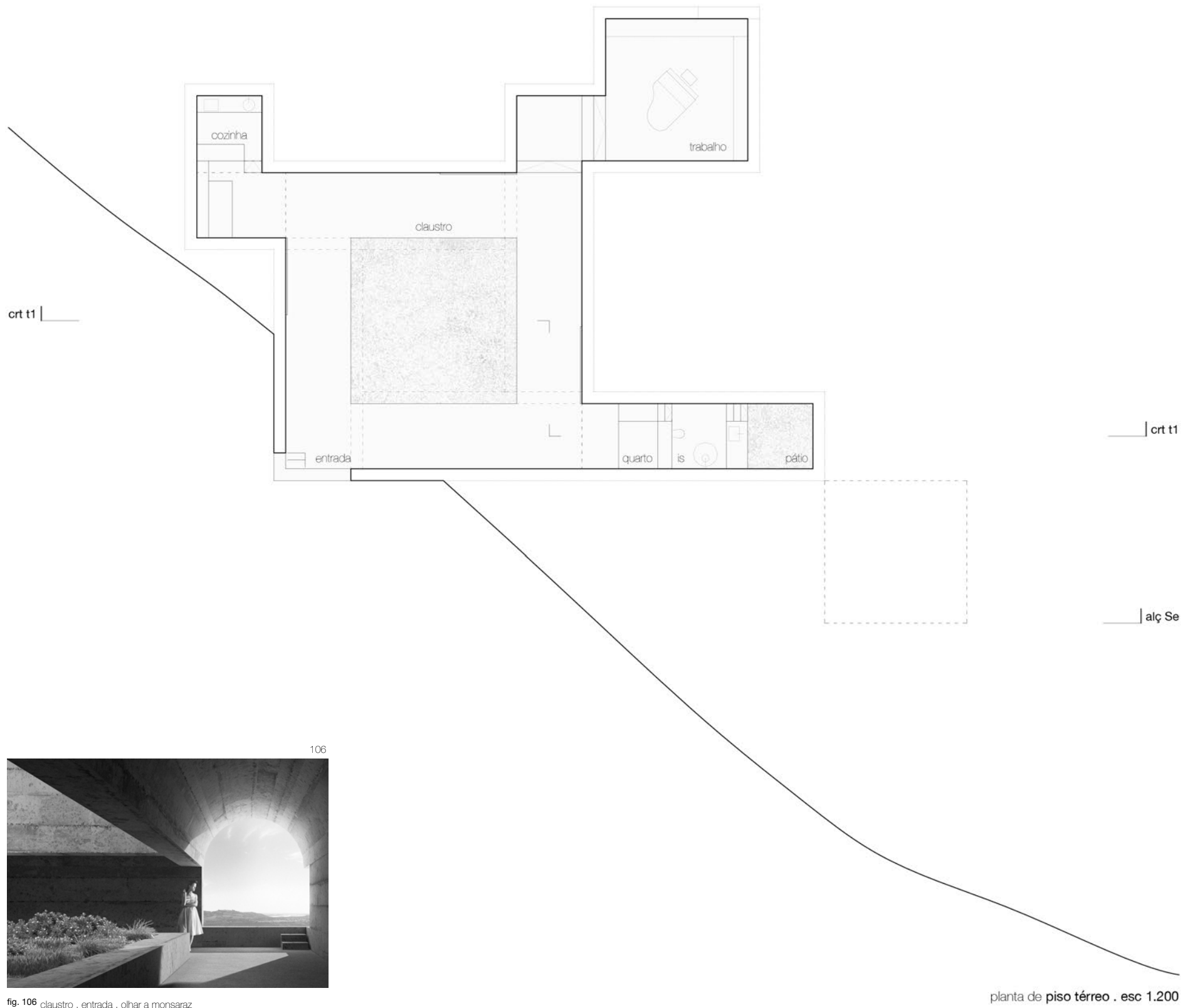


alçado sudeste . esc 1.200

105



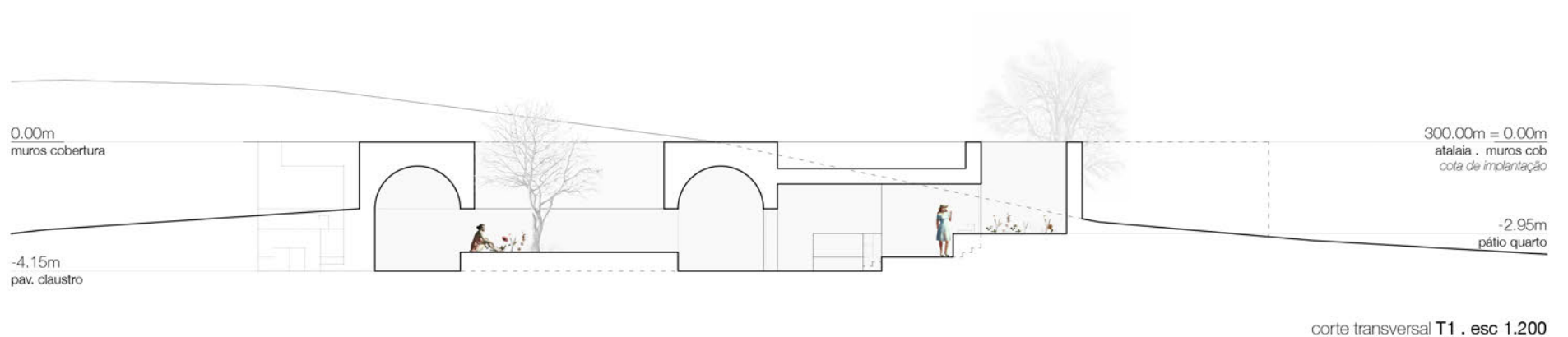
fig. 105 espaço para o piano
imagem elaborada pelo autor

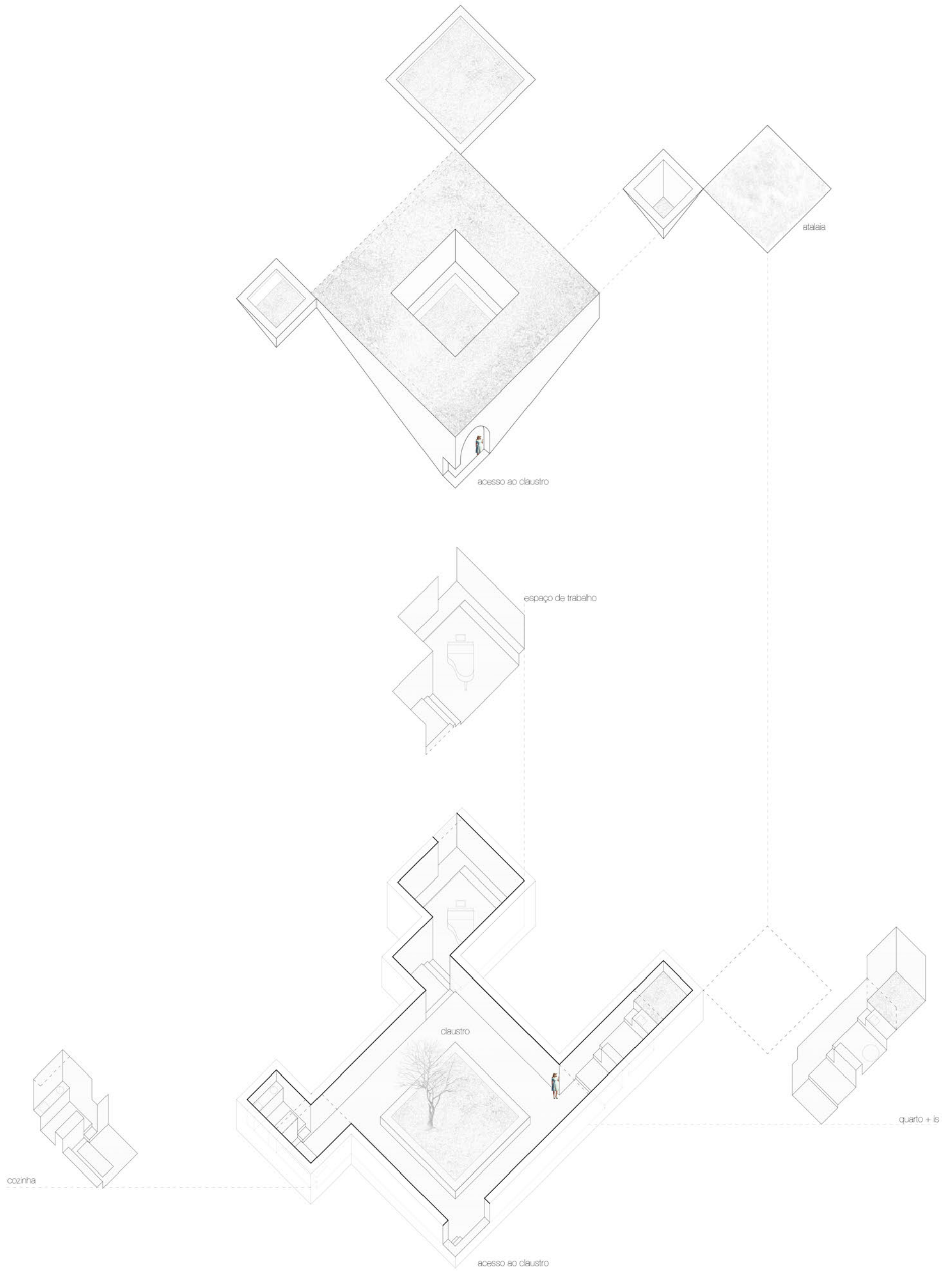


106



fig. 106 claustro . entrada . olhar a monsaraz
imagem elaborada pelo autor





107



fig. 107 claustro . entrada . olhar a monsaraz
imagem elaborada pelo autor

imaginar um novo programa
uma proposta de arquitetura para experiências de solitude

Casa da Atalaia de Cabeços da Rainha

108

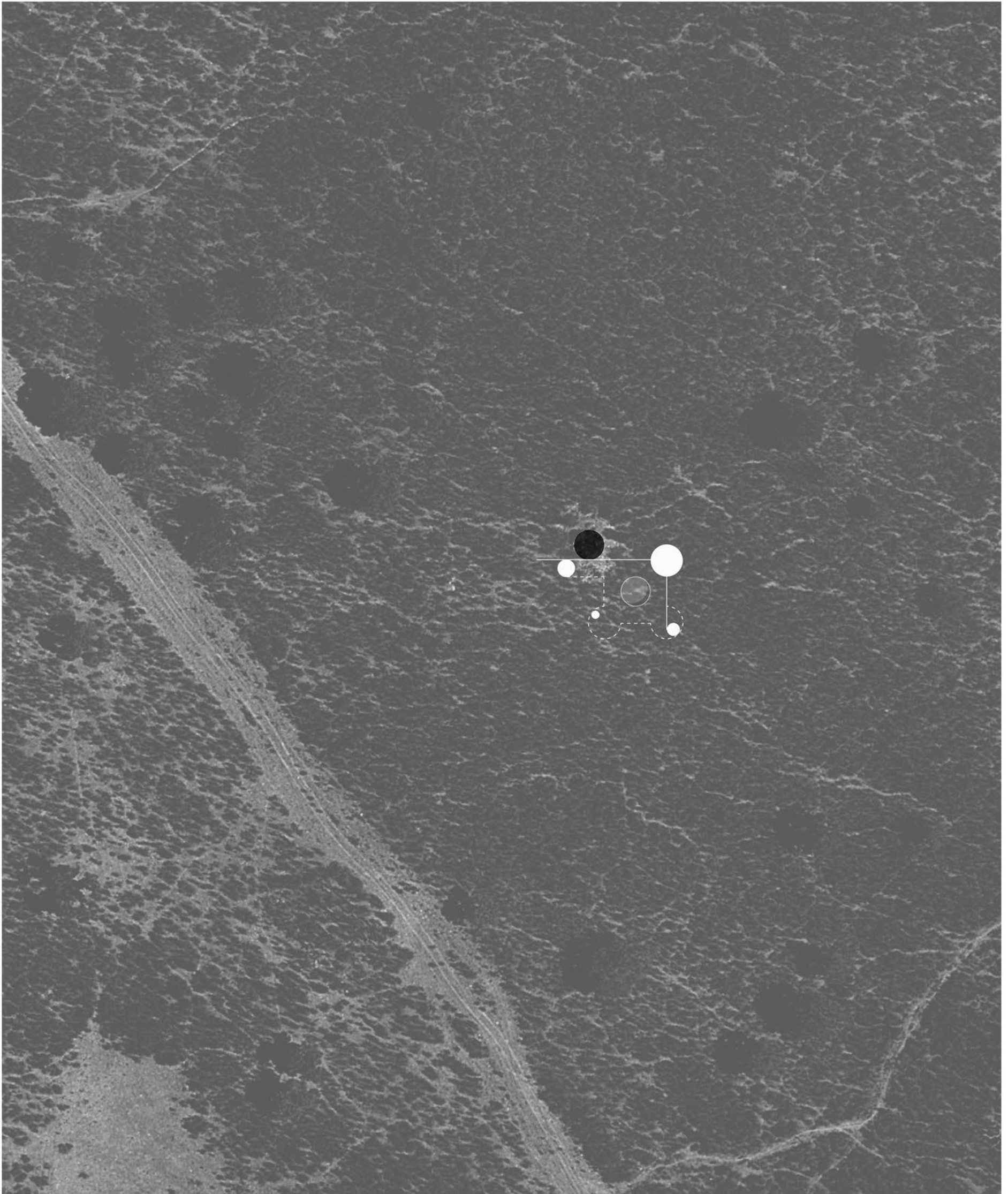


109



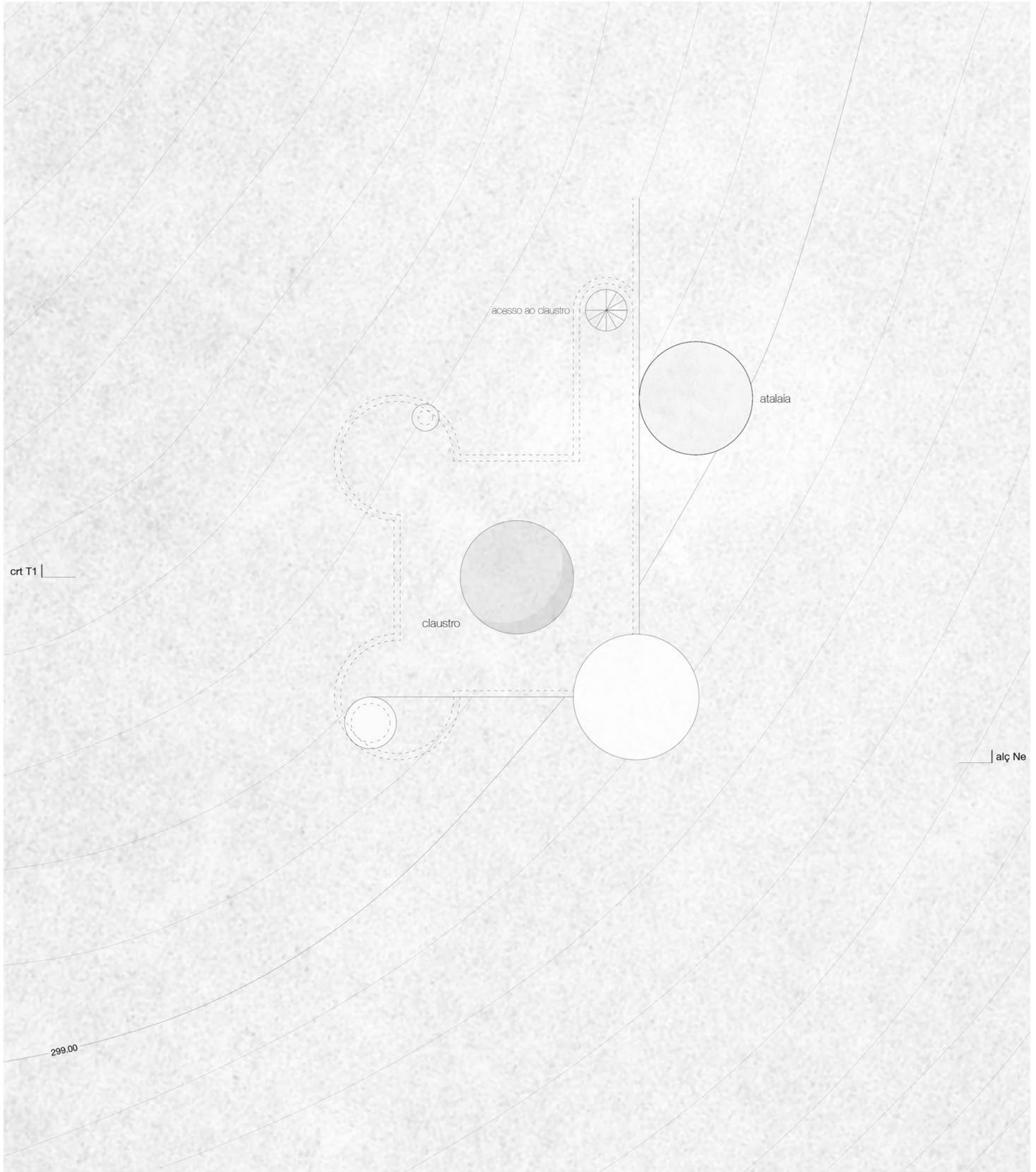
fig. 108 casa da atalaia de cabeços da rainha
fotomontagem a partir de imagem de drone elaborada e editada pelo autor

fig. 109 vista a sudeste com Monsaraz e o lago ao fundo
imagem feita a partir de drone elaborada e editada pelo autor

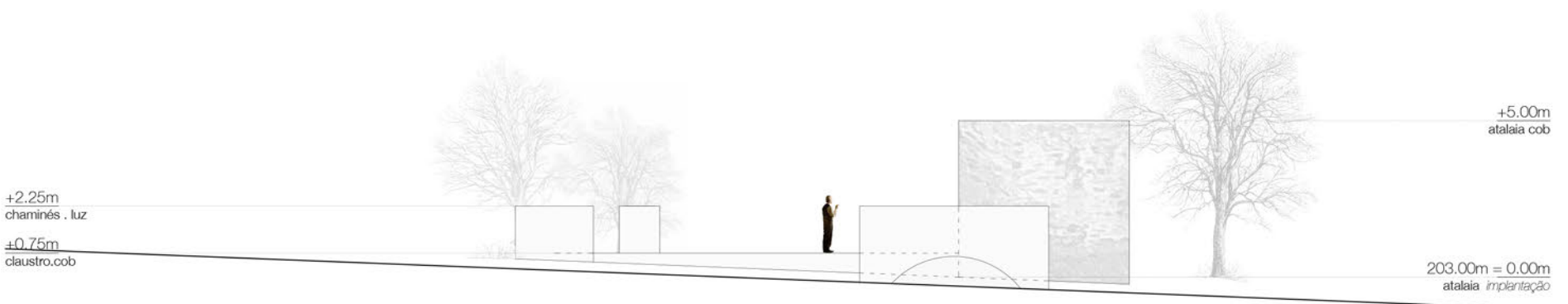


0 5 10 20 (North arrow symbol)

planta de implantação . esc 1.750

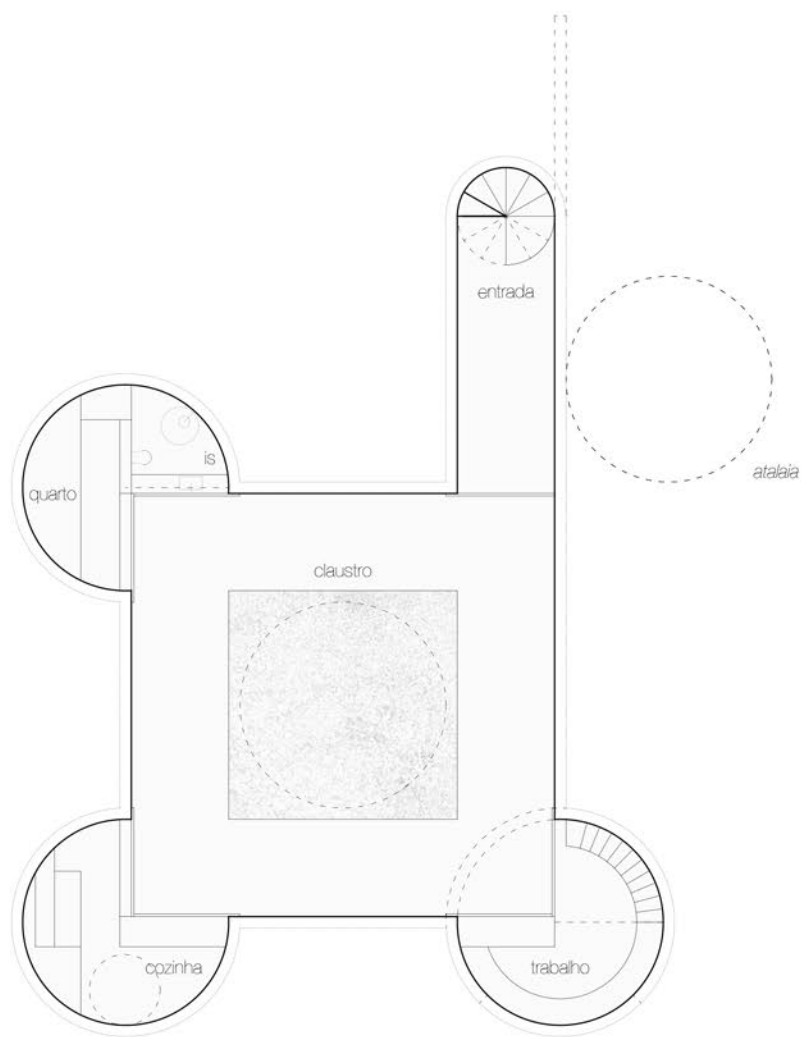


planta de cobertura . esc 1.200



alçado nascente . esc 1.200

crt T1 | _____



_____ | alç Ne

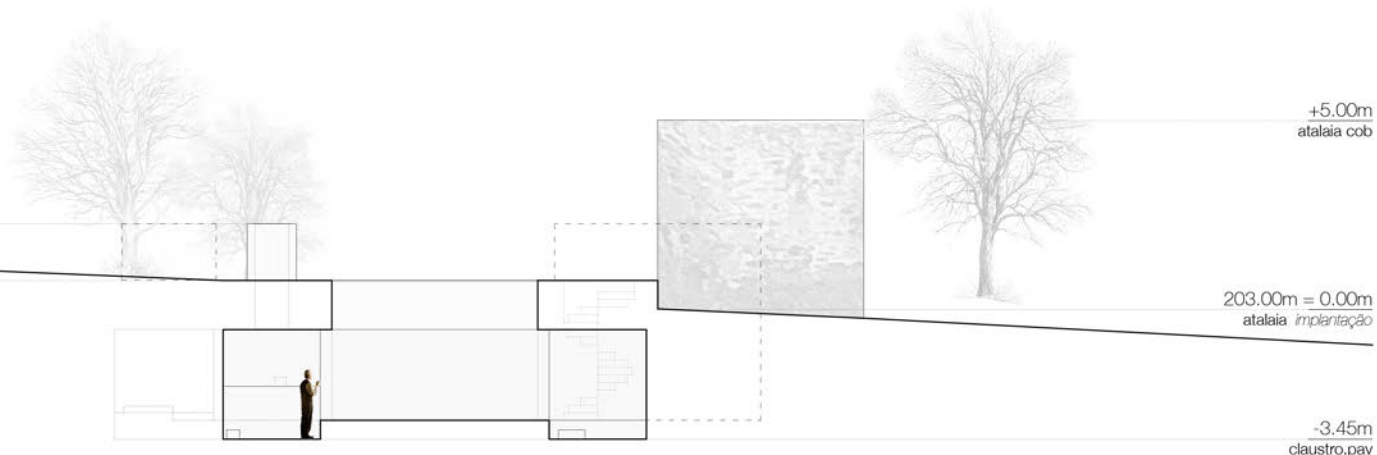
110



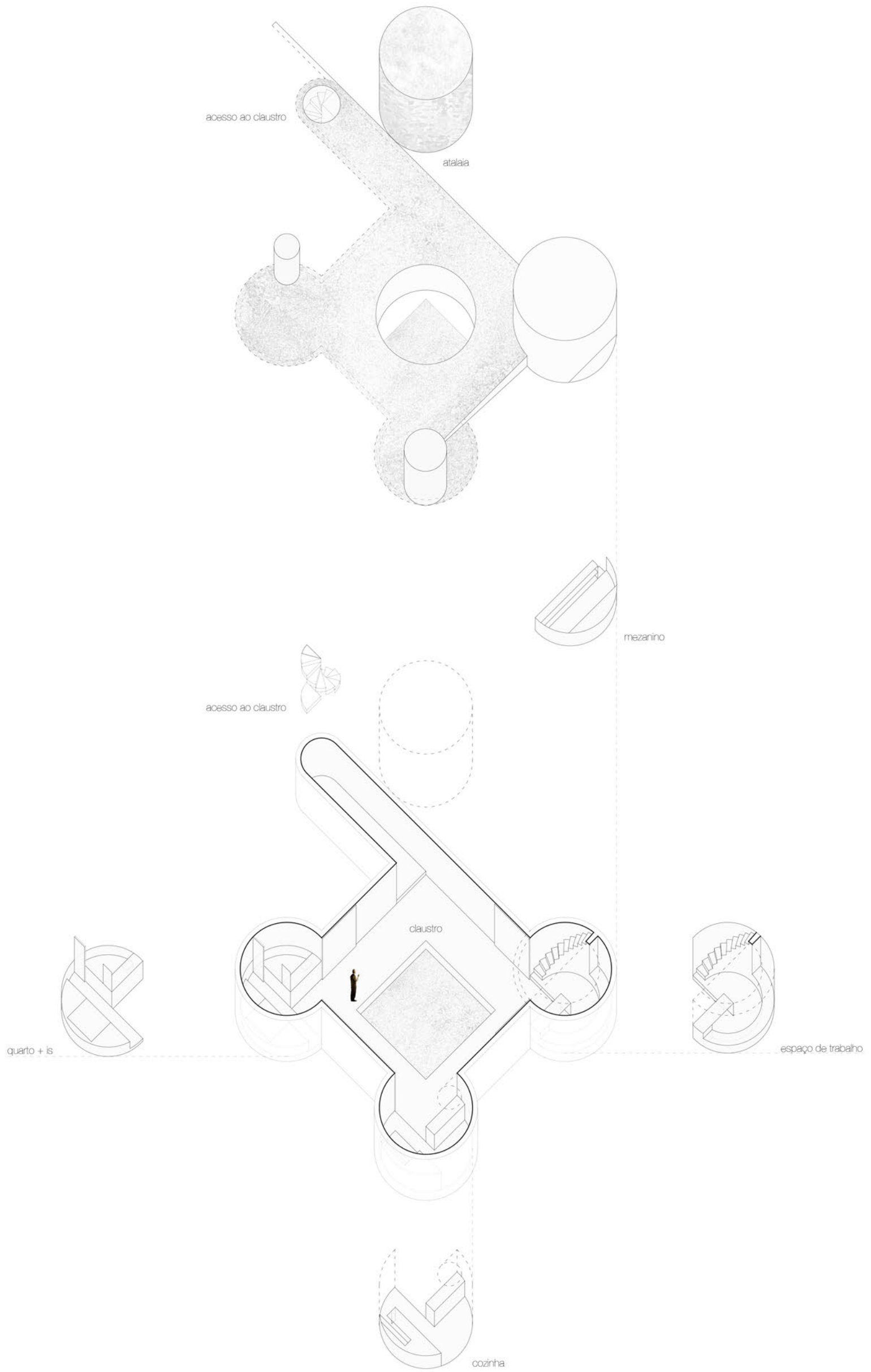
fig. 110 claustro . vista para o quarto
imagem elaborada pelo autor

planta de piso térreo . esc 1.200

+2.25m
chaminés . luz
+0.75m
claustro.cob



alçado nascente . esc 1.200



111



fig. 111 claustro . entrada . quarto de banho
imagem elaborada pelo autor

imaginar um novo programa
uma proposta de arquitetura para experiências de solitude

Casa da Atalaia de S Gens

112



113



fig. 112 casa da atalaia de s gens
fotomontagem a partir de imagem de drone elaborada e editada pelo autor

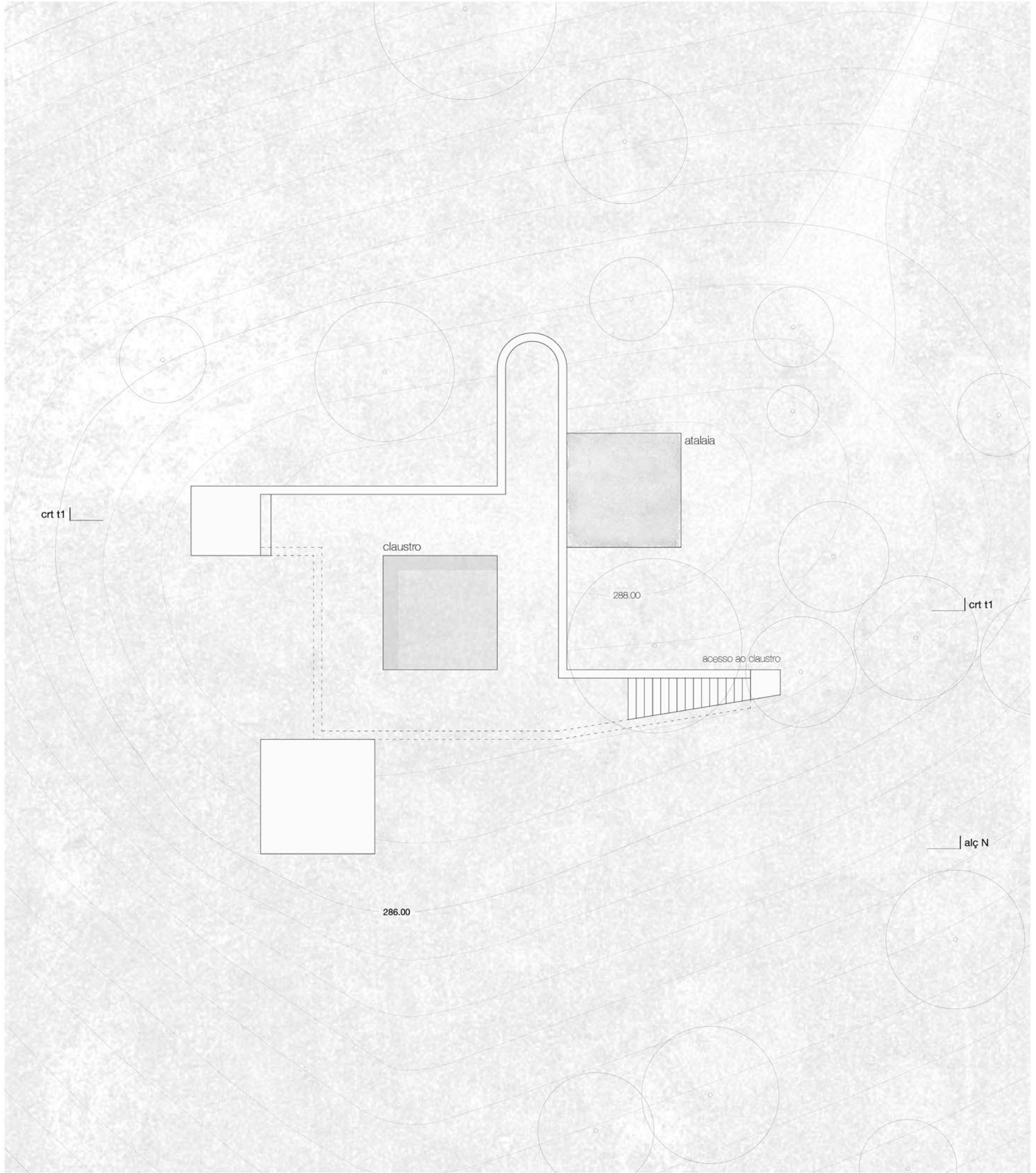
fig. 113 vista a poente com Monsaraz no horizonte
imagem feita a partir de drone elaborada e editada pelo autor



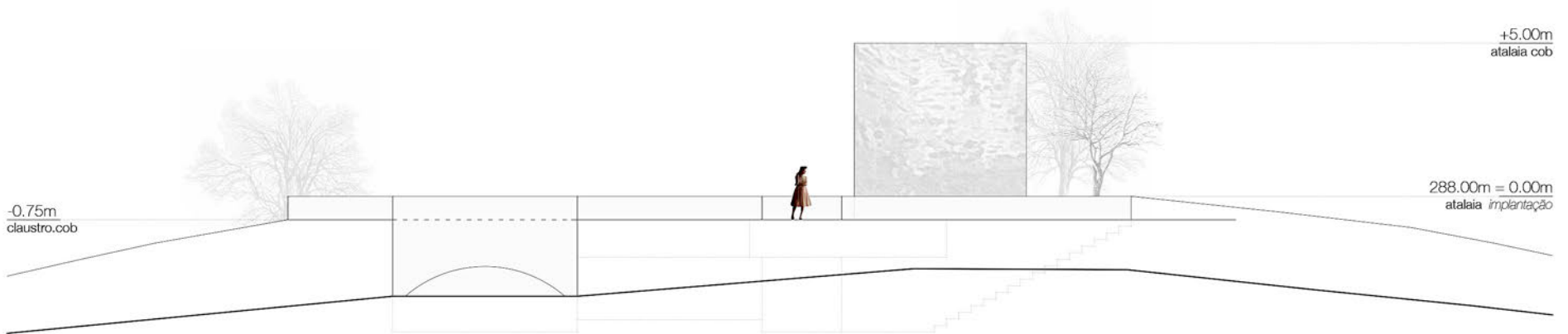
0 5 10 20



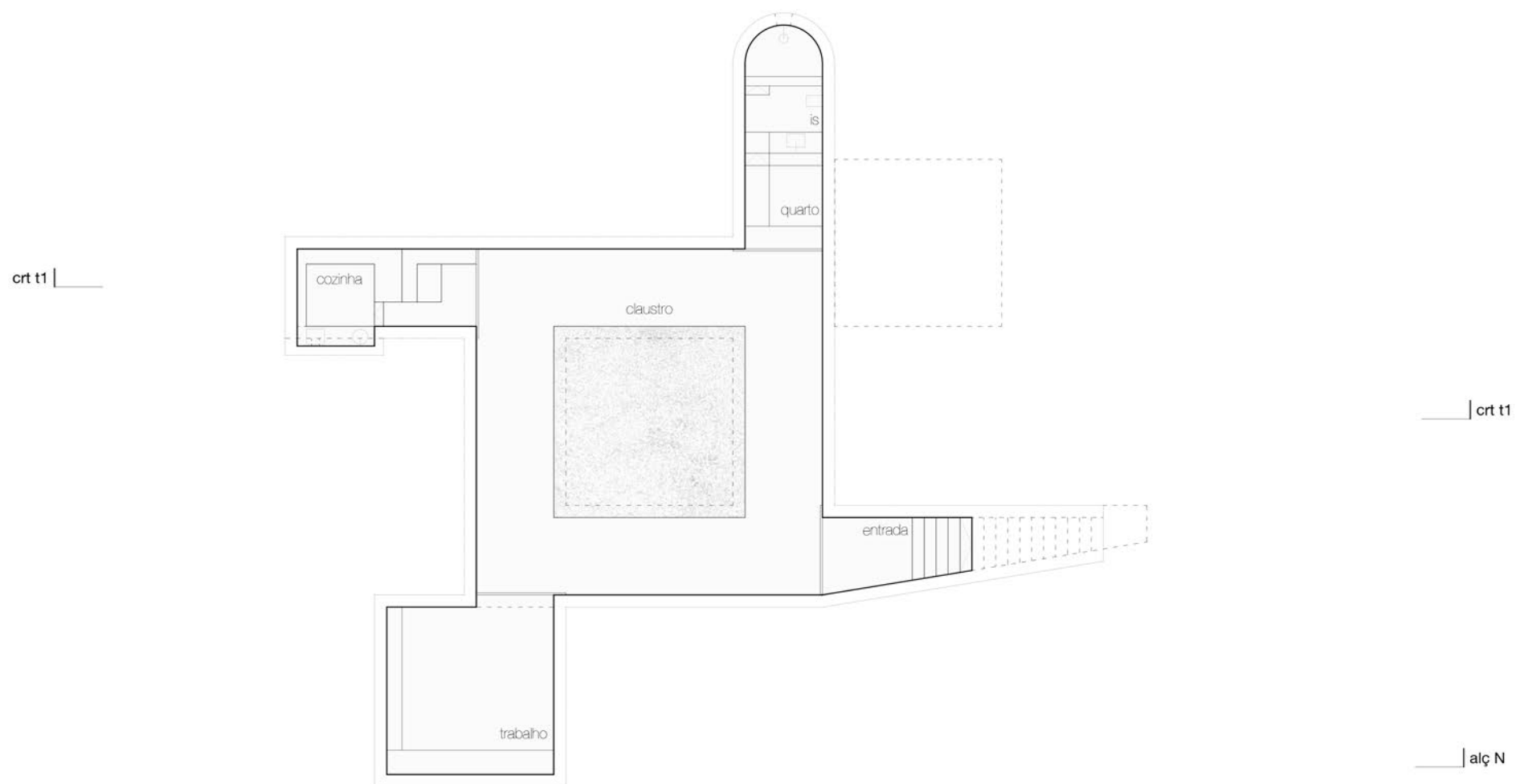
planta de implantação . esc 1.750



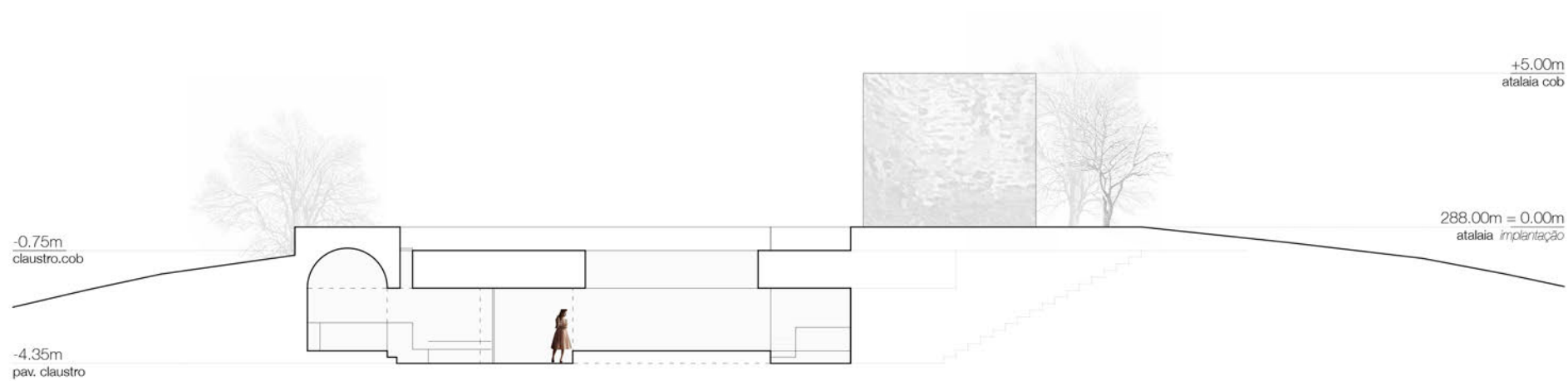
planta de cobertura . esc 1.200



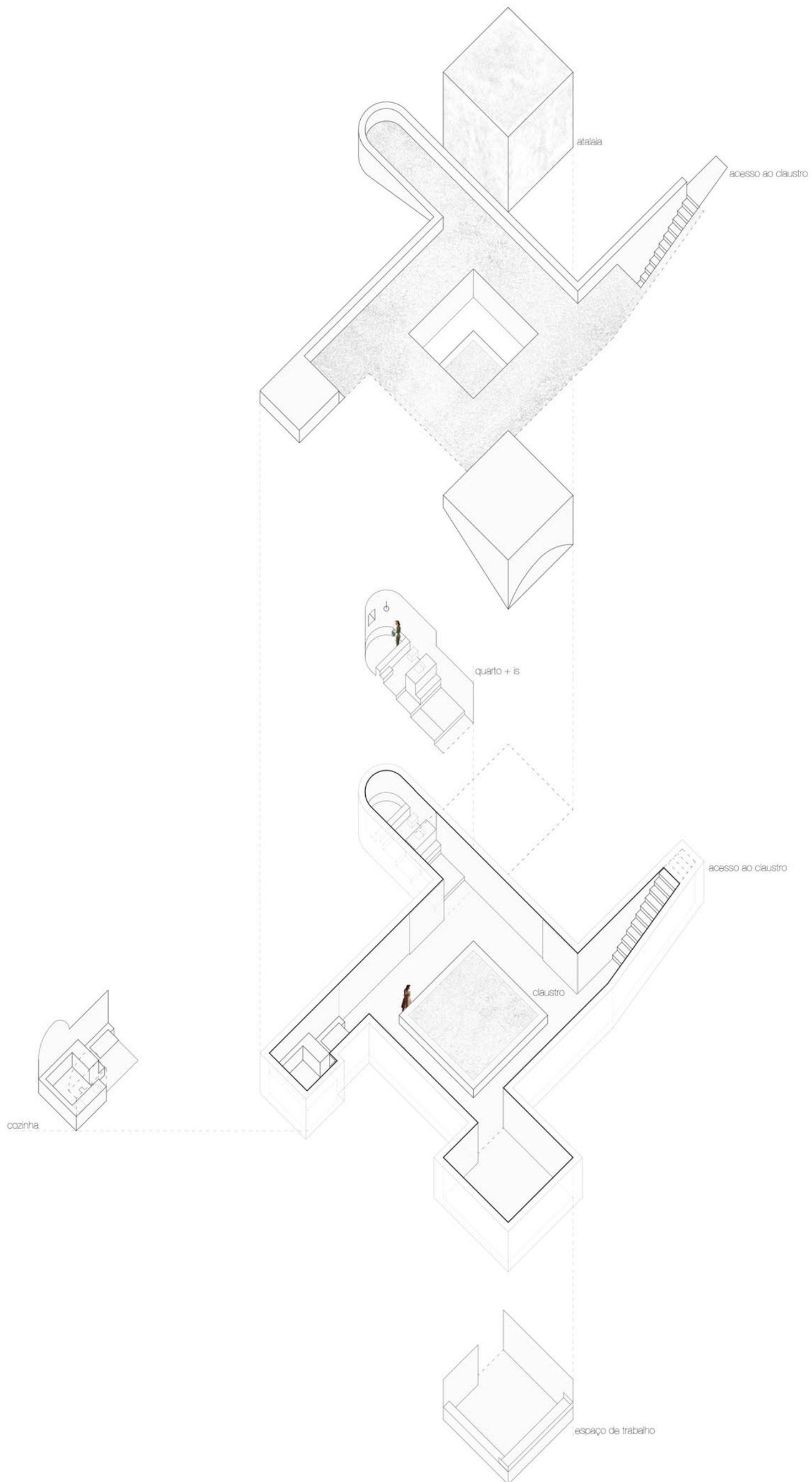
alçado norte . esc 1.200



planta de piso térreo . esc 1.200



corte transversal T1 . esc 1.200



114



fig. 114 espaço de trabalho
imagem elaborada pelo autor

imaginar um novo programa
uma proposta de arquitetura para experiências de solitude

Casa da Atalaia do Trafal

115



116



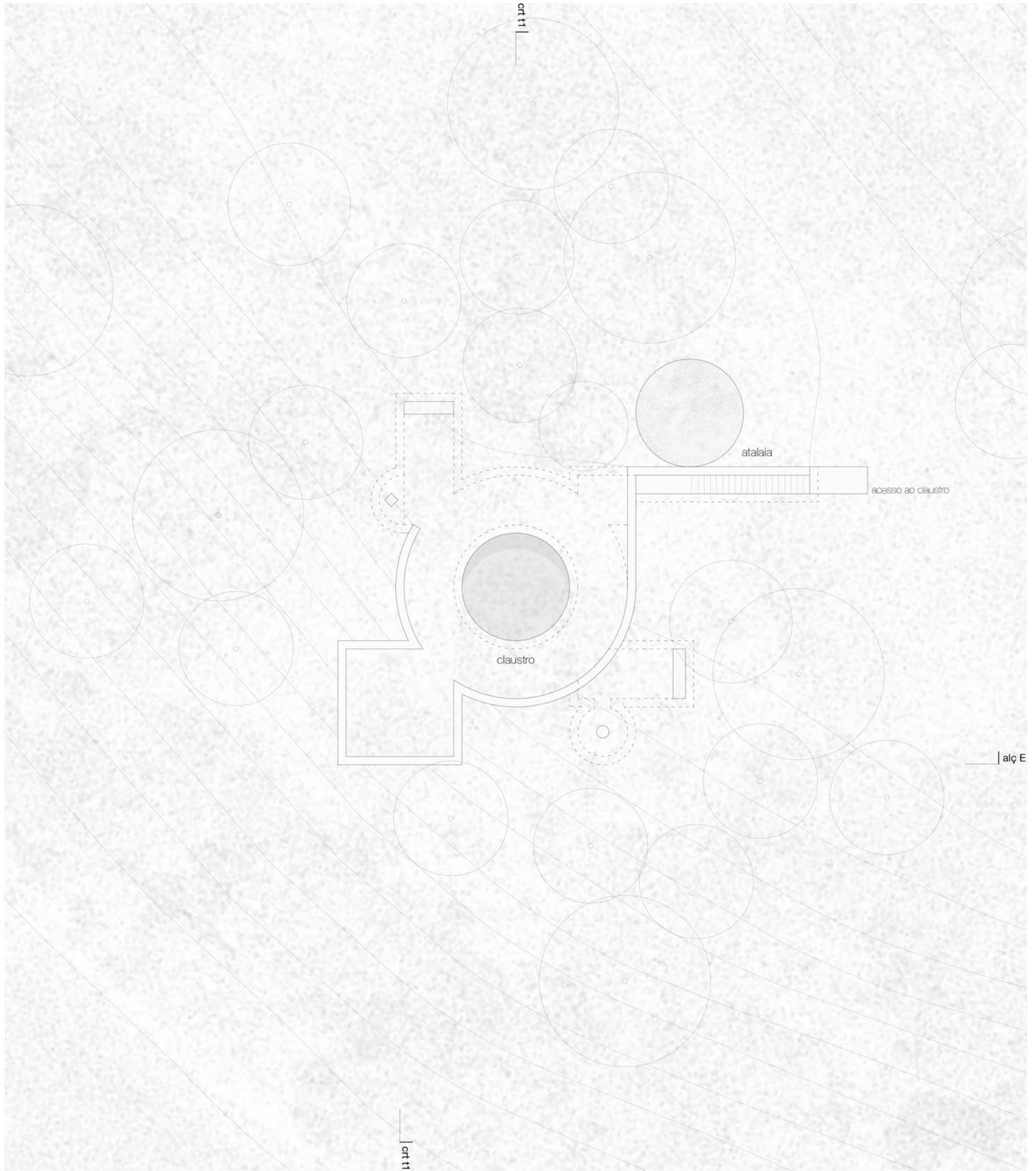
fig. 115 casa da atalaia do trafal
fotomontagem a partir de imagem de drone elaborada e editada pelo autor

fig. 116 ilha . a olhar para nascente
imagem feita a partir de drone elaborada e editada pelo autor

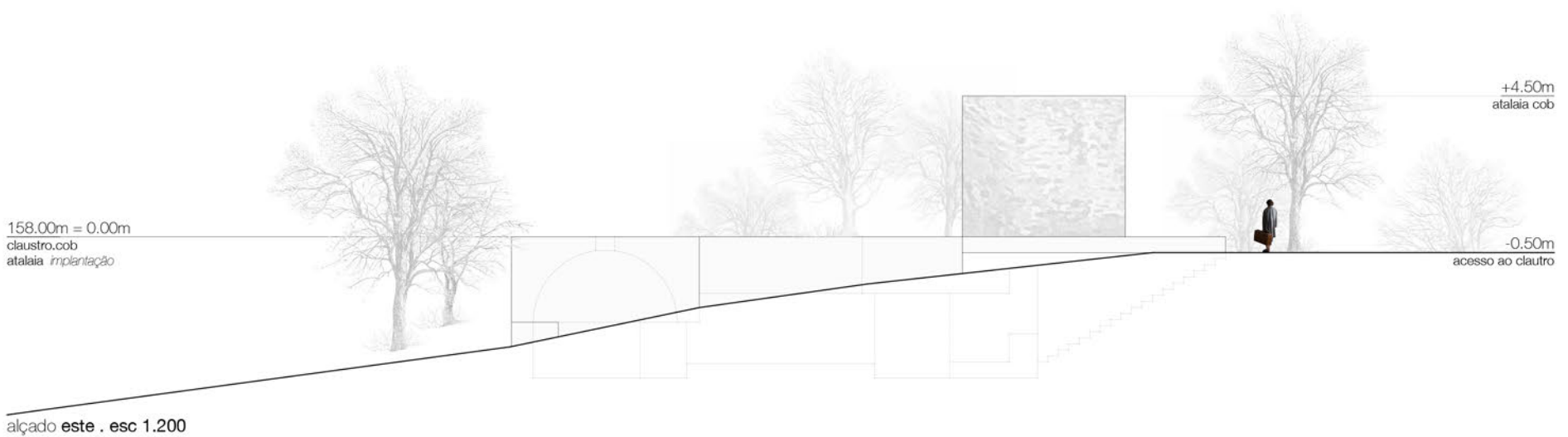


0 5 10 20 (North Arrow)

planta de implantação . esc 1.750

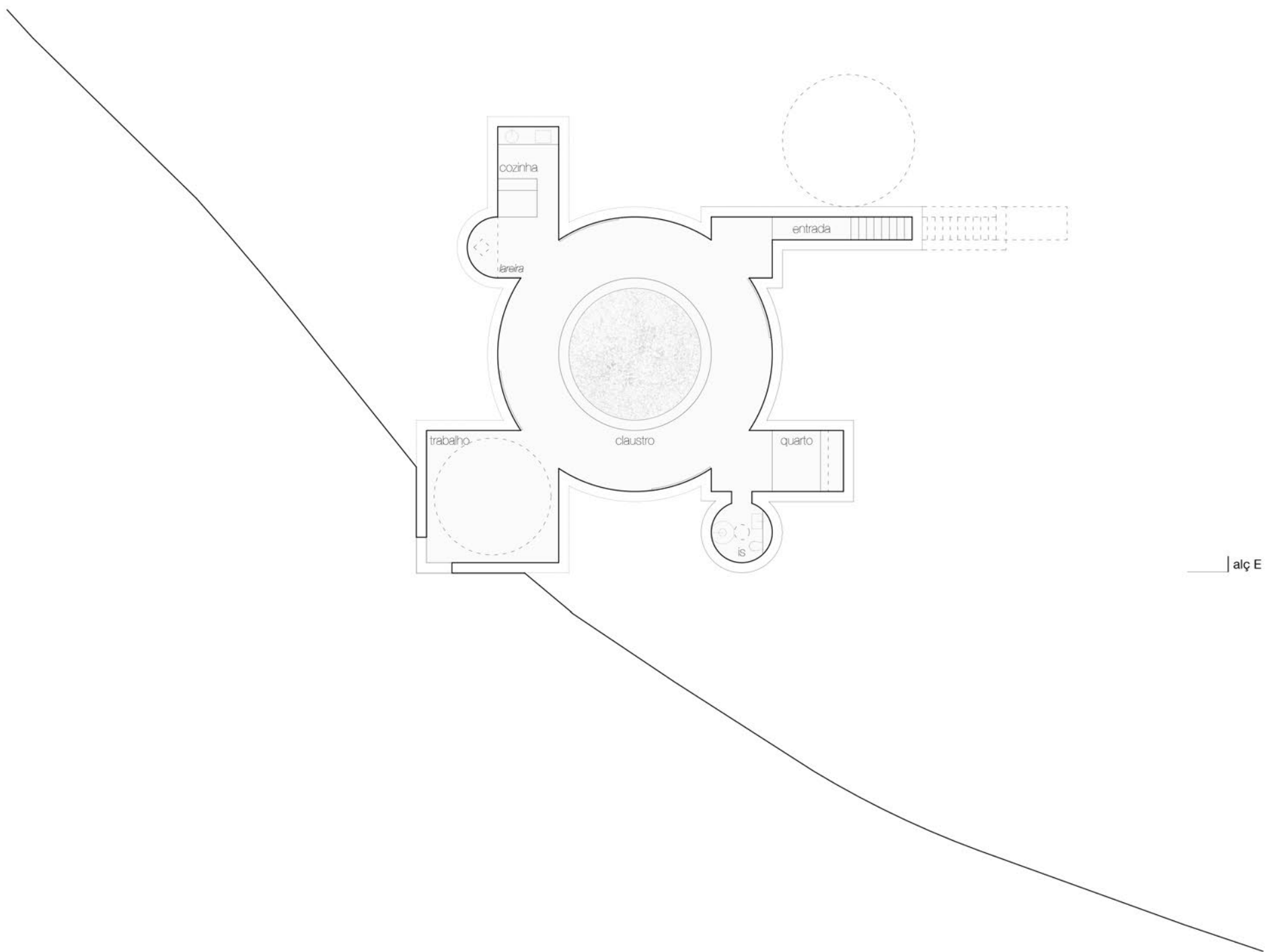


planta de cobertura . esc 1.200



alçado este . esc 1.200

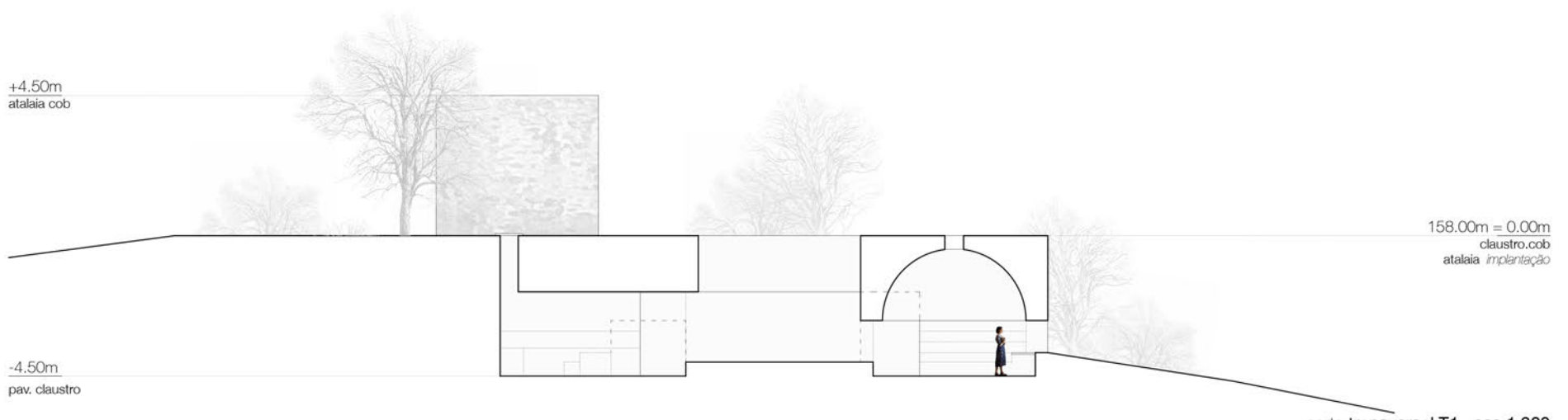
ort 11



alç E

ort 11

planta de piso térreo . esc 1.200

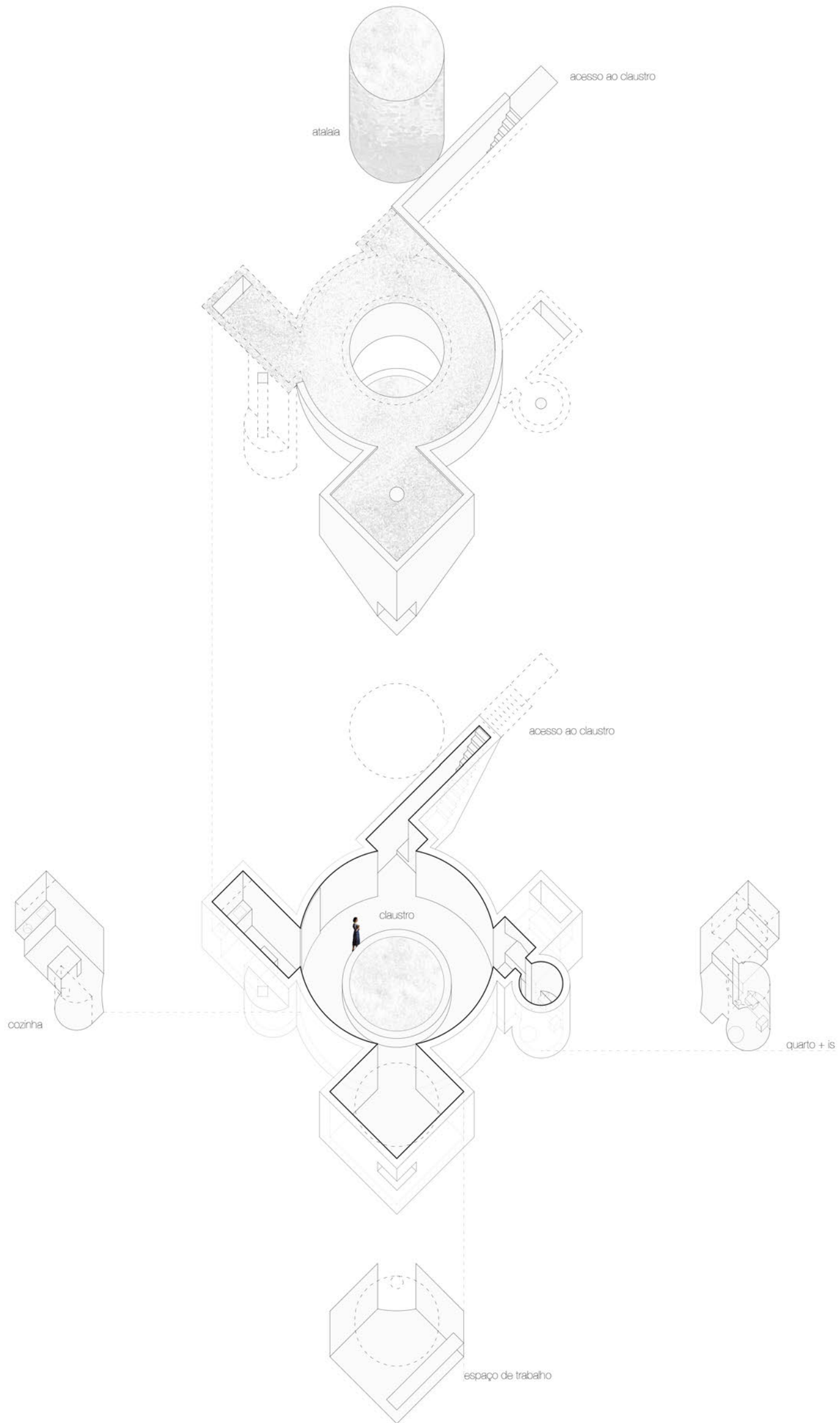


158.00m = 0.00m
claustro.cob
atalaia implementação

+4.50m
atalaia cob

-4.50m
pav. claustro

corte transversal T1 . esc 1.200



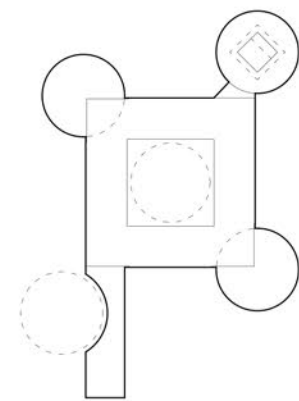
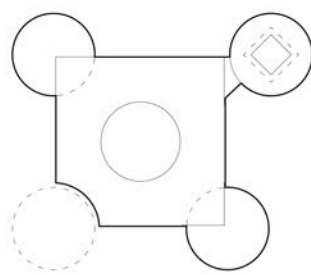
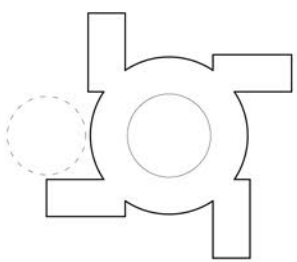
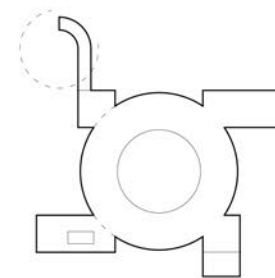
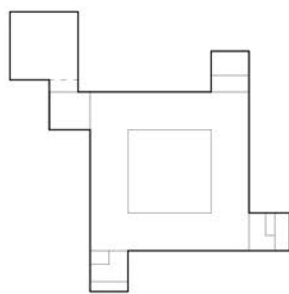
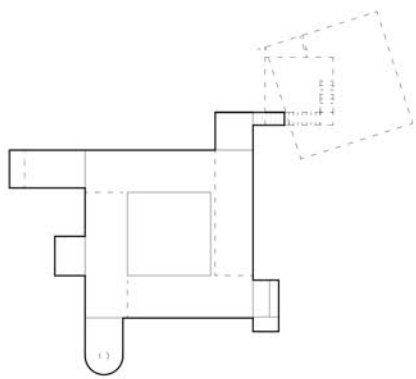
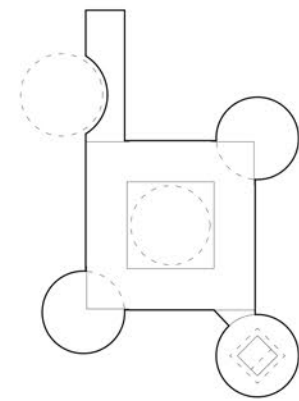
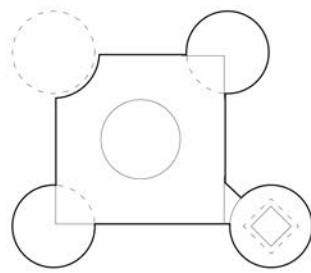
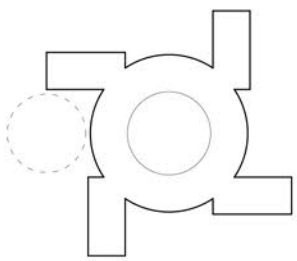
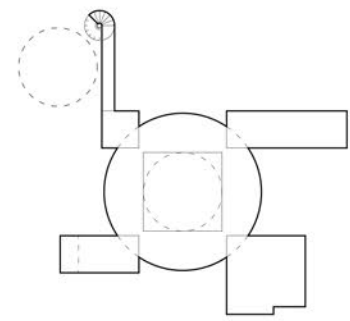
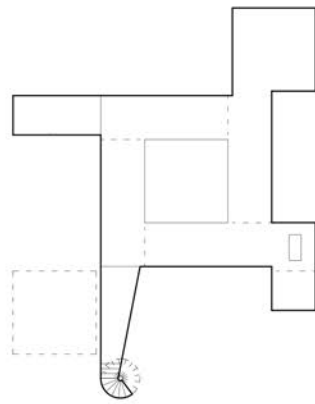
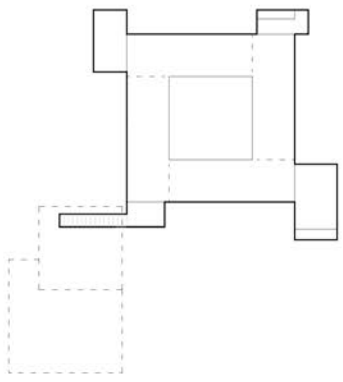
117



fig. 117 "claustro" a olhar para o quarto
imagem elaborada pelo autor

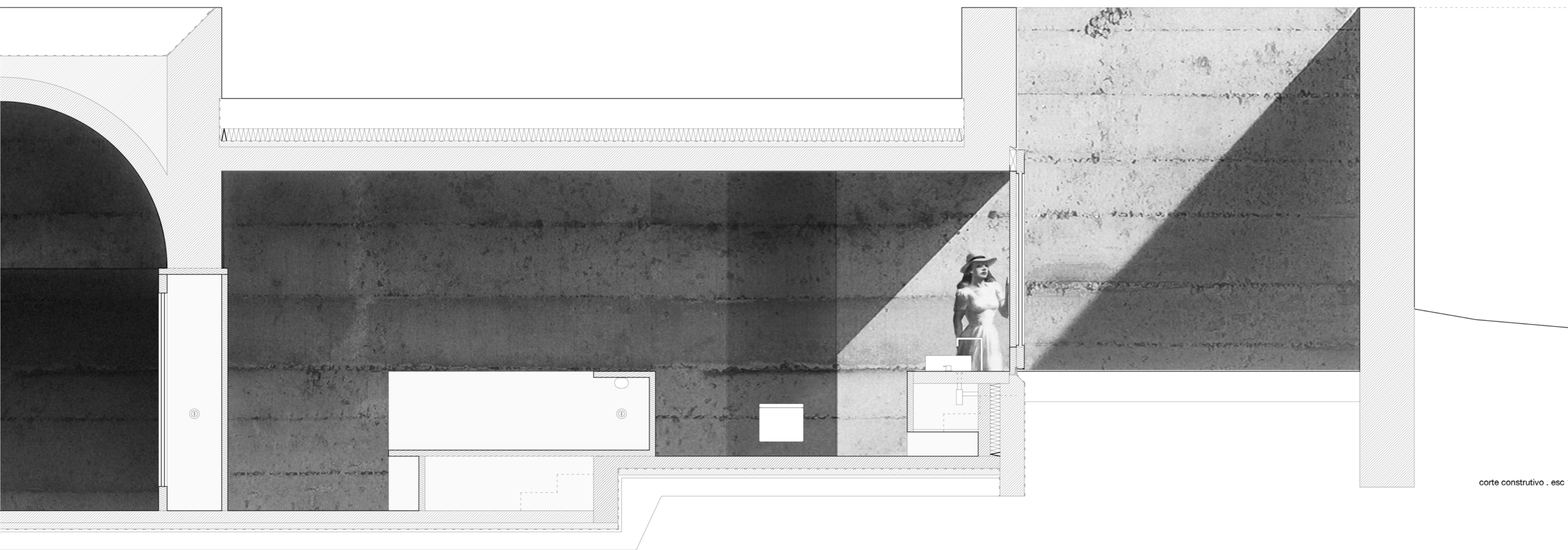
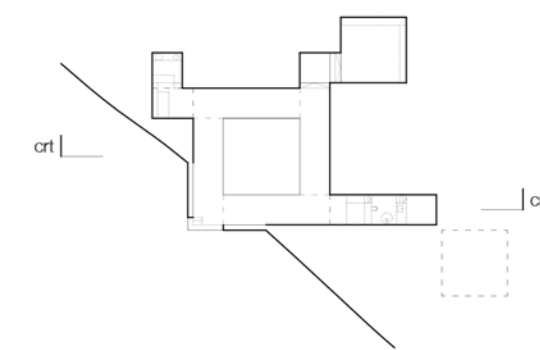
imaginar um novo programa
uma proposta de arquitetura para experiências de solitude

Variações sobre o mesmo tema



Sistema Construtivo
casa da atalaia da serra da barrada como exemplo





corte construtivo . esc 1:25

considerações finais

Com este trabalho propomo-nos mergulhar numa entusiasmante interação entre a Arquitetura, a História e Paisagem. A arquitetura é um território de contaminações, um diálogo denso e contínuo entre as diversas camadas da experiência humana, onde o encontro das diferentes disciplinas desempenham um papel crucial na construção de espaços que não apenas abrigam, mas também nutrem a vida nas suas mais profundas dimensões.

Enquanto prática e exercício mental, é um processo de síntese que procura, através do desenho, o equilíbrio entre a matéria, o vazio, a luz, o gesto certo para as formas e para as atmosferas. Muitas vezes esse equilíbrio, do encontro com a beleza, existe na tensão entre duas coisas diferentes, que se conectam, constroem e tornam-se um lugar. Este trabalho recupera e percorre a memória de um território, desde o movimento sinuoso e encaixado de um Rio, que permitiu fixar comunidades ao longo de séculos, até à transformação profunda da paisagem e aos desafios veiculados pela nova realidade do lago. Partimos de um conjunto de lugares em particular: as Atalaias do Termo de Monsaraz - estruturas construídas numa profunda relação com o entorno, carregadas de simbolismos e de narrativas humanas entrelaçadas pelos desígnios defensivos, pelas crenças espirituais e pela vida das gentes e as suas circunstâncias. Durante o processo de investigação, quer pelos documentos escritos, quer pelas longas caminhadas no território, fomos convidados a contemplar as características particulares desses lugares, enquanto refletimos sobre o nosso próprio papel na construção e preservação desta mesma nova paisagem cultural.

Este trabalho, dada a pouca informação histórica e arquitetónica publicada sobre as Atalaias de Monsaraz, desenvolveu-se no limiar entre a história real e o território das imagens e dos imaginários contemplativos, entre uma possibilidade concreta e os devaneios poéticos que uma dissertação/ trabalho prático académico permite explorar. O projeto desenvolve-se numa procura incessante por compreender a vocação desses lugares e identificar as premissas para ensaiar uma proposta de arquitetura para a experiência da solitude. Desenvolve-se a partir das paisagens naturais, das paisagens construídas, da matéria e das atmosferas das fortalezas, dos enredos e orquestração das vigilâncias, da abstração escultórica das atalaias, das escalas, das matérias de que são construídas e das espacialidades que fazem ressoar a sua identidade. Estes elementos informam o desenho, limpam a mente conceptual do supérfluo, procuram a elementaridade da arquitetura: matéria, espaço, luz, sombra - e informam sobretudo a condição de como o objeto se impõe à topografia, como toca o terreno, como se esconde ou deixa revelar. De uma metodologia modular aparentemente rígida experimentámos uma liberdade total para encontrar a proporção e as simetrias adequadas às pequenas torres e à escala do lugar. No final, com surpresa, descobrimos que as atalaias continham algo que se resguardou, um oculto mas valioso sentido de lugar. As Atalaias não são cabanas, nem refúgios, nem estritamente lugares altaneiros, mas lugares com natureza própria, que não desconhecem a concreta e difícil condição da vida que perpassa toda a paisagem, mas, ao mesmo tempo, mantêm latente a capacidade de transfigurar toda a tensão e efemeridade da vida por um olhar atento, discreto e humilde.

Referências Bibliográficas

ABEL, António Borges (1995) - Vilas de fundação medieval no Alentejo: contributos para o estudo da morfologia urbana. Évora : Universidade de Évora, 1995. Tese de Mestrado.

AiPAC coord. (2018) – Fronteiras: Escritos y Proyectos de Arquitectura, Paisaje y Territorio. Málaga : Recolectores Urbanos Editorial.

ALMEIDA, João de (1948) - Roteiro dos Monumentos Portugueses. Volume III. Lisboa : Edição do Autor.

AMENDOEIRA, Ana Paula Ramalho (1998) - Monsaraz: Análise do Processo de Conservação e Transformação Urbana no Século XX. Évora : Universidade de Évora, 1998. Tese de Mestrado.

ARAÚJO, Custódia Maria Freixial (2013) - O Fresco de Monsaraz: O Espelho Social, Artístico e Político entre Tejo e Odiana, em Finais do Século XV. Évora : Universidade de Évora, 2013. Tese de Mestrado.

ARTUR PASTOR (2014–2024) – Arquivo Artur Pastor #alentejo. In Tumblr. [Consult. 6 de Junho de 2022]. Disponível em [www:<URL: https://arturpastor.tumblr.com/archive/tagged/alentejo>](https://arturpastor.tumblr.com/archive/tagged/alentejo).

BAEZA, Alberto Campo (2008) – A ideia construída. Casal de Cambra : Caleidoscópio.

BAEZA, Alberto Campo (2020) - Estereotómico Vs Tectónico [em linha]. Madrid : Ed. ACB. (Trece trucos de arquitectura) [Consult. 06 Março 2023]. Disponível em <https://www.campobaeza.com/wp-content/uploads/2022/01/2020-Estereoto%CC%81mico-vs-tecto%CC%81nico.pdf>

BAPTISTA, António Martinho; SANTOS, André Tomás; SILVA, António Carlos, coord.; REGALA, Frederico Tátá (2013) - A Arte Rupestre do Guadiana Português na Área de Influência do Alqueva. Beja: EDIA

BARROCA, Mário Jorge (2018) - Tempos de resistência e de inovação : a arquitectura militar portuguesa no reinado de D. Manuel I (1495-1521). Portugalia : Revista de Arqueologia do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da FLUP, 24 (2018) 95-112. [Consult. 10 Março 2023]. Disponível em [WWW:<URL: https://ojs.letras.up.pt/index.php/Port/article/view/4233>](https://ojs.letras.up.pt/index.php/Port/article/view/4233)

BATISTA, Rita Gomes - Memória do Habitar: Fundamentos para uma "Arquitectura das Emoções". - Lisboa : FAUL, 2018. Tese de Doutoramento.

BILOU, Francisco (2021) - Entre Mourão e Olivença: O Guadiana em 1656 por Nicolau de Langres. O Pelourinho: Boletín de Relaciones Transfronterizas. 25 (2021) 115-124.

CARERI, Francesco (2013) – O caminhar como prática estética. São Paulo : Editora Gustavo Gili, Ltda.

CARVALHO, A. M. Galopim de (2000) - Guadiana antes de Alqueva [em linha]. Lisboa : [s.n.], 2000. [Consult. 16 de Abril de 2023]. Disponível em [WWW:<URL: https://www.ipbeja.pt/eventos/em.cantos/Documents/texto_galopimcarvalho.pdf>](https://www.ipbeja.pt/eventos/em.cantos/Documents/texto_galopimcarvalho.pdf)

CHAGAS, António das (1658) - Mouram restaurado em 29. de Outubro de 1657 : oferecido ao senhor Joanne Mendes de Vasconcellos, Tenente General da Provincia do Alemtejo / por Antonio da Fonseca Soares. - Lisboa : na officina de Henrique Valente de Oliveira, impressor delRey nosso Senhor. [Consult. 04 Outubro 2023]. Disponível em <https://permalinkbnd.bnportugal.gov.pt/records/item/86121-mouram-restaurado-em-29-de-outubro-de-1657>>.

CONCEIÇÃO, Margarida Tavares da (2018) - A fortificação no contexto da cultura arquitectónica portuguesa entre os séculos XVI e XVIII: uma leitura geral, In M. J. Moreira da Rocha (Ed.), História da Arquitectura: Perspectivas temáticas (189-212). Porto: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória».

CORREIA, Fernando Branco (1998-2000) – Bloco 16 - Atalaias : relatório geral : relatório dos trabalhos levados a cabo durante 2000. Lisboa : Garb al-Andalus, Arqueologia e História, Lda, 2000. Disponível em [WWW:<URL: https://biblioteca.edia.pt/Opac/Pages/Search/Results.aspx?SearchText=Bloco+16+-+Atalaias&Operator=AND&Profile=Default&DataBase=10846_WWW>](https://biblioteca.edia.pt/Opac/Pages/Search/Results.aspx?SearchText=Bloco+16+-+Atalaias&Operator=AND&Profile=Default&DataBase=10846_WWW).

D' ABREU, Alexandre Cancela; CORREIA, Teresa Pinto; OLIVEIRA, Rosário, coord. (2004) - Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental Volume V Grupos de Unidade de Paisagem R (Alentejo Central a V(Algarve). Coleção Estudos 10. Lisboa : Direcção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, Junho 2004

DAMÁSIO, António (2020) - SENTIR & SABER: A Caminho da Consciência. Lisboa: Temas e Debates – Círculo de Leitores.

DUARTE BELO (2012) - DUARTE BELO. Disponível em WWW:<URL: <https://www.duartebelo.com/>>.

ESPANCA, Túlio (1978) - Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Évora. Volume I – II. Lisboa : Academia Nacional de Belas Artes.

FARIA, Célia Joaquina Fernandes (2009) - A construção do lugar arquitectónico. A significação da forma arquitectónica na perspectiva da experiência do sujeito. Lisboa : FAUTL. Tese de Mestrado.

FARIA, Miguel Figueira de (1995) - Fortificações de Portugal na fronteira da Estremadura espanhola, In Anais Série História, vol. II, p. 157-187 [em linha]. Universidade Autónoma de Lisboa : [s.n.], 1995. [Consult. 10 Março 2023]. Disponível em WWW:<URL: <https://repositorio.ual.pt/handle/11144/704>>

FERREIRA, José Alberto, coord. (2005) - Escrita na Paisagem. Festival de Performance e Artes na Terra. Évora : Coleção B; Porto : mimesis.

FRAZÃO, Clara Montalvão de Santos e Silva (2015) - Importância e influência da arquitectura sobre o bem-estar do ser humano : Centro de Cuidados Paleativos Pediátrico de Alcântara. - Lisboa : FAUL. Tese de Mestrado.

FRAZÃO, Susana Rita Santos (2010) - Alqueva: paisagem em transformação. Lisboa : Instituto Superior de Agronomia. Universidade Técnica de Lisboa. Dissertação de Mestrado.

FUNDACIÓN LUIS SEOANE; MOURIÑO, José Manuel, coord. (2011) – Cabañas para pensar. Madrid : Maia Ediciones.

GARCÍA, Eusebio Medina (2006) - Orígenes históricos y ambigüedad de la frontera hispano lusa (La Raya). Revista de estudios extremeños. Volume 62. Nº 2. 2006, p. 713-723. [Consult. 04 Janeiro 2023]. Disponível em <https://www.dip-badajoz.es/cultura/ceex/reex_digital/reex_LXII/2006/T.%20LXII%20n.%202%202006%20mayo-ag/RV000827.pdf>

GARCIA, João Carlos (1996) - A Configuração da fronteira luso-espanhola nos mapas dos séculos XV a XVIII, In Treballs de la Societat Catalana de Geografia. Vol. 41, p. 293-321. [Consult. 23 Junho 2023]. Disponível em <<https://raco.cat/index.php/TreballsSCGeografia/article/view/157069>>.

GARCIA, João Carlos (2001) - A harmoniosa figura: interpretações geográficas sobre a formação de Portugal, In Discursos: língua, cultura e sociedade. ISSN 0872-0738. Nº especial (Fev. 2001), p. 265-271. [Consult. 04 Junho 2023]. Disponível em <<https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/4139>>.

HARARI, Yuval Noah (2021) - Sapiens - História Breve da Humanidade de animais a Deuses. Tradução de Rita Carvalho e Guerra. Amadora: Elsinore, uma chancela da 20120 Editora.

HEIDEGGER, Martin (1954) - Construir, habitar, pensar. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. [S.l. : s.n.]. [Bauen, Wohnen, Denken] (1951) conferência pronunciada por ocasião da "Segunda Reunião de Darmstadt", publicada em Vortäge und Aufsätze, G. Neske, Pfullingen, 1954.

HOWE, Thomas Noble; MACIEL, Manuel Justino Pinheiro (2009) - Vitruvius Tratado De Arquitectura. Lisboa: IST PRESS.

INGOLD, Tim (2000) - The Perception of the Environment; Essays on livelihood, dwelling and skill. London : Routledge.

INGOLD, Tim (2007) – Lines A Brief history. Oxon : Routledge Classics Edition.

MONTEIRO, João Gouveia (1999) - Os castelos portugueses dos finais da Idade Média: presença, perfil, conservação, vigilância e comando. Lisboa : Edições Colibri - Faculdade de Letras de Coimbra.

NESBITT, Kate, org.; FINO, Cristina, coord. (2008) – Uma nova agenda para a arquitectura: antologia teórica (1965-1995). São Paulo : Cosac Naify.

NORBERG-SCHULZ, Christian (2004) – Arquitectura Occidental. Barcelona : Editorial Gustavo Gili SA.

OUTRO MUNDO, filmes (2020). Memórias de Alqueva - Encerramento Comportas - 08|02|2002 [vídeo]. YOUTUBE. <https://www.youtube.com/watch?v=IV3KIVYOK10>

OLIVEIRA, Pedro (coord), Pacheco, Pedro, Rocha, João (2013) - Alqueva, A Paisagem Como Tema - Departamento de Arquitetura da Universidade de Évora. Beja: Museu da Luz/EDIA.

PENNICK, Nigel (2000) – Geometria Sagrada. Simbolismo e Intenção nas Estruturas Religiosas. São Paulo : Editora Pensamento.

RAMOS, João Augusto Espadeiro (2012) - Fronteira e relações de poder. Noudar e Barrancos no antigo regime. Évora : Universidade de Évora, 2012. Tese de Mestrado.

REGUENGOS. Município de Reguengos de Monsaraz (2023) - O foral afonsino de 1276. REGUENGOS. O Concelho de Reguengos de Monsaraz - Arquivo Histórico do concelho – Forais do Concelho [em linha]. Reguengos : Arquivo Histórico do concelho. Disponível em WWW:<URL: <https://www.cm-reguengos-monsaraz.pt/municipe/o-concelho-de-reguengos-de-monsaraz/arquivo-historico/forais-do-concelho/>>.

RIBEIRO, Orlando (1998) – Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico. Lisboa : Livraria Sá da Costa Editora.

RIBEIRO, Orlando (2018) – Introdução Geográficas à História de Portugal. Estudo Crítico. Lisboa : Livraria Letra Livre.

RIVERA, Jorge Croce (2017) - Ethos, Cognição, Paisagem, In Estudos de Paisagem, 86-109. Lisboa: Instituto de História Contemporânea. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova, 2017.

RTP2 (2022). Monsaraz, Alentejo | Ep. 5. Visita Guiada 10 out. 2022 | temporada 12

SERRA, Rafael (2006) – Arquitectura y climas. Barcelona : Editorial Gustavo Gili SA.

SERRÃO, Adriana Verissimo coord. (2011) – Filosofia da Paisagem: Uma Antologia. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

SILVA, António Carlos (1997) – Cadernos de Cultura, N.º 1 [Em linha]. Reguengos de Monsaraz : Boletim Cultural do Município, 1997. [Consult. 04 Outubro 2023]. Disponível em <https://www.academia.edu/43696452/Atalaias_do_Termo_de_Monsaraz>.

SILVA, António Carlos (1999) - Salvamento arqueológico do Guadiana : do inventário patrimonial à minimização dos impactes. Beja : EDIA

SMITH, Adam T. (2003) – The political Landscape; Constellations of authority in early complex polities. California : University of California Press

SOUSA, Ana Catarina; SOUSA, Elisa; BOAVENTURA, Rui, coord. e dir. (2017) - OPHIUSSA. Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Volum. 1 (Novembro de 2017)

SOUSA, Pedro Marquês de (2016) - A Aula de Artilharia e Esquadria Criada em 1641 em Portugal. Proelium Revista Científica. 11 (2016) 23-33.

STITT, Jennifer (2020) - Isolation, Loneliness, and Solitude: Hannah Arendt's Triumvirate. In Tocqueville 2 - La Société Tocqueville [em linha]. France: La Société Tocqueville FRANCE. Disponível em WWW:<URL: <https://tocqueville21.com/le-club/isolation-loneliness-and-solitude-hannah-arendts-triumvirate/>>.

TANIZAKI, Junichiro (2008) – Elogio da Sombra. Lisboa : Relógio d' Água Editores.

TÁVORA, Fernando (2007) - Da organização do espaço. Porto : FAUP Publicações.

VAIRO, Giulia Rossi; MELO, Joana Ramôa, coord. (2016) - Claustros no Mundo Mediterrânico Séculos X-XVIII. Coimbra : Edições Almedina, S.A.

VAN DER LAAN STICHING (2023) - VAN DER LAAN STICHING. Disponível em WWW:<URL: <https://www.vanderlaanstichting.nl/>>.

YOURCENAR, Marguerite (2020) – O Tempo, Esse Grande Escultor. Lisboa : Relógio d' Água Editores.

ZUMTHOR, Peter (2005) – Pensar a arquitectura. Barcelona : Editorial Gustavo Gili SA.

ZUMTHOR, Peter et al. (2014) – Peter Zumthor 1985-2013 Buildings and Projects. Vol. 1 – 5. Zurich : Scheidegger & Spiess AG.

Índice de Figuras

fig. 01 Rio Guadiana.

Local de implantação da Barragem do Alqueva, na Páscoa de 1975, visto da margem esquerda do Guadiana.

fonte: Silva, António Carlos, Salvamento Arqueológico no Guadiana, 1999, p. 31.

imagem formatada pelo autor.

pág.04

fig. 02 O espaço da paisagem.

ilustração do autor a partir de ortofotomapa de 1997, google earth.

págs.05 e 06

fig. 03 Grupo de Unidades de Paisagem - Alentejo Central

desenho do autor a partir de cartografia em "Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental", Volume 5.

pág.08

fig. 04 Paisagem de Monsaraz.

Autor: Artur Pastor.

Monsaraz, panorâmica.

Arquivo Municipal de Lisboa . Código de Referência: PT/AMLSB/ART/009/003624.

pág.08

fig. 05 Guadiana (1997-1998) [linha 19_#281]

Rio Guadiana por Duarte Belo.

fonte: <https://www.duartebelo.com/15-exposicao/151-paginas/330-foto281.html>

pág.09

fig. 06 Guadiana (1997-1998) [linha 19_#287]

Rio Guadiana por Duarte Belo

fonte: <https://www.duartebelo.com/15-exposicao/151-paginas/336-foto287.html>

pág.10

fig. 07 Cristo Velato

Giuseppe Sanmartino,

Capela de Sansevero, 1753, Nápoles

fonte: <https://artsupp.com/en/artists/giuseppe-sanmartino/cristo-velato>

pág.11

fig. 08 Cartografia do relevo do Vale do Guadiana

Desenho e adaptação do autor a partir de cartografia disponível em <https://maps-for-free.com/#close>

pág.12

fig. 09 Cartografia geológica do Vale do Guadiana

Desenho e adaptação do autor a partir de cartografia disponível em <https://maps-for-free.com/#close>

e na cartografia geológica Real, F. C. de Sousa (cartógrafo), Comissão Nacional do Ambiente, 1982

disponível em <https://almamater.uc.pt/item/44897>

pág.14

fig. 10 Bacia Hidrográfica do Rio Guadiana

Desenho e adaptação do autor a partir de cartografia disponível em <https://maps-for-free.com/#close>

pág.15

fig. 11 O curso baixo do Rio

O Guadiana, Monsaraz e a Fronteira

Desenho e adaptação do autor a partir de cartografia.

pág.15

fig. 12 Guadiana (1997-1998) [linha 19_#291]

Rio Guadiana.

fonte: <https://www.duartebelo.com/15-exposicao/151-paginas/340-foto291.html>

pág.15

fig. 13 Cartografia Hidrográfica do Vale do Guadiana

Desenho e adaptação do autor a partir de cartografia disponível em <https://maps-for-free.com/#close>

pág.16

fig. 14 Cartografia das Primeiras Ocupações do Vale do Guadiana

Desenho e adaptação do autor a partir de cartografia disponível em <https://maps-for-free.com/#close> e dos dados inventariados e georreferenciados em:
Silva, António Carlos, Salvamento Arqueológico no Guadiana, 1999
pág.18

fig. 15 Folha 1 do Foral Manuelino (1512)

fonte: Arquivo On-line Município de Reguengos de Monsaraz
<https://arquivomrm.cm-reguengos-monsaraz.pt/index.php/camara-municipal-de-reguengos-de-monsaraz-2>
pág.19

fig. 16 Cartografia com a Delimitação do Termo de Monsaraz

Desenho do autor a partir de cartografia disponível em <https://maps-for-free.com/#close> e de ortofotomapa de 1997, google earth.
pág.20

fig. 17 Espagne Ancienne. No. 15. Grave para Thierry

Malte-Brun, Conrad, 1837
David Ramsey Historical Map Collection
<https://www.davidramsey.com>, imagem NO:0458015
pág.21

fig. 18 Parte meridional do Reyno de Portugal

N. Sanson d'Abbeville Geographo Ordinario del Rey Christianissimo
Publicação: Paris : em casa del autor, 1654
Registo SIIB/UC em https://webopac.sib.uc.pt/record=b2708836~S74*por
pág.21

fig. 19 Ramón Masats, Tomelloso, 1960.

AiPAC coord., Fronteiras e Projetos de Arquitectura, Paisagem e Território, 2018, p. 47
pág.21

fig. 20 Delimitação da Fronteira entre Portugal e Espanha

Desenho do autor a partir de cartografia disponível em <https://maps-for-free.com/#close>
pág.21

fig. 21 Albernaz, João Teixeira, I, fl. 1602-1649, produção: [Ca 1640], escala: [Ca 1:291000]

Atribuição de autor e datas com base em Armando Cortesão.
O mapa está orientado a leste, inclui a representação de cidades e outras povoações, bem como um pormenorizado sistema hidrográfico.
A representação estende-se a algumas regiões contíguas de Espanha, designadamente, a norte até Vigo e a sudoeste até Cádiz.
BNP - <https://purl.pt/23505>
representação, pelo autor, do limite de Fronteira actual sobre a cartografia.
págs.23 e 24

fig. 22 Monsaraz

Ilustração do autor
pág.25

fig. 23 Monsaraz

Fotografia de José Pires Gonçalves
Fonte: Gonçalves, José Pires. Monsaraz e seu termo: Ensaio Monográfico. Évora, Gráfica Eborense, 1962.
pág.26

fig. 24 Monsaraz . Fortaleza Medieval

Ilustração do autor
fotomotagem especulativa da fortaleza medieval
pág.27

fig. 25 Vista Sudoeste da fortaleza de Monsaraz.

Autor: Duarte de Armas
Livro das Fortalezas situadas no extremo de Portugal e Castela por Duarte de Armas, escudeiro da casa do rei D.Manuel I
Arquivo Nacional Torre do Tombo
<<https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3909707>>
Digitalização editada pelo autor.
pág.28

fig. 26 desenho do autor a partir do Mapa I . Rede dos castelos portugueses, 1350.1450
MONTEIRO, 1999
pág.28

fig. 27 Planta da Praça de Armas de Monsaraz

Autor: Duarte de Armas
Livro das Fortalezas situadas no extremo de Portugal e Castela por Duarte de Armas, escudeiro da casa do rei D.Manuel I
Arquivo Nacional Torre do Tombo
<<https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3909707>>
Digitalização editada pelo autor.
pág.29

fig. 28 Vista Noroeste da fortaleza de Monsaraz

Autor: Duarte de Armas
Livro das Fortalezas situadas no extremo de Portugal e Castela por Duarte de Armas, escudeiro da casa do rei D.Manuel I
Arquivo Nacional Torre do Tombo
<<https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3909707>>
Digitalização editada pelo autor.
pág.30

fig. 29 Villas queimadas em Castella e para as Villas tomadas em Castella, no contexto da Guerra da Restauração da independência de Portugal.

Albernaz, João Teixeira, I, fl. 1602-1649; Vorsterman, Lucas, fl. 1624-1667, grav. met.
Escala [ca 1:370000], 7 léguas espanholas [17,50 ao grau] = [11,90 cm].
Obra atribuída a João Teixeira Albernaz I e datada de cerca de 1646, cf. Armando Cortesão e Avelino Teixeira da Mota.
BNP - <https://purl.pt/918>
págs.31 e 32

fig. 30 Quadro do Marquês de Leganés sobre o combate de Alcaraviça (2 de Novembro de 1645).

Imagem disponível em Guerra da Restauração - Blog de História Militar dedicado à Guerra da Restauração ou da Aclamação, 1641-1668.
pág.32

fig. 31 Núcleo urbano da vila de Monsaraz / Núcleo intramuros de Monsaraz . Vista aérea

Fonte: SIPA . FOTO.0053493 . Disponível em http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00006512
pág.33

fig. 32 Núcleo urbano da vila de Monsaraz / Núcleo intramuros de Monsaraz . Vista aérea

Fonte: SIPA . FOTO.00006512 . Disponível em
http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00006512
pág.33

fig. 33 Monsaraz, o arrabalde

Autor: Artur Pastor
Arquivo Artur Pastor (2014–2024) – Arquivo #alentejo.
Disponível em https://arturpastor.tumblr.com/archive/tagged/alentejo?source=blog_view_login_wall.
Direitos de Autor do Arquivo Municipal de Lisboa/ Fotográfico.
pág.33

fig. 34 Projeto de fortificação para a praça de Monsaraz

LANGRES, Nicolau de, ? - 1665
Desenhos e plantas de todas as praças do Reyno de Portugal Pello Tenente General Nicolao de Langres
BN - <https://purl.pt/15387/5/P35.html>
imagem formatada pelo autor.
pág.34

fig. 35 Planta da Praça de Monsaraz

Autor: Miguel Luiz Jacob, 1755.
fonte: Direcção de Infraestruturas do Exército
pág.34

fig. 36 Planta da Praça de Monsaraz

autor: João António, Infante praticante da Academia Militar da Província do Alentejo e Praça de Estremoz, 1758.

fonte: direcção de infraestruturas do exército.

imagem formatada pelo autor.

pág.35

fig. 37 Vista aérea de Monsaraz

fonte: Imagem captada e editada a partir do Programa "Visita Guiada"

Monsaraz, Alentejo I Ep. 5 10 de Out 2022 I temporada 12.

pág.36

fig. 38 Cartografia com a distribuição das fortalezas e atalaias no espaço

Desenho do autor a partir de cartografia disponível em <https://maps-for-free.com/#close>

e de ortofotomapa de 1997, google earth.

págs.37 e 38

fig. 39 Atalaia em cena de guerra

Fonte: "Pillage of a village", pintura de Sebastian Vrancx, do período da Guerra dos 30 Anos (1618-1648). Museu do Louvre, Paris.

Adaptada pelo autor a partir da imagem disponível em <https://guerradarestauracao.wordpress.com/tag/monsaraz/>

pág.39

fig. 40 Cuba de São João Batista, com o cume da atalaia de São Gens no horizonte

autor: José Pires Gonçalves, 1964

Fonte:<https://monsarazemfotos.blogspot.com/p/a-historia-no-tempo.html>

formatada e editada pelo autor

pág.40

fig. 41 De Profundis . Psalm 130 (129)

Arvo Pärt, 1980.

Fonte: <https://www.arvopart.ee/en/arvo-part/work/531/>

pág.41

fig. 42 Atalaia

Autor: Duarte d'Armas

LIVRO DAS FORTALEZAS

excerto de imagem da representação do Castelo de Olivença.

Arquivo Nacional Torre do Tombo <<https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3909707>>

formatada pelo autor.

pág.42

fig. 43 Langres, Nicolau de Langres, 1656.

Este Mappa setirou por orden das Noi Jonne M.es de Vascoallos Tenente g.le de sua Mag. de anno de 1656

pello Tenenta g.^{Te} Niculas de Langres

Partie du cours du Guadania

Bibliothèque nationale de France, département Cartes et plans, GE C-5329

BNF (Biblioteca Nacional de França - <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb435947538>

págs.45 e 46

fig. 44 Cartografia com a Delimitação do Termo de Monsaraz e a rede de atalaias de Monsaraz

Desenho do autor a partir de cartografia disponível em <https://maps-for-free.com/#close> e de ortofotomapa de

1997, google earth.

pág.48

fig. 45 Configuração do terreno onde esta a Praça de Monsarás, suas vizinhanças, estradas, porto onde inverno há barca, e e verão se passa a vau

sem autor e sem data

Fonte: Direcção de Infraestruturas do Exército.

pág.52

fig. 46 atalaia das canas

imagem aérea elaborada e editada pelo autor

pág.53

fig. 47 vista a nascente da serra da barrada, com Monsaraz ao fundo.

imagem aérea elaborada e editada pelo autor.

pág.53

fig. 48 a atalaia, alçado virado a norte

fotografia feita e editada pelo autor.

pág.54

fig. 49 vista a sudeste, sobre os mosaicos agrícolas, com Monsaraz no horizonte.

fotografia a partir do topo da atalaia, feita e editada pelo autor.

pág.54

fig. 50 atalaia da rainha

fonte: SILVA, 1997

pág.55

fig. 51 vista a sudeste, com Monsaraz no horizonte

imagem aérea elaborada e editada pelo autor

pág.55

fig. 52 ruínas da atalaia das Cabanas da Choupana

fonte: SILVA, 1997

pág.56

fig.53 Atalaia de Calvinos

Portal do Arqueólogo

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=57202f>

imagens formatadas e editadas pelo autor

pág.58

fig.54 Atalaia de Calvinos

Portal do Arqueólogo

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=57202f>

imagens formatadas e editadas pelo autor

pág.58

fig.55 Atalaia de Calvinos

Portal do Arqueólogo

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=57202f>

imagens formatadas e editadas pelo autor

pág.58

fig.56 Atalaia de Monte do Gato

Portal do Arqueólogo

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=179617>

imagens formatadas e editadas pelo autor

pág.59

fig.57 Atalaia de Monte do Gato

Portal do Arqueólogo

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=179617>

imagens formatadas e editadas pelo autor

pág.59

fig.58 Atalaia de Monte do Gato

Portal do Arqueólogo

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=179617>

imagens formatadas e editadas pelo autor

pág.59

fig. 59 atalaia de São Gens

fotografia feita e editada pelo autor

pág.60

fig. 60 vista a noroeste com Monsaraz no horizonte

fotografia a partir do topo da atalaia, feita e editada pelo autor

pág.60

fig.61 Atalaia do Porto das Carretas

Portal do Arqueólogo

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=57187>

imagens formatadas e editadas pelo autor

pág.61

fig.62 Atalaia do Porto das Carretas

Portal do Arqueólogo

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=57187>

imagens formatadas e editadas pelo autor

pág.61

fig.63 Atalaia de Xerez de Baixo

Portal do Arqueólogo

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=179652>

imagens formatadas e editadas pelo autor

pág.62

fig.64 Atalaia de Xerez de Baixo

Portal do Arqueólogo

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=179652>

imagens formatadas e editadas pelo autor

pág.62

fig.65 Atalaia do Porto de Portel

Portal do Arqueólogo

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=57200>

imagens formatadas e editadas pelo autor

pág.63

fig.66 Atalaia do Porto de Portel

Portal do Arqueólogo

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=57200>

imagens formatadas e editadas pelo autor

pág.63

fig.67 Atalaia do Porto de Portel

Portal do Arqueólogo

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=57200>

imagens formatadas e editadas pelo autor

pág.63

fig.68 Vestígios da possível Atalaia do Moinho Novo

fonte: SILVA, 1997

imagem formatada pelo autor

pág.64

fig.69 Atalaia Cismeira

BLOCO 16, 1999

relatório geral. foto n7

pág.65

fig. 70 Atalaia do Trafal

fonte: SILVA, 1997

pág.66

fig.71 Atalaia do Cú de Pato

Portal do Arqueólogo

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=179722>

imagens formatadas e editadas pelo autor

pág.67

fig.72 Atalaia do Cú de Pato

Portal do Arqueólogo

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=179722>

imagens formatadas e editadas pelo autor

pág.67

fig.73 Atalaia do Cú de Pato I

Portal do Arqueólogo

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=179722>

imagens formatadas e editadas pelo autor

pág.67

fig.74 Atalaia do Meirinho

Portal do Arqueólogo

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=177347>

imagens formatadas e editadas pelo autor

pág.68

fig.75 Atalaia do Meirinho

Portal do Arqueólogo

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=177347>

imagens formatadas e editadas pelo autor

pág.68

fig.76 Atalaia do Meirinho

Portal do Arqueólogo

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=177347>

imagens formatadas e editadas pelo autor

pág.68

fig.77 Atalaia do Porto do Porto de Espada

Portal do Arqueólogo

imagens formatadas e editadas pelo autor

pág.69

fig.78 Atalaia do Porto do Porto de Espada

Portal do Arqueólogo

imagens formatadas e editadas pelo autor

pág.69

fig.79 Atalaia da Rocha da Gramacha

Portal do Arqueólogo

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=179568>

imagens formatadas e editadas pelo autor

pág.70

fig.80 Atalaia da Rocha da Gramacha

Portal do Arqueólogo

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=179568>

imagens formatadas e editadas pelo autor

pág.70

fig. 81 O lago visto de Monsaraz

Fonte: <https://opontodepartida.com/visitar-alqueva/>

imagem editada e formatada pelo autor

pág.74

fig. 82 Monsaraz e São Gens visto do Rio, 1956

IARP . Cód. ref.PT-OA-IARP-EVR-MOU03-001

OA . <http://www.oapix.org.pt/100000/1/713,01,11/index.htm>

pág.75

fig. 83 Monsaraz e São Gens visto do Lago, 2013

fotografia feita e editada pelo autor

pág.76

fig. 84 As atalaias e a transformação da paisagem

cartografia do autor a partir de ortofotomapa de 1997, google earth

pág.77

fig. 85 As atalaias e a transformação da paisagem

cartografia do autor a partir de ortofotomapa de 2002, google earth

pág.78

fig. 86 As atalaias e a transformação da paisagem

cartografia do autor a partir de ortofotomapa de 2003, google earth

pág.79

fig. 87 As atalaias e a transformação da paisagem

cartografia do autor a partir de ortofotomapa de 2007, google earth

pág.80

fig. 88 O lago do topo de São Gens, 2013

fotografia feita e editada pelo autor
págs. 81 e 82

fig. 89 Barragem de Alqueva . o início

Outromundo filmes, 2020
pág.84

fig. 90 A barragem de alqueva e o lago

SILVA, António Carlos, BERROCAL-RANGEL, Luis, (2005) - O Castro dos Ratinhos (Moura), povoado do Bronze Final do Guadiana: primeira campanha de escavações (2004).
Revista Portuguesa de Arqueologia.
volume 8.número 2.2005, pág. 130
pág.84

fig. 91 A atalaia e o lago

ilustração do autor
pág.85

fig. 92 Cartografia do lago com o sistema de Atalaias

Desenho do autor a partir de ortofotomapa google earth e cartas militares de 1976
págs.87 e 88

fig. 93 Cartografia do lago com o sistema de Atalaias

Desenho do autor a partir de mapa Geoportal LNEG e cartas militares de 1976
fonte: <https://geoportal.lneg.pt/mapa/>
págs.89 e 90

fig. 94 Old Man Log Shelter Alaska

Edward S. Curtis, Alaska. 1899
fonte: <https://www.mcmahanphoto.com/lc901--old-man-log-shelter-alaska-edward-s-curtis-photo.html>
pág.93

fig. 95 Cabana de Wittgenstein

Skjolden, Noruega
fonte: <https://fernandezmallo.megustaleer.com/2017/06/23/escalar-la-1a-directisima-a-la-cabana-wittgenstein/>
pág.94

fig. 96 Perimeters/Pavilions/Decoys

Mary Miss 1977-1978
fonte: <https://socks-studio.com/2014/06/22/mary-misss-1977-1978-perimeterspavilionsdecoys/>
pág.95

fig. 97 Abadia de St. Benedictusberg, Vaals 1967

Dom Hans van der Laan
fonte: <https://www.subtilitas.site/post/61035597943/more-of-dom-hans-van-der-laans-abbey-church-of>
pág.95

fig. 98 Estudo das proporções

Francesco di Giorgio Martini, séc. XV
fonte: https://www.progetti.iisleviponti.it/Le_forme_dei_numeri/html/vitruvio.html
imagem formatada pelo autor
pág.96

fig. 93 Cartografia do lago com o sistema de Atalaias . proposta de intervenção

Desenho do autor a partir de mapa Geoportal LNEG e cartas militares de 1976
fonte: <https://geoportal.lneg.pt/mapa/>
págs.97 e 98

fig. 100 Casa da atalaia das canas

fotomontagem a partir de imagem de drone elaborada e editada pelo autor
pág.101

fig. 101 Vista a nascente da serra da barrada com Monsaraz ao fundo

imagem feita a partir de drone elaborada e editada pelo autor
pág.101

fig. 102 Espaço de trabalho . vista sobre a paisagem

imagem elaborada pelo autor

pág.106

fig. 103 Casa da atalaia da serra da barrada

fotomontagem a partir de imagem de drone elaborada e editada pelo autor

pág.109

fig. 104 Vista a sudeste com Monsaraz e o lago ao fundo

imagem feita a partir de drone elaborada e editada pelo autor

pág.109

fig. 105 Espaço para o piano

imagem elaborada pelo autor

pág.112

fig. 106 Claustro . entrada . olhar a monsaraz

imagem elaborada pelo autor

pág.112

fig. 107 Claustro . entrada . olhar a monsaraz

imagem elaborada pelo autor

pág.114

fig. 108 Casa da atalaia de cabeços da rainha

fotomontagem a partir de imagem de drone elaborada e editada pelo autor

pág.117

fig. 109 Vista a sudeste com Monsaraz e o lago ao fundo

imagem feita a partir de drone elaborada e editada pelo autor

pág.117

fig. 110 Claustro . vista para o quarto

imagem elaborada pelo autor

pág.120

fig. 111 Claustro . entrada . quarto de banho

imagem elaborada pelo autor

pág.122

fig. 112 Casa da atalaia de s gens

fotomontagem a partir de imagem de drone elaborada e editada pelo autor

pág.125

fig. 113 Vista a poente com Monsaraz no horizonte

imagem feita a partir de drone elaborada e editada pelo autor

pág.125

fig. 114 Espaço de trabalho

imagem elaborada pelo autor

pág.130

fig. 115 Casa da atalaia do trafal

fotomontagem a partir de imagem de drone elaborada e editada pelo autor

pág.133

fig. 116 Ilha . a olhar para nascente

imagem feita a partir de drone elaborada e editada pelo autor

pág.133

fig. 117 “claustro” a olhar para o quarto

imagem elaborada pelo autor

pág.138

ATALAIAS DE MONSARAZ:
PONTOS SINGULARES

Uma proposta de arquitetura para experiências de solitude

MONSARAZ ATALAIAS: SINGULAR POINTS
An architectural proposal for experiences of solitude

Fábio Silva

Orientadores: Arq. Pedro Oliveira e Prof. Jorge Croce Rivera

Universidade de Évora
Mestrado Integrado em Arquitetura . 2024